



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Joanna Silveira Corrêa

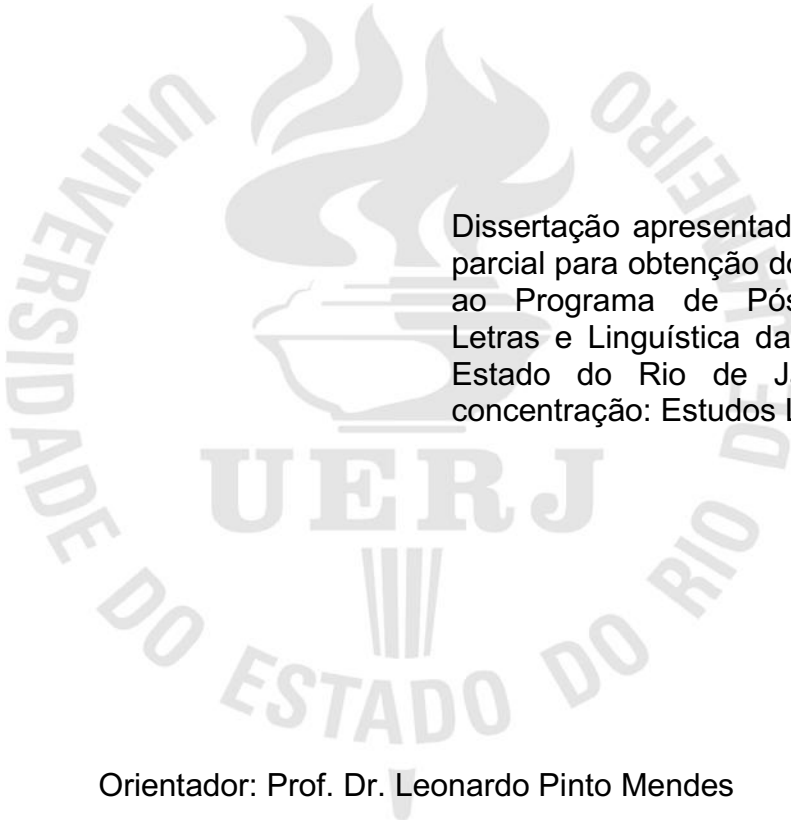
**Pedro de Castro do Canto e Melo, escritor naturalista: trajetória
biográfico-literária e estudo do romance *Mana Silvéria* (1913)**

São Gonçalo

2024

Joanna Silveira Corrêa

Pedro de Castro do Canto e Melo, escritor naturalista: trajetória biográfico-literária e estudo do romance *Mana Silvéria* (1913)



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Pinto Mendes

São Gonçalo

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

C824 Corrêa, Joanna Silveira.
TESE Pedro de Castro do Canto e Melo, escritor naturalista: trajetória biográfico-literária e estudo do romance *Mana Silvéria* (1913) / Joanna Silveira Corrêa. – 2024.
156f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Pinto Mendes.
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade
do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de
Professores.

1. Melo, Pedro de Castro do Canto e, 1866-1937 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Melo, Pedro de Castro do Canto e, 1866-1937. Mana Silvéria – Teses. 3. Naturalismo na literatura – Teses. I. Mendes, Leonardo Pinto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB/7 - 4994

CDU 869.0(81)-95

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Joanna S. Louisa

Assinatura

02 de agosto de 2024

Data

Joanna Silveira Corrêa

Pedro de Castro do Canto e Melo, escritor naturalista: trajetória biográfico-literária e estudo do romance *Mana Silvéria* (1913)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Literários.

Aprovada em 02 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Leonardo Pinto Mendes (Orientador)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof. Dr. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Haroldo Sereza
Universidade Federal de São Carlos

São Gonçalo

2024

AGRADECIMENTOS

O resultado deste trabalho não teria sido possível se eu não estivesse cercada pelas pessoas certas, que me moldaram e me fizeram ser quem eu sou hoje. Obrigada por nunca desistirem de mim e por continuarem aqui. Inclusive, a mim mesma.

A Deus, sem Ele nada seria possível.

À minha família, em especial à minha vovó, eu te amo e obrigada por todo o seu tempo comigo. Obrigada por terem ficado e me visto brilhar.

Ao Paulinho Franguinho, obrigada por todos os momentos em que você foi luz e iluminou toda a escuridão do mundo.

Ao João, obrigada por ter me dado o melhor dia da minha vida e por sempre estar comigo. E quando eu tiver 87 e você tiver 89, eu ainda olharei para você como as estrelas que brilham no céu.

Às amigadas que essa pesquisa e o mestrado me trouxeram: Anna Elisa, Lygia, Luiza e Matheus, obrigada por todos os momentos e todo o apoio de vocês.

Agradeço à banca formada pelo Prof. Haroldo Sereza e pelo Prof. Pedro Paulo Catharina pelas observações valiosas no exame de qualificação.

À UERJ por ter sido o primeiro lugar em que eu me senti em casa e onde eu pude crescer.

Ao meu orientador Leonardo Mendes por todo o suporte e disponibilidade.

RESUMO

CORRÊA, Joanna Silveira. *Pedro de Castro do Canto e Melo, escritor naturalista: trajetória biográfico-literária e estudo do romance Mana Silvéria* (1913). 2024. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

Esta dissertação tem por objetivo resgatar o papel desempenhado pelo escritor naturalista Pedro de Castro do Canto e Melo (1866-1934) no cenário literário do final do século XIX e começo do XX. Apoiada na esparsa bibliografia disponível sobre o autor, a pesquisa foi suplementada pela coleta de fontes primárias: resenhas, notas, crônicas, anúncios de livros, colunas e comentários críticos relacionados a Canto e Melo e sua obra, localizados na Hemeroteca Digital Brasileira da FBN. O estudo compila dados inéditos sobre o autor, a fim de lançar luz sobre sua trajetória literária e jornalística, até recentemente negligenciada pela historiografia tradicional. Nesta dissertação, destaca-se o segundo romance de Canto e Melo, *Mana Silvéria* (1913), sua obra mais conhecida. *Mana Silvéria* será comparado com três romances naturalistas luso-brasileiros do século XIX: *O crime do padre Amaro* (1875) de Eça de Queirós (1845-1900); *A carne* (1888) de Júlio Ribeiro (1845-1890) e *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel (1869-1914). As análises destacam o tratamento de *Mana Silvéria* de temas e métodos típicos do naturalismo, presentes nas outras obras, como a crítica ao escravismo, o anticlericalismo, o determinismo biológico, o personagem da mulher liberada e o final trágico.

Palavras-chave: Pedro de Castro do Canto e Melo; Mana Silvéria; naturalismo;
Romance brasileiro; século XIX.

ABSTRACT

CORRÊA, Joanna Silveira. *Pedro de Castro do Canto e Melo, naturalist writer: biographical and literary trajectory and study of the novel Mana Silvéria* (1913). 2024. 156 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2024.

This dissertation aims to recover the role played by naturalist writer Pedro de Castro do Canto e Melo (1866-1934) in the late 19th and early 20th centuries literary scene. Based on the sparse bibliography available on the author, the research was supplemented by the collection of primary sources: reviews, notes, chronicles, book advertisements, columns and critical comments related to Canto e Melo and his work, located in the FBN's Brazilian Digital Library. The study compiles unpublished data on the author to shed light on his literary and journalistic career, which until recently has been neglected by traditional historiography. This dissertation focuses on Canto e Melo's second novel, *Mana Silvéria* (1913), his best-known work. *Mana Silvéria* will be compared to three 19th century Portuguese-Brazilian naturalist novels: *O crime do padre Amaro* (1875) by Eça de Queirós (1845-1900); *A carne* (1888) by Júlio Ribeiro (1845-1890) and *O aborto* (1893) by Figueiredo Pimentel (1869-1914). The analyses highlight *Mana Silvéria*'s treatment of themes and methods typical of naturalism, present in the other works, such as the criticism of slavery, anti-clericalism, biological determinism, the character of the liberated woman and the tragic ending.

Keywords: Pedro de Castro do Canto e Melo; *Mana Silvéria*; naturalismo; brazilian Novel; 19th century.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Entrada da Escola Estadual Prof. Branca de Castro do Canto e Mello, São Paulo. Google Street Maps	21
Figura 2 –	Grupo de amigos do médico e cientista Francisco Franco da Rocha, no almoço realizado no Trianon, <i>A Vida Moderna</i> , São Paulo	32
Figura 3 –	Fundadores da Sociedade de Cultura Artística, <i>A Vida Moderna</i> , São Paulo	34
Figura 4 –	Quadro Roma intangible (1888), de Antônio Muzzi	40
Figura 5 –	Dedicatória ao Dr. Francisco Franco da Rocha no romance <i>Alma em delírio</i>	62
Figura 6 –	Trechos de Bucólica, <i>Correio Paulistano</i> , São Paulo	69
Figura 7 –	Trechos de <i>Bucólica</i> na revista <i>Fon Fon : Semanario Alegre, Político, Crítico e Espusiente</i> , São Paulo	70
Figura 8 –	Trechos de Bucólica, <i>Correio Paulistano</i> , São Paulo	71
Figura 9 –	Trechos de Relíquias da Memória, “A marcação”, <i>A Vida Moderna</i> , São Paulo	75
Figura 10 –	Trechos de <i>Relíquias da Memória</i> , “Sonhos”, <i>A Vida Moderna</i> , São Paulo	76
Figura 11 –	Caricatura de Canto e Melo na revista <i>D. Quixote</i> , Rio de Janeiro	79
Figura 12 –	Quadro <i>Tiradentes Esquartejado</i> (1893), de Pedro Américo de Figueiredo e Melo	92
Figura 13 –	Quadro <i>Morte de Brunehaut (ou Brunehilde)</i> (1825), de Ambroise Tardieu	93
Figura 14 –	Canto e Melo em foto publicada na revista <i>Careta</i> , Rio de Janeiro	101

Figura 15 –	Capa da edição brasileira de 1959 do romance <i>Lolita</i> , de Vladimir Nabokov, pelo artista gráfico Eugênio Hirsch	113
Figura 16 –	Fotografia de Eugênio Hirsch e Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira	114
Figura 17 –	Capa dos <i>Cadernos do Povo Brasileiro</i> , editadas em 1962 pela editora Civilização Brasileira, criada pelo artista gráfico Eugênio Hirsch	114
Figura 18 –	Capa da edição brasileira de 1965 do romance <i>Os diamantes são eternos</i> , de Ian Fleming, criada por Eugênio Hirsch	115
Figura 19 –	Capa da edição de 1970 do romance <i>O moleque Ricardo</i> , de José Lins do Rego, pela Livraria Jose Olympio Editora, criada por Eugênio Hirsch	115
Figura 20 –	Capa da edição de 1961 de <i>Mana Silvéria</i> , criada por Eugênio Hirsch	117

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	PEDRO DE CASTRO DO CANTO E MELO: POETA, ADVOGADO E JORNALISTA	20
1.1	Notas Bibliográficas	20
1.2	Bacharel em Direito	23
1.3	Vida Literária	25
1.3.1	<u>Reuniões, homenagens e o elogio mútuo</u>	26
1.3.2	<u>A Sociedade de Letras e Artes</u>	33
1.3.3	<u>As enquetes literárias</u>	36
1.3.4	<u>Poeta</u>	46
1.3.5	<u>Jornalista</u>	57
2	OBRAS PUBLICADAS	61
2.1	Alma em delírio (1912)	61
2.2	Bucólica (1914)	68
2.3	Relíquias da memória (1920)	72
2.4	Recordações (1923)	79
3	MANA SILVÉRIA (1913)	82
3.1	Resumo do enredo	82
3.2	Críticas positivas	99
3.3	Críticas negativas	104
3.4	A reedição de 1961	109

4	MANA SILVÉRIA EM RELAÇÃO A OUTROS ROMANCES NATURALISTAS	125
4.1	Mana Silvéria e A carne, de Júlio Ribeiro	125
4.2	Mana Silvéria e O aborto, de Figueiredo Pimentel	128
4.3	A “mulher histérica” em Mana Silvéria, A carne e O aborto	133
4.4	A fazenda escravista em Mana Silvéria e A carne	135
4.5	O anticlericalismo em Mana Silvéria e n’O crime do padre Amaro, de Eça de Queirós	138
	CONCLUSÕES	142
	REFERÊNCIAS	144

INTRODUÇÃO

O tema dessa dissertação começou a se delinear nos anos finais da minha graduação em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com habilitação em português-inglês. O que se iniciou como um resgate do nome do artista esquecido Pedro de Castro do Canto e Melo (1866-1934), se transformou num estudo focado não só em recuperar dados bibliográficos do escritor, como também estudar detalhadamente o romance *Mana Silvéria*, publicado por ele em 1913, em São Paulo. Na graduação, o título da pesquisa, financiada por uma bolsa de Iniciação Científica (IC) da FAPERJ (2020-2022), foi “Pedro de Castro do Canto e Melo (1866-1934), pequeno naturalista”. A princípio, como sabíamos pouco sobre o autor e sua obra, o projeto tinha o objetivo amplo de contar a história de Canto e Melo, no intuito de produzir um conhecimento novo sobre o naturalismo no Brasil, trazendo à luz dados, vertentes, autores e obras esquecidos.

O termo “pequeno naturalista” foi criado em 1883 pelo crítico francês Ferdinand Brunetière (1849-1906) para se referir a escritores naturalistas franceses menos conhecidos e considerados menos importantes do que os mestres Émile Zola (1840-1902) e os irmãos Jules e Edmond de Goncourt, tais como Paul Alexis (1847-1901) e Alphonse Daudet (1840-1897) (BECKER; DUFIEF, 2000). No entanto, no trabalho de graduação usamos o termo “pequeno” de forma crítica e desafiadora, rejeitando o sentido de rebaixamento do contexto francês original, mas de qualquer modo ainda proveitoso para descrever o lugar subalternizado de escritores naturalistas pouco conhecidos, mal compreendidos ou esquecidos, como Pedro de Castro do Canto e Melo.

O método utilizado na pesquisa na graduação, na elaboração da monografia final do curso e na expansão da pesquisa para o mestrado, foi essencialmente a busca de informações sobre Canto e Melo e sua obra em jornais e periódicos, já que a bibliografia crítica sobre ele é escassa. Utilizamos os mecanismos de busca *online* na Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional. Usamos os termos de busca “Canto e Melo”, “Canto e Mello”, “Pedro do Canto e Mello”, “Pedro de Castro do Canto e Mello”

etc. Embora a maior parte das referências a “Canto e Mello” localizadas pela pesquisa estivessem ligadas ao autor de *Mana Silvéria*, tal sobrenome não era incomum, e muitos outros “Canto e Mello” povoam os jornais, relacionados ou não ao escritor.

O uso da Hemeroteca foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa e permitiu a rápida localização de informações necessárias para fazer um resgate literário e biográfico razoavelmente detalhado de Canto e Melo. Em periódicos brasileiros e portugueses dos séculos XIX e XX, coletamos notícias, notas, crônicas, colunas, resenhas dos romances publicados, obituários, críticas e enquetes literárias sobre o escritor gaúcho e seu lugar na vida literária da *Belle Époque*. Apesar do volume de dados coletados, estamos cientes de que muitos documentos sobre o escritor Canto e Melo escaparam à nossa busca, tanto nos periódicos já digitalizados na Hemeroteca Digital Brasileira, quanto naqueles ainda por digitalizar.

Pedro de Castro do Canto e Melo nasceu em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, no dia primeiro de janeiro de 1866, e faleceu em São Paulo em 1934. Migrou jovem para a capital paulista, onde estudou e simultaneamente seguiu carreira artística. Apesar de descendente de uma família de militares, optou por estudar Direito, enquanto colaborava em vários jornais paulistanos. Além de sua produção jornalística, ainda basicamente esquecida nos periódicos, Canto e Melo publicou cinco livros, todos no começo do século XX, quando já tinha mais de 40 anos de idade e mais de 20 de carreira: os romances naturalistas *Alma em delírio* (1912) e *Mana Silvéria*; os romances *Relíquias da Memória* (1920) e *Recordações* (1923), baseados nas memórias do escritor, mas com histórias e personagens inventados; e o poemeto *Bucólica* (1914).

Dos romances de Canto e Melo, *Mana Silvéria* foi possivelmente o mais impactante, comentado e conhecido, tendo sido reeditado em 1961 pela editora Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro, numa tentativa de revitalização da obra do escritor e redescoberta de seu nome, como veremos no capítulo 3 desta dissertação. A escolha de *Mana Silvéria* como o mais representativo romance de Canto e Melo pelo editor Ênio Silveira, 27 anos após sua morte, confirma sua importância no *corpus* do naturalismo brasileiro e justifica seu lugar de destaque no trabalho. Usaremos um exemplar da edição de 1961 como texto base do estudo.

A noção de naturalismo desta pesquisa diverge da opinião comum sobre a

estética encontrada nos manuais mais conhecidos de literatura brasileira. Estudos como o de Lúcia Miguel-Pereira, em *Prosa de Ficção* e o de Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, entre outros, frequentemente reduzem o naturalismo ao “romance científico” imitado da França e com data de validade, situando seu fim no final do século XIX. Em contraste com a posição canônica, esta pesquisa compreende o naturalismo brasileiro como o movimento artístico e cultural dominante do século XIX e XX, que não tem delimitação de finitude e não se limita ao naturalismo francês mediado por Émile Zola (1840-1902).

Na obra *Naturalist fiction, The entropic vision* (1990), David Baguley propõe haver ao menos duas vertentes do naturalismo oitocentista: o trágico e o cômico (ou desiludido). De modo esquemático, o naturalismo trágico inclui as narrativas ficcionais que exaltavam a razão, o progresso e o pensamento científico, enquanto o naturalismo cômico desconfiava dessa trindade, sem deixar de conceber o homem como um corpo natural e mortal” (MENDES; VIEIRA, 2012, p. 140-141). De acordo com os dados estudados nessa pesquisa, tanto *Alma em delírio* quanto *Mana Silvéria* se amoldam à vertente do naturalismo trágico.

O viés trágico explora temas potencializados pela nova urgência de compreender o homem através de “leis inexoráveis que ameaçavam a essência humana” (MENDES; VIEIRA, 2012, p. 141). O desejo sexual passou a fazer parte das narrativas naturalistas: “O desejo era elemento essencial do corpo e por isso o conflito da vida dos personagens naturalistas se dava, em primeiro lugar, “nas suas veias”. Disso deriva o tema da “sexualidade feminina catastrófica” (BAGULEY 1990), que será abordado e discutido posteriormente no capítulo 4.

Assim, é possível compreender que o romance naturalista deve ser compreendido como uma categoria mais ampla do que as concepções restritas de “romance científico” ou “romance experimental”, tradicionalmente impostas como equivalentes ao “romance naturalista” (MENDES, 2012).

A história literária geralmente atribui o início do naturalismo no Brasil ao aparecimento do romance *O mulato* (1881), de Aluísio Azevedo (1857-1913). Alfredo Bosi (1970) segue essa cronologia e define o movimento naturalista-realista brasileiro como um mecanismo de repetição do cotidiano do homem na sociedade, descrevendo-o

como “uma grande mancha pardacenta que se alonga aos nossos olhos: cinza como o cotidiano do homem burguês, cinza como a eterna repetição dos mecanismos de seu comportamento” (BOSI, 1970, p. 173). Bosi tende a rejeitar a visão naturalista de mundo, caracterizando o movimento como adepto da moral cinzenta do determinismo, com personagens e enredos que se submetiam ao fatalismo das ‘leis naturais’ que a ciência julgava ter decifrado (BAGULEY, 1990).

O naturalismo francês marcou tanto a literatura quanto a política brasileiras no final do século XIX. Na literatura brasileira, os romances de Aluísio de Azevedo e Adolfo Caminha (1867-1897) destacam a importância das obras de Émile Zola como “matriz do naturalismo brasileiro” (CORRÊA, 2011, p.13.), explorando temas e personagens comuns, como o “padre sem fé” e a representação de classes menos favorecidas. Na política, “contribuiu para a abolição da escravidão e, um ano depois, para a Proclamação da República” (CORRÊA, 2011, p. 13). No entanto, apesar das influências francesas, o naturalismo brasileiro possui seus próprios “traços particulares de brasilidade”, evidenciados pela inserção de conflitos urbanos nas narrativas e pelo cenário da fazenda escravista (SEREZA, 2021).

O naturalismo brasileiro buscou representar literariamente os marginalizados e os excluídos, do ponto de vista racial, social e de orientação sexual. Ao mesmo tempo, contribuiu para expor os abusos sociais da sociedade, auxiliando na construção de uma nova poesia sobre a vida urbana. Além disso, participou na formulação de novas maneiras de se conceber a vida, o homem e a literatura, indo além de seu “aspecto artístico” (CORRÊA, 2011).

No final do século XIX, o movimento naturalista começou a se consolidar na França por meio de um de seus principais idealizadores, Émile Zola, e de seus romances, como *Thérèse Raquin* (1867), *L'Assommoir* (1876), o ensaio *O romance experimental* (1880), entre outras obras. O movimento naturalista perpetuava suas ideias através da já difundida vertente radical do movimento realista oitocentista (BAGULEY, 1990). Destacava-se pela ênfase nas ciências biológicas e sociais que influenciavam o comportamento humano. Nesse contexto, a arte não copiava a realidade, mas recriava e expressava de maneira fiel e autêntica os aspectos mais crus e realistas da vida humana, com especial interesse pela ciência e pelo progresso

intelectual e individual do homem.

Buscando retratar a realidade de forma objetiva e científica, o naturalismo se fez presente em muitos romances do final do século XIX e início do XX, que exploravam temas como o abolicionismo, os instintos animais e carnais nos seres humanos, a hereditariedade, a doença, a miséria, o adultério, o anticlericalismo, entre outros, considerados cruciais para compreender o desenvolvimento comportamental dos seres humanos, tanto psicológica quanto socialmente.

Canto e Melo foi esquecido pela crítica literária brasileira, e poucos são os historiadores da literatura que o mencionam. No entanto, a pesquisa revelou que ele foi, no seu tempo, um escritor conhecido e bem relacionado, objeto de críticas e análises na imprensa, costumeiramente pouco amistosas, de críticos literários e homens de letras.

Um exemplo de crítica negativa aparece no livro *Através dos romances: guia para as consciências*, de Frei Pedro Sinzig (1876-1952), publicado em 1915 pela editora católica Vozes, dois anos depois de *Mana Silvéria*. Os dois primeiros romances de Canto e Melo aparecem como livros imorais, insensatos e inadequados para a leitura, seguindo a sina de outras obras naturalistas do período.

CANTO E MELLO. – 3.634 – *Alma em delírio*. “Cui prodest?” perguntará o leitor sensato. Livro desconsolador. Algumas evocações da fantasia são inconvenientes. 3.635
– *Mana Silvéria*. É incrível que se encontre quem escreva e quem imprima semelhantes infâmias (SINZIG, 1923, p. 165).

Na *História da inteligência brasileira*, Wilson Martins menciona brevemente *Mana Silvéria* como uma novela superestimada, considerando-a uma obra naturalista paradigmática, o que não parece se confirmar pelas fontes consultadas nesta pesquisa. Para Martins, o romance foi uma tentativa malsucedida de acrescentar um capítulo ao romance de Eça de Queiroz (1845-1900), *O crime do padre Amaro* (1875), quase 40 anos depois do seu aparecimento. Os romances têm semelhanças e abordam temas considerados polêmicos na época, que serão analisadas posteriormente.

O romance *Relíquias da Memória* foi incluído por João Pinto da Silva na sua *História Literária do Rio Grande do Sul* (2013), já que Pedro de Canto e Mello era gaúcho. *Alma em Delírio* é para o historiador o romance mais belo do escritor. Canto e Melo seria o único naturalista gaúcho, mas “da periferia do naturalismo” (SILVA, 2013,

p. 173). Associa sua fantasmagoria à literatura do escritor norte- americano Edgar Allan Poe, numa interface que foi notada pela primeira recepção. O naturalismo convive bem com o estilo gótico. No naturalismo, o gótico exprime sentimentos de terror sem recorrer ao sobrenatural romântico (FRANÇA; SENA, 2015).

Nesse volume (*Relíquias da Memória*), bem como na *Alma em delírio*, que é o mais belo dos seus romances, as personagens, em geral, criaturas dolorosas, verdadeiras teses ambulantes de psicologia mórbida, comunicam-se diretamente com o leitor, sob a forma de confissões, diálogos e ementários. Travam relações conosco, assim ao primeiro encontro, quase que se poderia dizer de "viva voz", e é com intenso interesse que lhe escutamos a narrativa autobiográfica dos episódios e incidentes, dos dramas e tragédias em que se envolvem, fazendo nos olvidar o romancista, que habilmente se apaga por detrás delas, quando não prefere vir também falar, viver, diante de nós no primeiro plano. Desse método arranca o sr. Canto e Mello todos os efeitos, evitando-lhe os inconvenientes, dentre os quais o pior costuma ser a monotonia. Salva-o a circunstância dos seus tipos principais incarnarem temperamentos bizarros e dramáticos. Lembram, em geral, escorchados morais, de hiperaguda sensibilidade; sobre a carne deles, o simples contato com o ar e com o sol parece gerar indizível sofrimento, como ocorre a certos heróis fantásticos de Poe. (SILVA, 1930, p. 174 e 175).

Canto e Melo publicou suas obras no início do século XX, quando o naturalismo já era considerado por alguns críticos como um movimento ultrapassado. Seguindo essa tendência, Lúcia Miguel-Pereira, na sua obra *Prosa de Ficção: História da literatura brasileira (1870-1920)*, enquadra o escritor num grupo chamado por ela de “naturalistas retardatários” (1973, p. 139), que publicaram suas obras no início do século XX, quando, segundo ela, o movimento já havia perdido o vigor e “a sedução da novidade”. Por esse raciocínio, próprio de um imaginário romântico (que privilegia a originalidade e a novidade), os “retardatários” não tinham o mesmo valor dos pioneiros de prosa naturalista, das décadas de 1870 e 1880.

Para Miguel-Pereira, *Mana Silvéria* seria mesmo o melhor romance de Canto e Melo, “merecedor de melhor êxito”. Apesar de seguir “uma moda caduca” (1973, p. 140), era um bom exemplo de livro naturalista. A historiadora identifica marcas de Émile Zola na obra de Canto e Melo:

É, todavia, com Canto e Melo que mais patente se torna a infelicidade dos romancistas que tentaram seguir a corrente naturalista quando já se esgotara a sedução da novidade. Em *Alma em delírio*, estudo do alcoolismo, e sobretudo em *Mana Silvéria*, não faltam as melhores características de Zola (MIGUEL-

PEREIRA, 1973, p. 139- 140).

Em *O naturalismo no Brasil* (1965), Nelson Werneck Sodré segue Lucia Miguel-Pereira quase literalmente, chegando a reproduzir parágrafos inteiros da historiadora. Canto e Melo é comparado com o escritor pernambucano Joaquim José de Faria Neves Sobrinho (1872-1924), autor do romance *Morbus* (1898), outro escritor “retardatário” do naturalismo, que surge na alvorada do século XX, confirmando assim o declínio da estética no Brasil.

Outras obras naturalistas, como *A luta* (1911), da escritora carioca Carmem Dolores (1852-1910), *O vil metal* (1911), do paulista Manuel Batista Cepelos (1872-1915), os romances do baiano José Manuel Cardoso de Oliveira (1865- 1962) e do mineiro Avelino F scolo (1864-1944), respectivamente, *Dois Metros* e *Cinco* (1905) e *O caboclo* (1902), também são incluídos por Sodré no grupo dos “retardatários” do naturalismo.

Canto e Melo fecha, praticamente a seriação esporádica desses retardatários naturalistas, ou falsos naturalistas, e fecha com a observância, como em Faria Neves Sobrinho, dos rigores da escola. Se, em *Morbus*, surgia a velha história de uma tara que segue ao longo de gerações, por fatalidade inexorável, *Alma em delírio* e *Mana Sil ria*, os romances de Canto e Melo, repetem essa mesma destinação. São, entretanto, como o livro de Faria Neves Sobrinho, merecedores de reimpressão, porque não guardam apenas defeitos e esquemas (SODRÉ, 1965, p. 197).

Em *Literatura e sociedade* (1965), Antônio Candido expressou sua opinião sobre Canto e Melo numa breve nota: “No romance, o naturalismo, desprovido da forte convicção determinista que animou um Aluísio Azevedo e um Adolfo Caminha, enlanguesce nas mãos de Emanuel Guimarães, Xavier Marques, Canto e Mello” (CANDIDO, 2006, p. 119). O uso do verbo “enlanguescer” sugere a ideia de enfraquecimento do naturalismo e destaca a presença de Canto e Melo entre os protagonistas do declínio do movimento, como também Sodré e Miguel Pereira indicaram mais ou menos na mesma época.

A fim de ilustrar narrativas com doenças em seus enredos, Claudio Bertolli Filho, em *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950* (2001), menciona os romances de Canto e Melo brevemente como livros moralistas, lidos em internatos

religiosos, o que não parece se confirmar pelas fontes levantadas nesta pesquisa. Segundo sugestão do próprio romancista, o historiador classifica *Alma em Delírio* como um “estudo psicológico”.

Pedro de Castro Canto e Mello, escritor que alcançou relativo sucesso com textos moralistas, tornando-se literatura recomendada para os alunos adolescentes dos internatos religiosos. Em *Alma em Delírio*, editado em 1912 (sic), Canto e Mello incorporou a teoria médica segundo a qual a doença de Koch e a loucura eram patologias associadas, compondo o que ele próprio classificou como sendo um “estudo psicológico”. [...] *Alma em Delírio* foi anunciada como uma “história verdadeira” (BERTOLLI FILHO, 2001, p. 107). As referências a Canto e Melo nos manuais de literatura brasileira se extinguíram com o passar do tempo, e a tentativa de revitalizar o romance *Mana Silvéria* e trazê-lo de volta à popularidade com sua reedição em 1961 fracassou.

Canto e Melo e seu primeiro romance foram objeto de estudo em uma dissertação de mestrado. Rodrigo Mingotti (2021), em seu trabalho intitulado *Heranças do romance naturalista: alcoolismo e distúrbios psicológicos em Alma em delírio, de Canto e Mello*, conclui que o escritor gaúcho segue o estilo de Zola e reproduz a tese canônica, proposta por Miguel Pereira e Sodré, de que sua obra marca “o fim do naturalismo no Brasil” (MINGOTTI, 2021, p. 119).

Com relação a *Alma em delírio*, a construção em diário íntimo, as referências ao real e à sociedade brasileira do século XIX, as considerações a respeito do alcoolismo, da loucura decorrente, dos determinismos do meio, das cidades de Campos do Jordão e do Rio de Janeiro (respectivamente como locais de cura e de agravamento doentio), a presença do hospício mediado pela medicina social, e outras referências mais demonstradas aqui, apontam para a constituição de um romance naturalista e experimental, aos moldes de Zola (MINGOTTI, 2021, p. 120).

De modo a evitar noções pré-concebidas de naturalismo, buscando compreender os sentidos atribuídos ao romance por seus contemporâneos, a dissertação se concentrará nas recepções midiáticas na época do lançamento do romance, em 1913, e na ocasião de sua reedição, em 1961. Além disso, vamos analisar e interpretar a trama literária da obra, personagens, cenários e temas, comparando-os com outros romances naturalistas do período.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo oferece um perfil biográfico-literário de Canto e Melo, desde

seu nascimento em Jaguarão no Rio Grande do Sul, até a mudança para São Paulo, com a intenção de seguir a carreira militar, destino que acabou interrompido quando ingressou na Faculdade de Direito. Delimitaremos a trajetória da atuação jornalística de Canto e Melo nos periódicos paulistas, como um dos fundadores do *Diário Popular*, onde atuava como redator e crítico literário, enquanto exercia a função de auxiliar de redação no *Diário Oficial*. Veremos suas atividades na vida literária de São Paulo, sua presença em reuniões e homenagens, assim como sua atuação como advogado após obter o diploma de bacharel, em 1891. O segundo capítulo apresenta as obras publicadas por Canto e Melo ao longo da carreira, com exceção de *Mana Silvéria*, a quem dedicamos um capítulo à parte, o terceiro, tendo a vista a centralidade deste romance na trajetória do escritor. Fazemos uma apresentação dos romances *Alma em delírio*, *Relíquias da Memória*, *Recordações*, e do poemeto *Bucólica*, suas características e contextos de publicação, *assim* como investigamos as recepções midiáticas que obtiveram em seus lançamentos.

O terceiro capítulo apresenta um resumo do enredo e descreve a recepção midiática de *Mana Silvéria* em 1913 e nos anos seguintes. Abordaremos as resenhas e críticas relacionadas à estreia do romance no meio literário paulistano, e como foi recebido e compreendido por apoiadores e detratores de Canto e Melo. Daremos destaque aos comentários negativos publicados na revista modernista *O Pirralho*, dirigida por Oswald de Andrade. O capítulo também estuda a reedição e a recepção midiática de uma nova edição de *Mana Silvéria* no ano de 1961, pela editora Civilização Brasileira.

O quarto e último capítulo faz uma análise comparativa de *Mana Silvéria* com outros romances naturalistas brasileiros do final do século XIX. O capítulo será estruturado a partir do reconhecimento de aspectos e princípios estéticos de romances naturalistas precedentes, que aparecem em *Mana Silvéria*. O romance será comparado com *O crime do Padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós; *A carne*, (1888) de Júlio Ribeiro, e o polêmico *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel. A comparação entre os romances focará nas características naturalistas que compartilham, como a crítica ao escravismo, o anticlericalismo, o determinismo biológico, a presença da mulher liberada e dona de suas ideias, e a prevalência do fim trágico que molda o desfecho dos

romances.

O estigma de “retardatário” atribuído a Canto e Melo por Lucia Miguel- Pereira e seus seguidores contribuiu para perpetuar seu esquecimento, contribuindo para a falta de estudos sobre o autor naturalista e sua obra (CORRÊA, 2022). Esta dissertação tem como objetivo preencher essas lacunas e apresentar as contribuições de Canto e Melo para a história da literatura brasileira, proporcionando uma nova compreensão sobre ele e o naturalismo no Brasil.

1 PEDRO DE CASTRO DO CANTO E MELO: POETA, ADVOGADO E JORNALISTA

1.1 Notas biográficas

A delimitação da trajetória do escritor Pedro de Castro do Canto e Melo, através de menções na Hemeroteca Digital Brasileira, começa quando tinha 15 anos e tentava ingresso no Curso Preparatório da Escola Militar, no Rio de Janeiro, para onde se mudou com a família, em 1880 ou 1881. Foi nessa época que começou a escrever e publicar poesia.

A família de Canto e Melo vinha de uma tradição de homens que seguiam a carreira militar. Era esperado que Pedro seguisse os passos do pai, o tenente coronel Francisco de Castro de Canto e Melo (MINISTÉRIO DA GUERRA, 1881, p. 2). Os primeiros passos do escritor na carreira militar, incluindo a licença para ingressar no curso preparatório para a Escola Militar, também foram noticiados no *Diário do Brasil*, em 26 de julho de 1881, e no *Tribuna Militar*, em 29 de setembro de 1881, ambos do Rio de Janeiro (CONCEDEU-SE AO PAISANO PEDRO DE CASTRO DO CANTO E MELO, 1881, p. 3).

Não encontramos registros da entrada de Canto e Melo na Escola Militar, mas sabemos de sua presença no estabelecimento em dezembro de 1883 (ASSALTO DE ARMAS, 1883, p. 1). Essa menção ocorreu devido a um incidente no qual o jovem escritor, junto com outros alunos, impediram um assalto ao arsenal de armas da escola, que coincidiu com uma visita de Pedro II à instituição. Entretanto, a bravura de Canto e Melo não foi admirada por muito tempo. Em novembro de 1885, o estudante, então com 19 anos, foi convidado a se retirar da escola (ESCOLA MILITAR, 1885, p. 2). O pedido decorreu de acusações de insubordinação, devido ao comportamento impróprio de Canto e Melo à filosofia militar. O desligamento ocorreu 12 dias depois e foi concluído no ano seguinte (REQUERIMENTOS DESPACHADOS, 1886, p. 1).

Por cerca de dois anos, as atividades de Canto e Melo desaparecem dos jornais. Seu pai foi transferido para a guarnição militar de S. Paulo e Pedro veio com ele.

Decidido a seguir carreira jurídica, em novembro de 1888 é aprovado no exame de admissão para a Faculdade de Direito de São Paulo (TELEGRAMMAS, 1888b, p. 2). Posteriormente, ainda naquele ano, se envolveu numa briga na faculdade, embora não se tenha sido divulgado o motivo do tumulto (TELEGRAMMAS, 1888a, p. 1). O evento sugere que os problemas comportamentais do jovem Pedro não haviam se apaziguado com a saída da Escola Militar.

Em 1891, Canto e Melo se casou com Anésia Giraudon, filha do maestro Dr. G. Giraudon (CASAMENTO CIVIL, 1891, p. 1). *O Mercantil*, na edição de 12 de março, noticiou para breve a realização do casamento civil do casal, que ocorreu no dia 31 de março. O jornalista Horácio de Carvalho, do jornal *Nacional*, de Santos, foi o padrinho do noivo. A noiva teve como padrinho A. P. Rodovalho Junior (CONSORCIO, 1891b, p. 1). *O Correio Paulistano* parabenizou Canto e Melo pelo casamento (CONSORCIO, 1891a, p. 1).

Dois anos depois, a união passaria por contratempos, quando o primogênito do casal nasceu sem vida (DIVERSAS, 1893, p. 2). Na segunda tentativa, antes da virada do século, tiveram uma filha, Branca de Castro do Canto e Melo, que fez Escola Normal e se tornou professora em São Paulo, a partir de meados da década de 1910. Sua trajetória foi importante o bastante para seu nome ser dado a uma escola da rede estadual paulista no bairro do Sítio Pinheirinho (fig. 1).

Figura 1 - Entrada da Escola Estadual Prof. Branca de Castro do Canto e Melo, na rua Costa Barros, 2521, Sítio Pinheirinho, São Paulo



Fonte: Google Street Maps. Foto mar. 2023.

Por 20 anos Canto e Melo sofreu de hidrocele testicular (aumento do volume dos testículos causado por acúmulo de fluidos na bolsa escrotal), curada em 1905 pelo médico Leonídio Ribeiro. Segundo a matéria autocongratulatória do médico, o escritor pertencia ao grupo de pessoas “muito conceituadas e conhecidas” que haviam sido curadas por ele (HYDROCELE, 1910, p. 9).

Em 17 de janeiro de 1906, Canto e Melo perdeu o pai (CHRONICA SOCIAL, 1906, p. 2). Em 24 de janeiro de 1933 ficou viúvo (PÊSAMES, 1933, p. 2).

Canto e Melo morreu no dia 1 de novembro de 1934, em São Paulo. A pesquisa ainda não encontrou a causa da morte. O enterro ocorreu no Cemitério da Consolação. No dia seguinte, o *Correio Paulistano* publicou o maior obituário do escritor localizado pela pesquisa (FALLECEU O NOTAVEL ESCRITOR CANTO E MELLO, 1934, p. 9). Devido a sua importância como registro biográfico de Canto e Melo, reproduzimos o obituário completo do *Correio Paulistano*:

Faleceu anteontem, nesta capital, o conhecido escritor dr. Pedro de Castro Canto e Melo.

Nascido na cidade de Jaguarão, no Rio Grande do Sul, ali fez os seus primeiros estudos. Mais tarde, em companhia de seus pais, foi para o Rio de Janeiro.

Tendo as honras de Cadete, matriculou-se na Escola Militar, juntamente com outros rapazes, todos de grande talento.

Tendo sido seu pai, o coronel Canto e Melo, transferido para a guarda militar de S. Paulo, pediu sua transferência para a Companhia de Cavalaria, que aqui estacionava. Ao mesmo tempo em que prestava serviços militares completou seus estudos preparatórios e matriculou-se na nossa Faculdade de Direito.

Em 1891, recebeu o grau de bacharel em Direito. A sua turma foi uma das mais numerosas e que nos deu numerosos homens de real mérito para a vida prática.

Exerceu a advocacia e pleiteou o cargo de juiz de direito. Não tendo sido nomeado, continuou no exercício da profissão, que exercia com toda a dedicação e probidade. Foi advogado do Mosteiro de São Bento e de importantes firmas de nossa praça. Foi um dos fundadores da Sociedade de Cultura Artística e publicou várias obras de valor, entre as quais: o romance *Alma em delírio*, foi dado à publicidade em 1912. Alcançando aplausos da crítica e grande êxito de livraria. Seguiu-se a esse romance *Mana Silvéria*, *Recordações* e *Relíquias da memória*; um poemeto em versos, *Bucólica*, que se destaca pela delicadeza do entrecho e simplicidade.

Foi por muito tempo colaborador do *Diário Popular* e redator do *Diário Oficial* do Estado.

A sua morte causou consternação entre todos que mantiveram com ele

relações e que o conheciam de perto. Era um belo talento e um grande coração, muito atencioso para quem o procurasse; a todos servia com prazer. Era viúvo de d. Anésia Girandon Canto e Melo e deixa uma única filha, professora d. Branca de Castro e Melo.

O enterro realizou-se ontem, às 17 horas, saindo o féretro da rua Nestor Pestana, 25.

Também no dia 2 de novembro de 1934, o jornal *O Radical*, do Rio de Janeiro, publicou uma nota sobre o falecimento de Canto e Melo. Mas a notícia tinha erros. Chamava-o de “escritor paulista”, quando era gaúcho, além de lhe atribuir erroneamente a autoria do romance *Gente rica: cenas da vida paulistana* (1912), de José Agudo, pseudônimo do escritor português radicado em São Paulo, José da Costa Sampaio (1868-1923) (MORTE DE UM CONHECIDO ESCRITOR PAULISTA, 1934, p. 5).

Na edição de 3 de novembro de 1934, o *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, publicou uma breve nota sobre o passamento de Canto e Melo, ao lado da nomeação de todas as suas obras (FALLECIMENTOS, 1934, p. 7).

Um ano e meio depois, em junho de 1936, sua filha doou à Biblioteca da Academia Riograndense de Letras a obra completa do pai, com os volumes “finamente encadernados em madeira” (ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS, 1936, p. 8).

Se os obituários revelam o interesse público pelo morto (LILTI, 2014), tanto as imprecisões da nota fúnebre de *O Radical* quanto a reação tímida da imprensa à morte de Canto e Melo – o editorial do *Correio Paulistano* aparece na nona página, isto é, não merecia a primeira página da edição –, revelam popularidade reduzida do escritor.

1.2 Bacharel em Direito

Como outros escritores de sua geração, Canto e Melo optou por uma carreira no Direito, porque era então o ofício mais próximo das Letras, garantindo-lhe prestígio na sociedade e renda segura enquanto praticava literatura. Na edição de 22 de dezembro de 1891, o *Jornal do Brasil* informou que Canto e Melo havia recebido o grau de

Bacharel em Direito pela Faculdade de São Paulo (TELEGRAMMAS, 1891, p. 1). No ano seguinte, junto com Pinto Ferraz e Octavio Souza, estabeleceu um escritório de advocacia na rua Santa Thereza, na capital paulista (ANNUNCIOS, 1892, p. 3).

Após um período de hiato nos periódicos, em março de 1900 Canto e Melo volta a aparecer no *Jornal do Commercio* e na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. A notícia informava que ele e mais quatro advogados, juntos com o presidente do Instituto dos Advogados de São Paulo, João Monteiro, haviam renunciado aos cargos de sócios do Instituto (TELEGRAMMAS, 1900a e 1900b, p. 1). A pesquisa não encontrou informação sobre os motivos dessa decisão.

Em janeiro de 1902, o jornal *Correio Paulistano* publicou uma nota sobre a mudança de endereço do escritório de Canto e Melo em São Paulo. A mudança comprova que o autor exercia as funções de advogado paralelamente às atividades de escritor e jornalista. Nesse momento, tinha como sócios Raphael Corrêa de Sampaio, Idelfonso da Silva e Felizardo Cotti (SECÇÃO JUDICIARIA, 1902, p. 2). Em 1910, tinha escritório na Rua da Boa Vista, 25.

Na atividade judicial de Canto e Melo em São Paulo, destaca-se sua atuação como advogado do Mosteiro de S. Bento. Nessa capacidade, atuou nos tribunais em várias causas em prol dos interesses dos padres (MOVIMENTO FORENSE, 1904, p. 2). Como advogado do estabelecimento religioso, acompanhou, junto com D. Geraldo van Caloen, abade do Mosteiro de S. Bento de Olinda, dois alunos transferidos do mosteiro de São Paulo para o mosteiro do Rio de Janeiro (NO PAQUETE, 1904, p. 1).

As relações com os padres beneditinos não eram só profissionais. Canto e Melo era devoto da fé católica. Foi orador em sessões solenes no colégio de S. Bento em Olinda, nas quais só homens eram admitidos. A nota fúnebre do jornal *O Radical* diz que ele era “particularmente conceituado nos meios católicos, onde era grandemente conhecido pelos seus sentimentos piedosos” (MORTE DE UM CONHECIDO ESCRITOR PAULISTA, 1934, p. 5).

Um episódio de sua vida de advogado ajuda a iluminar seu pensamento e trajetória nos tribunais. Em fevereiro de 1904, aos 37 anos, participou de um concurso para uma vaga de juiz de direito da comarca de S. Luiz do Paraitinga. Entretanto, já antes da prova, o governo decidira pela nomeação de um dos candidatos: José Manuel

Machado de Araújo Junior. Também estavam inscritos Arlindo Pinto e Canto e Melo. No dia das provas (por lei o concurso devia acontecer), antes do sorteio dos pontos, o escritor pediu a palavra ao presidente do Tribunal de Justiça e explicou que iria se retirar do certame, uma vez que um candidato já havia sido nomeado para a vaga.

No discurso, Canto e Melo diz que não temia as provas do exame, pois era a terceira vez que tentava o concurso de juiz perante aquele tribunal e todos ali conheciam seu preparo. Exigia que fosse tratado com respeito, pois havia 13 anos que advogava em São Paulo e nunca havia perdido uma causa. Deixava de tomar parte no concurso e declarava: “não me encontro com aptidão para desempenhar o papel de comparsa nesta comédia em que nós, os pretendentes, nada mais somos do que títeres encarregados de representar um simulacro de respeito à lei” (MAL DE MUITOS, 1904, p. 1). O depoimento revela atividade permanente de advogado de Canto e Melo ao longo da trajetória literária, com experiência, preparo e ambição de ocupar cargos de juiz.

Em 1916, Canto Melo completou 25 anos de formado em bacharel pela faculdade de Direito de São Paulo. Para celebrar a data, a turma de 1891 foi reunida em uma missa na igreja de S. Francisco, em 19 de dezembro. Após a missa, foi tirada uma fotografia da turma nas instalações da Faculdade de Direito, seguida por uma matinê festiva realizada no casarão Belvedere (RECORDANDO-SE DOS BONS TEMPOS, 1916, p. 5). A pesquisa não localizou esse registro fotográfico.

1.3 Vida literária

Canto e Melo tinha relações amistosas com letrados de seu tempo a ponto de ter uma posição de prestígio considerável (primeiro como poeta e jornalista, depois como romancista) num círculo de escritores e alguns periódicos importantes de São Paulo na virada do século XIX para o XX. Os escritores Horácio de Carvalho, Silvio de Almeida, Arthur Andrade, Cândido de Carvalho, Vicente de Carvalho e Amadeu Amaral, compunham o círculo mais próximo de Canto e Melo em São Paulo. Esses letrados

ocupavam espaços e mantinham boas relações com escritores dominantes do Rio de Janeiro, como Olavo Bilac. Amadeu Amaral, por exemplo, sucedeu a Bilac na Academia Brasileira de Letras, em 1919. Vicente de Carvalho era um poeta renomado em São Paulo e juiz da terceira vara criminal. Talvez fosse o escritor mais conhecido do grupo de Canto e Melo. Eles apoiavam uns aos outros com elogios mútuos na imprensa, em discursos, homenagens, reuniões e festas.

1.3.1 Reuniões, homenagens e o elogio mútuo

O jornal *Commercio de São Paulo*, em 5 de abril de 1905, publicou na coluna "As Letras de S. Paulo" a resposta de Vicente de Carvalho a enquete literária que havia sido divulgado no dia anterior pela folha. O questionário buscava descobrir quem era o primeiro poeta e o primeiro prosador de São Paulo, entendendo-se que "primeiro" equivalia a melhor. Dentre os nomes mencionados pelo escritor, Canto e Melo e Cândido de Carvalho foram aclamados como dois poetas "obscuros por vocação, exilados voluntários da popularidade, e cujos versos têm o encanto de surdinas" (CARVALHO, 1905, p. 1 e 2). Carvalho alega que tinha "admiração e estima" pelos poetas paulistanos, não sendo capaz de julgá-los como crítico e nem de escolher apenas um, pois não desejava tal ato e apenas nutria admirações por eles.

Pelo levantamento da pesquisa, o *Correio Paulistano* e *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte*, de São Paulo, eram os periódicos em que Canto e Melo encontrava mais apoio e espaço.

Na edição de 29 de dezembro de 1913, a coluna "Da tribuna e da imprensa", redigida pelo articulista Aristeu Seixas, no jornal *Correio Paulistano*, destaca Canto e Melo entre os autores que se encontravam "no meio da evolução literária" que ocorria em São Paulo. Além de Canto e Melo, o jornal também colocava em destaque a obra de Joaquim José de Carvalho e dos escritores Basílio de Guimarães, Ulysses Paranhos, José Agudo, Cláudio de Souza, Veiga Miranda e outros. Tais autores haviam acabado de publicar trabalhos que, segundo o jornal, "mereciam a atenção do público e seu

devido reconhecimento” (SEIXAS, 1913b, p. 1).

Na edição de 26 de junho de 1913 do *Correio Paulistano*, na coluna “A Literatura Paulista”, também assinada por Aristeu Seixas, foram publicadas impressões sobre obras recentes e autores mais destacados na época em São Paulo. Canto e Melo foi colocado ao lado do escritor Antônio de Oliveira, autor da obra naturalista *O urso: romance de costumes paulistas* (1901), como “dois romancistas imaginosos, dois nomes feitos das nossas letras, o primeiro como prosador e o segundo como poeta espontâneo que é. Ultimamente é que o sr. Canto e Melo deu a lume dois romances, dos quais só conhecemos o primeiro, *Alma em delírio*” (SEIXAS, 1913a, p. 2), confessando que ainda não lera *Mana Silvéria*.

No final do ano, em 29 de dezembro, Seixas voltou a expressar sua opinião sobre o momento literário de São Paulo no mesmo *Correio Paulistano*. Segundo ele, o progresso literário reivindicava uma cultura mais elevada e fina, com o poder de uma produção mais intensa: “A literatura paulista, após uma exuberante florada, desatou agora em frutos, suculentos frutos que a enriquecem e a dignificam”. De acordo com o articulista, além de Canto e Melo, os escritores Basílio de Guimarães, Ulysses Paranhos, Joaquim José de Carvalho, José Agudo, Cláudio de Souza, Veiga Miranda eram artistas que haviam acabado de publicar trabalhos de “grandes méritos”, nos quais o caráter científico se entrelaçava com o universo imaginário do romance (SEIXAS, 1913b, p. 1).

A popularidade de Canto e Melo continuou a se manifestar na mídia amiga. Em resposta a uma carta aberta de Aristeu Seixas publicada no *Platéo* e reproduzida n’*A Gazeta* em 15 de maio de 1915, Nuto Sant’Anna mencionou Canto e Melo como um dos autores de obras dignas de “maior reconhecimento”. Sant’Anna ainda afirmou que, em sua opinião, Canto e Melo era “um escritor de indiscutíveis méritos”, ao lado de nomes como o de Francisca Julia, Baptista Cepellos, Alberto Souza, Plínio Barreto, entre outros (SANT’ANNA, 1915, p. 2). Como Amadeu Amaral, Canto e Melo frequentava reuniões e compartilhava espaços com escritores dominantes do Rio.

Em 10 de outubro de 1915, compareceu a uma reunião convocada por Olavo Bilac, então presidente honorário da Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, e por Amadeu Amaral, sócio correspondente em São Paulo, ocorrida no salão do

Conservatório Dramático, no Rio de Janeiro. A reunião foi noticiada no *Correio Paulistano*, no dia seguinte, em 11 de outubro. A pauta do encontro era reunir e valorizar os homens de letras em uma “única sociedade ardente e defensora da coesão nacional”. Além de Canto e Melo e Bilac, estavam presentes Amadeu Amaral, Aristeu Seixas, Armando Prado, Oswald de Andrade, Gelásio Pimenta, entre outros nomes proeminentes no cenário literário da época (SOCIEDADE BRASILEIRA DOS HOMENS DE LETRAS. 1915, p. 5).

Coelho Neto, outro escritor dominante, também o apreciava. Em 1922, na edição de primeiro de junho d'O Jornal, no estado do Maranhão, o “príncipe dos prosadores brasileiros” o coloca ao lado Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha e Lima Barreto como os romancistas que “exprimiam o melhor aspecto de uma alma da raça” (FALA COELHO NETO, 1922, p. 2). Canto e Melo aparece ao lado dos maiores escritores naturalistas da época que retratavam a alma brasileira em suas obras.

De sua produção, o romance *Relíquias da Memória* parece ter sido o mais bem aceito pelos homens de letras. Em 1920, para comemorar o lançamento do livro, foi realizado um almoço em homenagem a Canto e Melo no Palácio Hotel, no dia 5 de dezembro. A iniciativa partiu dos escritores René Thiollier, Cyro Costa e Arthur de Cerqueira Mendes. Uma lista de adesão foi aberta no *Diário Popular*, com os nomes: Franco da Rocha, José Maria Lisboa Júnior, Marcelo Thiollier, José Maria Machado, Arthur de Cerqueira Machado, Arthur Pimenta, Roberto Moreira, Synesio Rangel Pestana, Fiel Jordão da Silva, Spencer Vampré, Antônio Covello, Leopoldo de Freitas, Eurico Sodré, Couto de Magalhães e Rodrigo Soares Junior (RELÍQUIAS DA MEMÓRIA, 1920, p. 4).

No dia seguinte, em 4 de dezembro, a revista *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte*, na coluna “Com ares de chronica”, assinada por Joaquim Feijó, fez comentários entusiasmados sobre a homenagem prestada a Canto e Melo. O periódico observou que a mídia não concedia a devida visibilidade ao autor porque ele não fazia parte da “panelinha que costuma consagrar os mais brilhantes e mais lidos escritores do Brasil: vive, ao contrário, afastado inteiramente das rodas literárias e do próprio jornalismo em que sempre militou com acentuado relevo”, sugerindo que Canto Melo possivelmente se isolou depois da aposentadoria do jornalismo (FEIJÓ, 1920, p. 1).

Em 9 de dezembro, o número 396 da revista *A Vida Moderna* publicou uma pequena nota sobre a homenagem a Canto e Melo. A revista elogiou a programação do almoço, que consistia em discursos, poesias, contos e o que mais poderia “haver de lindo, cordial e intelectual”. Na nota, Canto e Melo é descrito como “fino psicólogo e profundo romancista” (CANTO E MELO, 1920, p. 25).

Na época da Semana de Arte Moderna, em 1922, foi *A Vida Moderna* que defendeu Canto e Melo como um dos nomes que não podia ser apagado ou acusado de passadismo pela onda modernista. Na edição de 23 de março de 1922, no número 427, na coluna “Chronica Literária”, Júlio Freire escreveu a respeito da vida literária da cidade e sobre a Semana de 22. Para o colunista, o movimento visava implantar um apagamento da literatura já existente que, supostamente, não funcionava mais. Contudo, Freire defende nomes que não podiam ser esquecidos, que haviam sido importantes para a construção da identidade literária brasileira, como o do poeta e romancista Canto e Melo e outros escritores como Sylvio de Almeida, Cerqueira Mendes, Nuto Sant’Anna, Angelo Mendes, Lisboa Junior, Armando Prado (FREIRE, 1922, p. 7 e 8).

O almoço em homenagem a Canto e Melo também foi noticiado pelo *Correio Paulistano* na edição de 6 de dezembro. O evento contou com a presença de figuras distintas do meio literário e social de São Paulo, como o poeta Vicente de Carvalho, Dr. Francisco Franco da Rocha, Dr. Lisboa Junior, o senador José Pereira de Queiroz, entre outros. Foi servido um cardápio de “Frios, salada, canja, filé de badejo doré, talharim a la imperial, leitão à brasileira, sala de frutas, café, charutos”. Regados pelos vinhos: “Bucellas, Evel, Champagne, conhaque, licores”. À sobremesa, Eurico Sodré fez o brinde ao homenageado, que em seguida discursou, sendo muito aplaudido. Uma “excelente orquestra” tocou durante o almoço e Cícero Marques cantou a canção “Adorable torments” (CHRONICA SOCIAL, 1920, p. 4).

Segundo o jornal, o almoço também foi marcado pelas palavras indelicadas de Arthur Cerqueira Mendes, que na ocasião expressou o desejo de homenagear Vicente de Carvalho ao invés de Canto e Melo, visto que Carvalho era considerado por ele o poeta mais apreciado do Brasil entre os literatos presentes. O episódio foi contornado por Vicente de Carvalho ao agradecer as palavras, mas afirmar que o homenageado da

tarde era Canto e Melo, um “poeta apreciado, inspirado, espontâneo e de raça” (CHRONICA SOCIAL, 1920, p. 4).

A reação de Canto e Melo e dos presentes não foi registrada nos veículos midiáticos, mas o episódio confirma outros indícios encontrados nas fontes de que o escritor não era uma unanimidade nos círculos literários paulistas.

As festas de aniversário também era ocasião para o elogio mútuo. No dia 5 de abril do ano de 1909, Canto e Melo compareceu ao aniversário do poeta Vicente de Carvalho (CHRONICA SOCIAL, 1909, p. 3). A presença do escritor foi destacada pelo jornal, assim como o presente que deu ao aniversariante: as obras completas do escritor romano Petrônio, traduzidas do francês e pertencentes a coleção Panckoucke.

No começo do século XIX, o editor francês Charles-Louis-Fleury (1780-1844) criou a coleção Panckoucke ou *Bibliothèque latine-française*, composta por 178 volumes, publicados de 1826 a 1839, e 34 volumes, publicados de 1842 a 1849, sob a forma de livros caros com traduções francesas de clássicos latinos de autores romanos antigos, como o autor do *Satiricon*.

Além dos livros, Canto Melo presenteou a Carvalho uma paródia de um de seus sonetos, “Velho Theman”. A pesquisa não localizou a paródia, mas segue abaixo o soneto original de Vicente de Carvalho, sobre a mortalidade e a felicidade, do livro *Poemas e Canções* (1908):

Só a leve esperança, em toda a vida, Disfarça a pena de viver, mais nada; Nem é mais a existência, resumida, Que uma grande esperança malograda.

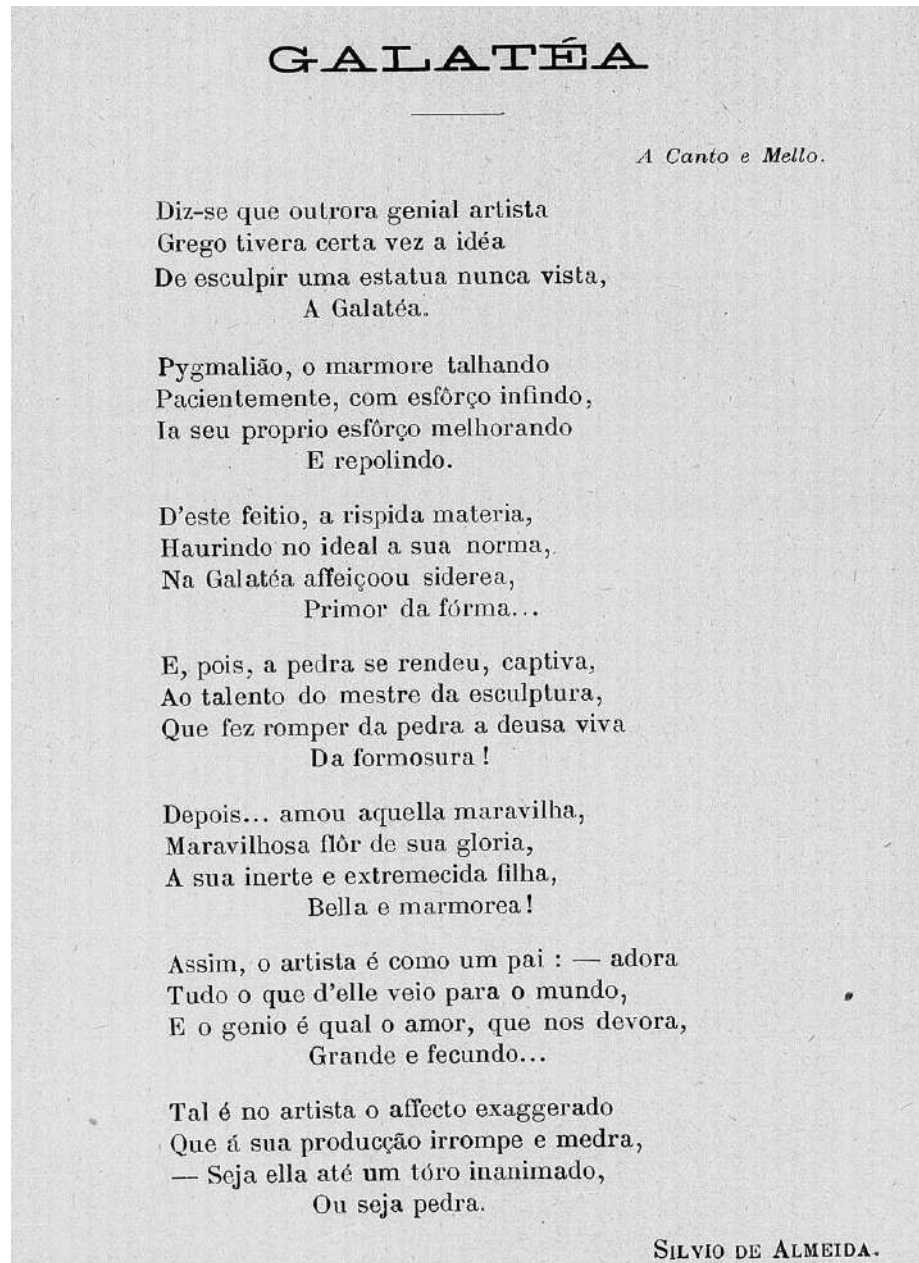
O eterno sonho da alma desterrada Sonho que a traz ansiosa e embevecida, É uma hora feliz, sempre adiada E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos, Árvore milagrosa que sonhamos Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim: mas nós não a alcançamos Porque está sempre apenas onde a pomos E nunca a pomos onde nós estamos (CARVALHO, 1965).

Além de se parodiarem, os escritores publicavam poemas dedicados uns aos outros. Um poema de Silvio de Almeida dedicado a Canto e Melo apareceu em 1904 n’O *Almanaque do Garnier*, na página 303, da cidade do Rio de Janeiro, com o título de

“Galatéia”.



Como forma de prestigiar e apoiar, Canto e Melo estava presente numa reunião literária na casa de Alberto Souza para acompanhar a leitura de um poemeto do primeiro, “Rosa, rosa de amor”. Na mesma reunião estavam os escritores Horácio de Carvalho, Silvio de Almeida e Arthur Andrade, Vicente de Carvalho e Amadeu Amaral (ROSA, ROSA DE AMOR, 1901, p. 1).

O volume 452 da revista *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte* publicou

uma fotografia datada de 17 de maio de 1923 em um evento em que o escritor estava presente, embora não seja facilmente identificável na foto (fig. 2). A imagem registra um almoço que Canto e Melo, juntamente com José Maria Lisboa Junior, organizou em homenagem ao cientista e médico psiquiatra Franco da Rocha, a quem *Alma em delírio* havia sido dedicado.

Figura 2 - Grupo de amigos do médico e cientista Francisco Franco da Rocha, no almoço realizado no Trianon, *A Vida Moderna*, São Paulo



Foto publicada em 17 de maio de 1923 no volume 452 da revista *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte* de São Paulo, p. 29. Grupo de amigos e admiradores do cientista Franco da Rocha, no almoço realizado no Trianon, por iniciativa de José Maria Lisboa Júnior e Canto e Melo.

Durante o carnaval de 1923, a revista *A Cigarra* de São Paulo, nos números 202 e 203, noticiou a realização de uma festa de foliões organizada por homens de letras, denominada *Cordão Literário*. Canto e Melo era um dos nomes presente na festividade. Segundo o jornal, o escritor, que nessa época já contava com 56 anos de idade, estava fantasiado de Cupido, mas “com a alma em delírio”, fazendo assim uma referência irônica ao título do primeiro romance do escritor (REPORTAGEM CARNAVALESCA, 1923, p. 29 e 30).

1.3.2 A Sociedade de Letras e Artes

Em companhia de Vicente de Carvalho, Gelásio Pimenta, Silvio de Almeida, Canto e Melo e outros literatos, tomaram a iniciativa de fundar na cidade de São Paulo a Sociedade de Letras e Artes, com o propósito de divulgar obras literárias e artísticas de autores brasileiros, conforme divulgado pelo jornal *A Imprensa*, da cidade do Rio de Janeiro, em 14 de janeiro (NOTÍCIAS DE S. PAULO, 1912, p. 3). Em São Paulo, a iniciativa foi noticiada pelo *Correio Paulistano* na coluna “Registro de Arte”, na edição de 15 de fevereiro, descrevendo a Sociedade como responsável por promover a “vulgaridade” das obras brasileiras através de conferências e concertos, incluindo obras estrangeiras nessa promoção (REGISTRO DE ARTE, 1912, p. 4).

A Sociedade de Letras e Artes, também conhecida como Sociedade de Cultura Artística ou Academia e Sociedade de Cultura, teve como primeiro presidente Arnaldo Vieira de Carvalho e como vice Frederico Vergueiro Steidel. Cada sócio deveria contribuir com 3 mil-réis mensais para participar das conferências que ocorreriam uma vez ao mês. Ao final da conferência, os presentes receberiam um exemplar impresso da pauta do encontro. Em seguida haveria um número musical. Na mesma notícia, Canto e Melo foi citado como um dos nomes confirmados para fazer uma palestra sobre o poeta Tomás Antônio Gonzaga. Entretanto, não localizamos futuras menções ou registros sobre a realização da conferência (REGISTRO DE ARTE, 1912, p. 4).

A Sociedade de Letras e Artes possibilitou que um raro registro fotográfico de Canto e Melo fosse localizado na revista paulistana *A Vida Moderna*, na edição de 3 de outubro de 1912. A revista publicou uma foto do escritor num almoço em Santos, em dezembro de 1911, durante o qual se deliberou pela fundação da Sociedade de Cultura Artística (fig. 3). Canto e Melo está sentado de pernas cruzadas, ocupando uma posição de destaque na imagem. No registro aparecem os escritores do círculo mais próximo do autor, como Vicente de Carvalho (primeiro sentado à esquerda), Candido de Carvalho (último de pé à direita), e Silvio de Almeida (segundo sentado, à esquerda) (SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA, 1912, p. 19).

Figura 3 - Fundadores da Sociedade de Cultura Artística, *A Vida Moderna*, São Paulo



Fundadores da Sociedade de Letras e Artes em dezembro de 1911, *A Vida Moderna*, São Paulo, 3 out. 1912, p. 19.

Além das atividades da Sociedade de Letras e Artes, algumas fontes ligam Canto e Melo, um gaúcho, à Academia Riograndense de Letras, em Porto Alegre. O *Jornal do Commercio*, o *Jornal do Brasil* e *A Federação: Orgam do Partido Republicano* afirmam que Canto e Melo ocupava a cadeira de número 14 na Academia Riograndense de Letras. Após a morte do autor de *Mana Silvéria*, a cadeira foi ocupada pelo poeta Ovídio Chaves, com saudações de Bento Fernandes.

Entretanto, a informação de que Canto e Melo possuía uma cadeira em uma Academia de Letras não pode ser validada até o momento por essa pesquisa. No site da Academia Riograndense de Letras não existe menção ao escritor. Por outro lado, segundo a *Gazetilha*, em 1902 Canto e Melo foi nomeado membro correspondente da Academia Rio-grandense de Letras em São Paulo (GAZETILHA, 1902, p. 1).

Em 1937, o periódico *A Nação* mencionou sobre as atividades da Academia Riograndense do ano de 1936 e afirmava que a cadeira ocupada por Canto e Melo era a de número 12. Esse fato também foi mencionado no mesmo ano pelo *Jornal do Commercio*, divergindo assim das informações encontradas anteriormente e reforçando o posicionamento do escritor como um acadêmico imortal da literatura riograndense.

Com a fundação da Sociedade de Letras e Artes, *O Pirralho*, no número 120 de 6 de dezembro de 1913, publicou um artigo sobre o agito que a vida intelectual de São Paulo vinha experimentando. Os lançamentos de José Agudo e Canto e Melo foram noticiados de modo apressado e superficial, apenas indicando que os autores haviam lançado obras que nem ao menos foram mencionadas. Por outro lado, no mesmo artigo, o romance de Veiga Miranda, *Redenção*, e o de Claudio de Souza, *Pater!*, recebem elogios. Assinada por Joachim da Terra, a resenha focou as análises em *Redenção*, de Veiga Miranda, que elogia por sua perspicácia em apresentar a cultura brasileira em sua escrita (TERRA. 1913, p. 3, 4 e 5).

Em outro artigo d'O *Pirralho*, relacionado às enquetes literárias que veremos na próxima seção, o escritor cearense Breno Gusmão diz que o grupo fundador da Sociedade de Letras e Artes queria apenas rivalizar com outras agremiações, especialmente a Academia Paulista de Letras, fundada em 27 de novembro de 1909: “Existe uma Sociedade de Cultura Artística, criada com o fito exclusivo e único de desmoralizar a Academia Paulista de Letras. Como, porém, tal sociedade é mais musical do que literária, é possível que não consiga o seu intento”. Gusmão critica “as pseudoconferências que lá foram ditas”, desqualificando o grupo de Canto e Melo e duvidando da seriedade de suas iniciativas (GUSMÃO, 1914, p. 18).

Nessa mesma época, na mesma revista e no mesmo contexto das enquetes literárias, o escritor carioca Aguiar Tinoco acusou a Sociedade de Letras e Artes de se dedicar apenas à música, sendo que deveria também “voltar os seus trabalhos para cultivar as letras” (TINOCO, 1914, p. 18), confirmando a opinião de Breno Gusmão de que a agremiação era mais musical do que literária.

Com os dados disponíveis, não fica claro por que Canto e Melo e seu grupo rivalizariam com a Academia Paulista de Letras, uma vez que alguns escritores do grupo fundador da Sociedade de Letras e Artes, como Silvio de Almeida e Amadeu

Amaral, também eram membros fundadores da APL.

As fontes sugerem que, apesar de conhecido e respeitado, Canto e Melo não era o escritor mais proeminente de seu grupo.

1.3.3 As enquetes literárias

Se *O Correio Paulistano* e *A Vida Moderna* eram os principais periódicos apoiadores de Canto e Melo, *O Pirralho* era o quartel-general de seus inimigos. Ao longo dos anos em que circulou, a revista atuou ativamente na desqualificação e no rebaixamento da imagem do escritor.

Fundada por Oswald de Andrade, o nome da revista era uma homenagem aos pequenos meninos que passaram a exercer o papel de entregadores de jornais nas ruas e assim disseminar as palavras da imprensa para os interessados. Empenhado em espalhar as notícias, *O Pirralho* era um semanário “pequeno, porém de grandezas literárias surpreendentes” (JANOVITCH, 2006, p. 123). Em 1913, periódico introduziu em São Paulo as chamadas “Enquetes Literárias”, respondidas por literatos paulistas, a fim de difundir suas ideias para o público leitor.

João do Rio, nome fictício do jornalista e cronista João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto (1881-1921), iniciou sua contribuição para o jornal carioca *Gazeta de Notícias* em 1903, assinando a coluna “O Brasil Lê”. Nessa seção, ele passou a conduzir enquetes literárias, explorando as preferências literárias dos leitores cariocas.

As publicações dessas enquetes foram posteriormente compiladas no livro *O Momento Literário*, de 1908. Nele, João do Rio oferece uma perspectiva singular do cenário literário e intelectual do Rio de Janeiro nos anos 1910, apresentando autores, suas interrelações, obras, polêmicas, influências e tendências literárias e culturais da época. *O Momento Literário* tornou-se uma obra significativa para compreender o contexto literário e intelectual do Brasil no início do século XX. Notáveis literatos, como Olavo Bilac, Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, entre outros, contribuíram com suas

respostas para as enquetes de João do Rio, ampliando assim a relevância da obra no meio literário brasileiro.

Antes da iniciativa de João do Rio, a França já reconhecia o papel do jornal para o público leitor da *Belle Époque*. Conforme o historiador Dominique Kalifa elucida no ensaio “Enquête et “culture de l'enquête” au XIXe siècle” (2010), o jornal serviu como um mecanismo que buscava sanar a necessidade investigativa, tanto dos jornalistas quanto do público leitor, através de enquetes literárias. Na literatura francesa, o jornalista Jules Huret foi um dos responsáveis por contribuir com o método jornalístico que melhor entende os autores e escritores, a fim de captar sua real essência, na obra *A Investigação sobre a evolução literária* (1891), na qual desenvolve um trabalho pessoal e significativo: “Uma das grandes inovações do século XIX foi oferecer formas de investigação mais flexíveis e, sobretudo, mais pessoais” (KALIFA, 2010, p. 9, tradução nossa).

Yoan Vêrilhac, em seu ensaio “Un moment républicain de l’histoire littéraire. L’Enquête sur l’évolution littéraire de Jules Huret” (2021), aborda as enquetes com o objetivo de elucidar os mecanismos jornalísticos utilizados por Huret. Segundo Verilhac, Huret modificou o modo com que as entrevistas eram realizadas no meio literário: “Huret avança pela escola, questionando sucessivamente os representantes das escolas psicológicas, simbolista-decadentes, naturalistas...” (VÉRILHAC, 2021, p. 264, tradução nossa). Anteriormente, as investigações eram incapazes de atender as necessidades do público. Vêrilhac afirma que as entrevistas de Huret foram uma ruptura com os métodos convencionais, em que a opinião e a cumplicidade entre entrevistador e entrevistado combinavam-se em entrevistas amistosas e cômicas, carregadas de cinismo.

Parece que o processo de investigação e confronto de opiniões possui seu próprio princípio de desconstrução e neutralização em um espetáculo indigno de polêmicas vazias, mais ou menos controladas pelo mediador.

[...] A cumplicidade entre o jornalista e o entrevistado, seguida pela ideia de que tudo já foi dito e se resume a uma amizade.

[...] Portanto, é importante destacar o papel e o funcionamento do riso nesta investigação, um riso tanto orquestrado pelo jornalista contra a República das Letras para estabelecer a cumplicidade com o leitor de seu jornal (“os artistas mal-humorados”), quanto com os próprios escritores. Além disso, o riso dos escritores entre si, brincando com rugas cúmplices e, no fundo, inofensivas. Alguns desses encontros são verdadeiros esquetes nos quais vemos os

escritores e o jornalista se divertindo juntos com o exercício (VÉRILHAC, 2021, p. 269 tradução nossa).

Todavia, as enquetes literárias de Huret nem sempre exerceram um poder abrangedor em que todos os entrevistados se sentiam representados por ela. Era preciso ressaltar que o jornalista estava longe de dar voz "a todos", e mais grave ainda, não a concedia àqueles que representam uma dimensão importante das evoluções culturais da *Belle Époque* (VÉRILHAC, 2021, tradução nossa). Verilhac acredita que a preferência pessoal de Huret pode ter contribuído para a seletividade presente em suas enquetes e consequentemente em uma exclusão, voluntária ou não, de outros artistas.

Huret percebe, por um lado, a legitimação impressionante e instantânea das vanguardas, e, por outro, a marginalização da cultura de massa - mesmo a mais burguesa, como as peças de Victorien Sardou ou os romances de Georges Ohnet. Pois poderíamos acrescentar uma lista interminável de romancistas e folhetinistas, cantores e humoristas que compõem a maior parte da produção literária no mesmo período e nunca são mencionados. A omissão dos nomes de Sardou ou Sarcey também chama nossa atenção para a fraca representação do teatro e das artes do espetáculo na pesquisa. Enquanto os cabarés, teatros e cafés-concertos absorvem uma parte imensa da vida cultural e do interesse dos meios de comunicação, a investigação de Jules Huret apenas toca superficialmente nesse assunto, incidentalmente, muito menos do que em questões de prosódia ou representação da realidade em prosa. Por fim, observe-se que aqueles aos quais ele dá voz são também aqueles que a manterão a longo prazo, um fenômeno que ultrapassa em muito o campo literário. (VÉRILHAC, 2021, p. 272, tradução nossa).

O sucesso das pesquisas literárias inspirou a revista paulistana *O Pirralho* a adotar o mesmo formato de entrevistas em suas publicações. A novidade em terras paulistas foi anunciada no número 108, de 13 de setembro. A notícia, na coluna "São Paulo Intelectual", afirmava que, no intuito de instruir melhor os leitores e difundir as ideias dos literatos paulistas, a enquete seria iniciada na edição seguinte da revista (SÃO PAULO INTELECTUAL, 1913a, p. 15).

O Pirralho apresentou ao público paulista o humor sarcástico das enquetes de Huret, que buscava uma compatibilidade entre a busca da verdade e o respeito ao entrevistado. Entretanto, a revista paulista nem sempre foi amistosa no tratamento dos entrevistados. Mesmo participando das enquetes, alguns autores sofreram com a exclusão implícita operada pelos entrevistadores, que criaram uma atmosfera de hostilidade e deboche contra alguns participantes. Dessa forma, a participação nas

enquetes poderia consagrar o nome de um autor ou contribuir para a repulsa do público a seu nome e obra.

Expressando que os principais homens de letras de São Paulo, juntamente com todos aqueles envolvidos na literatura local, sem distinção de escola, programa ou núcleo intelectual, iriam participar das enquetes, *O Pirralho* apontou Canto e Melo como um dos nomes a ser entrevistado, ao lado de figuras do meio literário da cidade ligados ao autor de *Mana Silvéria*, como J.J. de Carvalho, Amadeu Amaral, Silvio de Almeida, Simões Pinto, Vicente de Carvalho, entre outros homens de letras (SÃO PAULO INTELECTUAL, 1913a, p. 15).

As perguntas da enquete d'O *Pirralho* foram as seguintes:

1. O que pensa do nosso momento literário?
2. Qual o melhor prosador paulista vivo?
3. Qual o melhor poeta paulista vivo?
4. Acredita no nosso futuro literário?
5. Que diz do nosso jornalismo literário?
6. Que pensa da literatura dialectal do nosso Estado?
7. O que pensa da nossa critica literária?
8. O que pensa da "Academia Paulista de Letras" e do papel que ela tem representado no nosso movimento literário?
9. O seu papel no nosso movimento literário?
10. Tem a dizer alguma cousa mais sobre S. Paulo Intelectual?

Com traços cômicos e dramáticos, a enquete com as respostas de Canto e Melo foi publicada no número 116 d'O *Pirralho*, de 8 de novembro. A entrevista ocorreu na mesma época da publicação de *Mana Silvéria*. O tratamento desrespeitoso que *O Pirralho* dispensa ao escritor estava relacionado ao combate condenatório do romance levado a cabo pela revista naquela época, como veremos no capítulo 3. O título da enquete já insinuava o tom que seria dado à entrevista, ao apresentar Canto e Melo como o autor de *Alma em Delírio* e da "borracheira" *Mana Silvéria*, sugerindo que esta última seria composta por "disparates e asneiras" (SÃO PAULO INTELECTUAL, 1913b, p. 11).

O Pirralho concretizou o que Verilhac afirmava ao observar as preferências pessoais de Huret. No entanto, mesmo agindo de modo a não omitir menções a Canto e Melo em seu periódico, contribuiu para sua exclusão, ao utilizar um humor e sarcasmo não amistosos, o que rompia com a afetuosidade e companheirismo das enquetes de

Huret. O escritor é retratado como choroso e rebelde, pois se recusava a responder as perguntas da revista. A recusa foi compreendida pela revista como uma retaliação de Canto e Melo por conta das críticas anteriormente publicadas contra *Mana Silvéria*.

A atitude leva o entrevistador a fazer uma analogia entre Canto e Melo e uma pintura de 1888, *Roma intangibile*, de Antonio Muzzi (Fig. 4). A obra retrata uma mulher com vestido vermelho e coroa, tendo um dos braços levantados e a outra mão segurando uma espada. Nessa cena, os braços da mulher indicam um gesto de resistência e distanciamento, tornando, assim, Roma (ou o Império Romano) intangível ou inatacável. Canto e Melo é comparado com a imagem, sugerindo que o escritor se colocava numa posição ativa e defensiva.

Figura 4 - Quadro *Roma intangibile* (1888), de Antônio Muzzi



Imagem retirada do Google Arts e Culture)

O periódico relata que tentou entrevistar Canto e Melo, porém, devido à falta de cooperação e ao comportamento “lacrimal”, não foi possível realizar a entrevista em sua totalidade. Contudo, antes de encerrar, a revista conseguiu que o autor respondesse as

três primeiras perguntas da enquete original. Embora Canto e Melo tenha sido caracterizado como resistente e choroso, a transcrição das respostas evidencia que ele, de fato, forneceu respostas, apesar de se encontrar em situação de menosprezo. A revista ressalta que suas respostas foram carregadas de orgulho, afirmando que, antes de suas publicações, ele não se preocupava com o meio literário paulista. Além disso, a revista destaca que o escritor, vaidosamente, se autoatribuiu os títulos de maior poeta e prosador de São Paulo.

A seguir, apresenta-se a transcrição completa da enquete (SÃO PAULO INTELLECTUAL, 1913b, p. 11):

A NOSSA ENQUETE LITERARIA

Fala-nos Canto e Melo, o autor de *Alma em Delírio* e da borracheira *Mana Silvéria*.

Um companheiro nosso, destacado para entrevistar o dr. Canto e Melo, o penúltimo literato aparecido na zona cafeeira (o último é o sr. Zé Agudo), interpelou-o ontem na casa Garraux.

Canto e Melo, à primeira pergunta, se queria responder aos nossos quesitos, fez uma cara de mártir da primeira cristandade e disse num soluço mal contido:

C. M. – Não.

Pirralho – Mas por quê?

C. M. – Estou zangado. Vocês ofenderam-me... Para o Pirralho nada. Pirralho – Mas o que tem você com as calças?

C. M. – Aquela crítica... Hein! Hiin! Hiin! Canto e Melo chora copiosamente. Passada a crise do nervoso romancista, continuou ele, inflexível.

C. M. – Não, estou zangado de verdade.

P. – Você então é como a tal Roma Intagibile – guai a chi ci tocca!

C. M. – Não, mas períodos truncados!

P. – Não sei disso, não.

C. M. – Pois é. Hiin! Hiin! Hiin!

Nova crise lacrimal. Dessa vez foi preciso intervir a casa Garraux para evitar inundação.

P. – Então não dá mesmo.

C.M. – Já disse que não dou táhi!... Não me amole que eu prego a mão.

O nosso companheiro se acovardou e foi pedir garantias ao dr. Eloy Chaves.

Depois refletiu sobre a aventura e viu que Canto e Melo tinha razão.

Sincero como é o autor do *Alma em Delirio Tremens* – Não podia deixar de responder o seguinte:

P. – O que pensa do nosso momento literário?

C. M. – Antes da *Alma* etc. não penso nada. Depois sim. São Paulo já tem dois livros.

P. – A *Alma em Delirio Tremens* e a *Maria Silveria*, não é?

C. M. – Não sou eu quem o dizo povo.

P. – Quem é o maior prosador paulista?

C. M. (sorri) – Não brinque, Pirralho, não me obrigue a dizer verdades Olhe que sou eu.

P. – E o poeta?

C. M. – Você sabe que poeta não é só quem escreve versos. Por exemplo, quem faz um livro como....

P. – A *Alma em Delirio Tremens*, não é?

C. M. – Sim outros e esse também, que diabo!”.

Na finalização da enquete, o periódico publicou as impressões do jornalista sobre Canto e Melo. Segundo ele, o escritor possuía uma personalidade estafante, mas não cansativa o suficiente para que ele não achasse graça nas suas palavras. A revista *O Pirralho* tentou satirizar a figura de Canto e Melo, retratando-o como uma caricatura de alguém choroso e melodramático.

Era evidente que a revista não mantinha boas relações com o escritor. A suposta relutância de Canto e Melo é compreensível de ter ocorrido devido às inúmeras críticas vinculadas a seu nome publicadas pelo *Pirralho*. As indicações de que o escritor havia chorado contribuem para a construção de uma atmosfera tragicômica. O decorrer da transcrição reafirma a ideia de um escritor irracional e emotivo, que não podia ser levado a sério pela revista e pelo público.

A conduta de Canto e Melo parece mudar de forma repentina, de um escritor magoado que não quer responder, para alguém autoconfiante (ou sarcástico) que afirma ser ele o maior prosador e poeta paulista, e que seus livros são os únicos “dois livros” que São Paulo possuía.

O retrato de Canto e Melo na enquete d’*O Pirralho* reforça os juízos negativos que a revista vinha transmitindo no ano de lançamento de *Mana Silvéria*, como veremos no capítulo 3. *O Pirralho* não poupou esforços para desmoralizar o escritor em uma enquete convenientemente fabricada para confirmar suas próprias opiniões e atender a seus próprios interesses.

As perguntas insultavam Canto e Melo e rebaixavam sua obra, ao se referir a *Alma em delírio* como *Alma em Delirium Tremis*, e repetir deliberadamente o título equivocado da *Careta*, *Maria Silvéria*, para se referir a *Mana Silvéria*, como forma de menosprezo.

Continuando com as enquetes literárias, *O Pirralho* publicou o número 117, em 15 de novembro de 1913, contendo impressões do escritor José Agudo sobre o meio literário paulistano (AGUDO, 1913, p. 7). Ele era autor do romance *Gente rica: cenas da vida paulistana*, erroneamente atribuído a Canto e Melo no obituário do *Imparcial*, e enviara suas respostas por vontade própria, sem ter sido convidado por *O Pirralho*, denunciando sua exclusão. Fazendo jus a sua declaração de imparcialidade, a revista

publicou as respostas. Embora o autor de *Mana Silvéria* não tenha sido mencionado por José Agudo, a enquete merece destaque devido à réplica do escritor Simões Pinto, enviada por carta para a revista, destacando o tratamento descortês dispensado a Canto e Melo por *O Pirralho*.

A carta de Simões Pinto, autor de *Carmina* (1904), foi publicada no número 118 de 22 de novembro de 1913. Ele era um apoiador de Canto e Melo. Coloca-se como um curioso espectador que expressa sua admiração pelo fato de as enquetes literárias não terem sido direcionadas para um viés pessoal até aquele momento. No entanto, Pinto expressou seu desagrado com o que chamou de “revanche” contra Canto e Melo, que anteriormente havia se recusado a responder à enquete com “franqueza ríspida”. Apesar das provocações feitas por *O Pirralho* a Canto e Melo, Pinto afirma que o questionário da revista demonstrava um louvável esforço em não ferir as emoções dos outros e em não desagradar nenhum escritor, exibindo apenas os melhores atributos de cada um para o público (PINTO, 1913, p. 10).

Em 16 de maio de 1914, o número 143 de *O Pirralho* retomou as menções a Canto e Melo por meio de suas enquetes literárias. A enquete publicada foi respondida por Simões Pinto e aborda sua visão sobre o meio literário paulistano da época, num retrato favorável a Canto e Melo. Pinto afirma que uma aristocracia intelectual era evidente na produção literária paulistana, validada pelos notáveis exemplares em circulação, tais como as segundas edições dos romances de Canto e Melo e os versos de Vicente de Carvalho. Ele considera o fato benéfico para superar o estoque de primeiras edições deixado para trás, sem compradores, acumulando poeiras nas livrarias (PINTO, 1914, p. 8 e 9).

As palavras em defesa de Canto e Melo demonstram que, mesmo diante da tentativa incansável de desvalorização d’*O Pirralho*, o respeito de Simões Pinto pelo escritor não foi abalado. Isso também fica evidenciado pela defesa de Canto e Melo em outros periódicos da época. As tentativas d’*O Pirralho* de desmerecer o escritor por suas escolhas naturalistas não foram capazes de abalar as preferências do público leitor. Mesmo que desagradasse a *O Pirralho*, as segundas edições de *Alma em delírio* e *Mana Silvéria* eram dados inquestionáveis de reconhecimento e sucesso.

Na enquete de Aguiar Tinoco, no número 149 d’*O Pirralho*, apesar de

desqualificar a Sociedade de Letras e Artes, o escritor destaca *Alma em delírio*, de Canto e Melo, ao lado de *Pater!* de Cláudio de Souza e *Redenção* de Veiga Miranda, como os únicos livros que se “salvavam” na literatura paulista daquele momento (TINOCO, 1914, 18).

Entretanto, o mais comum foi o ataque a Canto e Melo. Em 18 de julho, na edição 151, *O Pirralho* publicou a enquete com Breno Gusmão. Insatisfeito com o estado atual do campo literário, o escritor cearense recomendava um método para retornar aos eixos, sendo este “meter o pau e fogo nos literatos paulistas”, a fim de resolver o problema causado por indivíduos desleixados. Entre esses se encontrava Canto e Melo e outros artistas do meio literário da época ligados a ele, como J.J de Carvalho, José Agudo, Adalgiso Pereira, Simões Frango (seria uma ofensa ao escritor Simões Pinto?), Saturnino Barbosa, entre outros (GUSMÃO, 1914, p. 18).

Em 4 de setembro de 1915, no número 201, quando comemorou 4 anos de circulação, *O Pirralho* reforçou a posição desimportante que Canto e Melo e alguns literatos ocupavam no meio literário paulista. De acordo com a revista, era uma benção não ter seu periódico associado a alguns nomes e, por isso, publicou uma nota agradecendo a Deus por nunca ter tido a colaboração considerada “decadente” em sua folha de nomes como Vicente de Carvalho, Canto e Melo, entre outros. Em contraste, a revista agradeceu a nomes como Alcides Maia, Octavio Augusto, Amadeu Amaral, Goulart de Andrade, Martins Fontes, Gustavo Teixeira e Emílio de Menezes, por terem colaborado em suas colunas desde o início da produção da revista (QUATRO ANOS, 1915, p. 3).

Para reforçar ainda mais a sua antipatia a Canto e Melo, o número 203 da revista *O Pirralho*, datado de 2 de outubro de 1915, publicou uma suposta autobiografia de duas linhas, assinada como C. e M. A autobiografia era um trocadilho com o nome de Canto e Melo, como se pode perceber pelo uso das palavras “canto” e “melo” para descrever a atracção sexual do escritor por mulheres bonitas, deixando- o “melado” por conta da presença de esperma (AUTOBIOGRAPHIA, 1915, p. 3).

Autobiografia:

Quando vejo uma mulher bonita, canto e melo.
C. e M.

A falta de reconhecimento a Canto e Melo acompanhou-o ao longo da vida e das tentativas de se fazer conhecido além das rodas literárias paulistas. Em 1921, uma leitora identificada como Gauchita teve uma entrevista publicada na revista *A Cigarra*, de número 157, comandada por Gelásio Pimenta. Gauchita declara o seu amor pela cidade de São Paulo e lamenta que alguns nomes literários paulistas, como Canto e Melo, Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, entre outros, não fizessem sucesso no restante do Brasil (GAUCHITA, 1921, p. 44).

Posteriormente, Canto e Melo voltou a aparecer na revista *A Cigarra*. A edição de número 163 publicou uma coluna a respeito do poeta Leopoldo Di Rocchi e do lançamento de seu livro intitulado *L'Ala Ignota*. Por conta disso, a coluna relembrou um período de romantismo juvenil que havia preenchido São Paulo vinte e cinco anos antes, em 1896, quando os poetas só tinham a ansiedade de fazer versos, sem qualquer preocupação. Canto e Melo é citado como um desses poetas dos bons tempos, ao lado de Valdomiro Silveira, Adolpho Araujo, Alfonsus de Guimaraens, entre outros nomes esquecidos (L'ALA IGNOTA, 1921, p. 35). Nesse retrato ele aparece como um escritor do passado.

Como tal, Canto e Melo foi umas vítimas da onda modernista, que julgava tanto os sonetos do escritor quanto seus romances naturalistas uma literatura a ser superada. No número 5 da revista *Klaxon - Mensario de Arte Moderna*, de 15 de setembro de 1922, assinalou o declínio de “autores românticos” como Canto e Melo, Aristeo Seixas e Tina Di Lorenzo, que estariam sofrendo um castigo, visto que as novas ondas literárias se convergiam para um viés Klaxista e futurístico (KLAXON, 1922, p. 20).

Na mesma época a revista *Vida Paulista*, no número 24, de 16 de setembro de 1922, numa coluna assinada por ATHOS, criticou o método idesrespeitoso dos modernistas no trato com os escritores que, antes deles, ocuparam e desenvolveram o campo literário. Enquanto um grupo de jovens jornalistas do *Jornal do Commercio* publicava diariamente informação sobre o progresso intelectual de modo respeitoso, Oswald de Andrade se vangloriava da perda de espaço que os românticos e naturalistas vinham sofrendo. Segundo ATHOS, Andrade gritava de maneira desesperada comandos de combate em que Canto e Melo aparece ao lado de Bilac, Vicente de Carvalho e Amadeu Amaral, como artistas superados: ““Viva o Menotti”!

Fóra o Canto e Mello! Abaixo o Vicente e o Amadeu. Abaixo Bilac! Viva a paulicéia desvairada do Marinetti “manqué”!” (ATHOS, 1922, p. 19 e 20).

Depois de sua morte, Canto e Melo foi ocasionalmente lembrado por escritores e críticos. Em 12 de outubro de 1937, O *Diário de Pernambuco* publicou uma pesquisa do escritor Menotti Del Picchia sobre a contribuição da literatura de São Paulo para o romance brasileiro. Para Del Picchia, São Paulo sempre teve grandes romancistas, incluindo Canto e Melo, que, com seus dois romances iniciais de cunho psicológico, *Alma em delírio* e *Mana Silvéria*, mereciam mais atenção do que o injusto esquecimento recebido. Claudio Souza com *Pater*, Veiga Miranda com *Mau olhado*, e Amadeu Amaral com *Pulseira de Ferro*, são outros nomes paulistas mencionados por Del Picchia como responsáveis pelo desenvolvimento do romance na época (DEL PICCHIA, 1937, p. 4).

Canto e Melo foi lembrado em 1 de agosto no ano de 1943, quando foi citado no jornal carioca *Autores e Livros: suplemento literário de A Manhã*, como sendo um dos nomes artísticos, mais precisamente como sendo um dos poetas que remanesceram na academia e na via pública ao longo dos anos de 1887 a 1891. A reportagem se referia às poesias pouco conhecidas de Canto e Melo e que posteriormente serão apresentadas nesta dissertação (REMINISCÊNCIAS ACADÊMICAS, 1943, p. 11).

A presença de Canto e Melo nos periódicos se tornou cada vez mais escassa e mencionada somente quando a literatura do final do século XIX e início do século XX era trazida à tona para uma glorificação póstuma. Em 28 e 29 de maio de 1955, no jornal carioca a *Tribuna da Imprensa* foi publicada uma nota lembrando algumas obras lançadas no ano de 1913, incluindo *Mana Silvéria*, de Canto e Melo, *Pater!* de Cláudio de Souza, *Poesias*, de Olavo Bilac, entre outros. Entretanto, *Mana Silvéria* é erroneamente redigido como *Maria Silvéria* nessa notícia (ALGUNS LIVROS DE 1913, 1955, p. 10).

1.3.4 Poeta

Como ocorria com a maior parte dos escritores do século XIX, o sonho primeiro de Canto e Melo era seguir a carreira de poeta. A poesia era uma arte mais nobre e

elevada do que o romance. Mesmo prosadores estabelecidos, como Machado de Assis e Coelho Neto, sabiam compor versos. Até a segunda década do século XX, quando publica seu primeiro romance, Canto e Melo via a poesia como sua vocação e possivelmente nunca abandonou essa identidade. Suas formas poéticas prediletas eram o soneto e a quadra rimada ou não. Em setembro de 1891, anunciou a reunião de suas poesias num volume contendo os versos publicados no *Diário Popular* (MALA DA NOITE, 1891, p. 3). Entretanto, a menção a esse volume não voltou a ocorrer na imprensa periódica e provavelmente nunca foi publicado.

Alguns fatos sobre a vida e obra de Canto e Melo estão disponíveis numa página da enciclopédia livre, a *Wikipédia*. Segundo a enciclopédia, o autor compunha versos também sob dois pseudônimos, Pachola e Silvano D'Além. A pesquisa até o momento não encontrou obras significativas ou evidências conclusivas de que Canto e Melo tenha publicado sob esses codinomes. O único documento localizado na Hemeroteca com a assinatura de Pachola (que significava uma pessoa brincalhona) é de 2 de maio de 1892, no *Jornal do Commercio*, no qual assina uma breve notícia a respeito do Banco de Portugal e do Brasil (PACHOLA, 1892, p. 3). Não podemos ter certeza se esse Pachola era mesmo o Canto e Melo, provavelmente não.

Em julho de 1896, o jornal *O Correio da Manhã* de Lisboa, em Portugal, cita o nome de Silvano D'Além como um dos autores publicados na revista *A Chronica*, dirigida pela escritora Guiomar Torreção (LIVROS, FOLHETOS E REVISTAS, 1896, p. 4). O pseudônimo aparece no índice como autor do poema “Carta a um morto”, na seção “Poesia Brasileira”, compartilhando o espaço com o escritor português Alfredo Galis (1859-1910) e a própria Guiomar Torreção. A mesma notícia foi publicada no jornal *Commercio de Portugal* (ESTAÇÃO DE PARIS, 1896, p. 3). Todavia, em nenhuma aparece o poema.

Em novembro de 1896, o *Folha do Norte* (PA) publicou um soneto assinado por Silvano D'Além que havia sido publicado em São Paulo, intitulado de “Última prece” (D'ALÉM, 1896, p. 1). Informações adicionais sobre o soneto e a sua publicação original não foram encontradas. Não podemos afirmar com certeza ser um poema de Canto e Melo.

ÚLTIMA PRECE

Peri! Ceci! Vosso cantor enorme Tombou por terra as iras de Tupã!
Aí vem chegando o esquife onde ele dorme Na grande noite que não tem
manhã!

Peri! Dize que rápida se forme A nação Goitacás, forte e louçã:
Sobre os tetos da *taba* deconforme Fugiu piando agouros a *cauã*...

Traze todos a ver... a raça nova Faze sentir as mágoas e o pesar Que o nome
dele sem cessar renova

Da dor sem termos no profundo mar...
E, enquanto ali, bem perto, abrem a cova, Ceci, vamos rezar!

S. Paulo, *Silvano D'Além*

Em novembro de 1907, o educador Tancredo do Amaral, autor de *A História de São Paulo pela biografia de seus nomes mais notáveis* (1895), e conhecido divulgador do civismo no começo da República (VIEIRA, 2012), organizou uma coletânea de sonetos portugueses e brasileiros que iria se chamar *Portugueses e Brasileiros*. A reunião das poesias exigiu anos de trabalho e visava a dar mais visibilidade ao meio literário brasileiro em Portugal. Inúmeros poetas constituíam o elenco de escritores presentes nas páginas da edição, incluindo Canto e Melo (NOTAS & NOTÍCIAS, 1907, p. 3). A pesquisa não localizou *Portugueses e Brasileiros* na obra de Tancredo do Amaral e é possível que não tenha sido publicado.

Apesar de a maior parte da produção poética de Canto e Melo não ter sido publicada em livro, alguns poemas foram resgatados pela pesquisa. Em 27 de janeiro de 1908, o carioca *Jornal do Commercio* publicou uma nota de recebimento do número 6 da revista literária *A Nova Cruz*, dirigida por Arthur Goulart e Francisco Gaspar. O exemplar incluía um soneto de Canto e Melo, intitulado "Manhã". O *Commercio de São Paulo*, na edição de 24 de janeiro, na seção "Livros, folhetos e revistas", também cita o soneto "Manhã", enquanto a folha *A Notícia* do Paraná, na edição de 1 de março de 1908, o publicou. As publicações em vários periódicos sugerem que a poesia de Canto e Melo tinha boa entrada nos impressos do período.

MANHÃ

Eis que desponta a fresca madrugada Sobre a verde alcatifa das campinas, Na
transparência fosca das neblinas, Vaga pastando a lépida boiada.

Além da serra, em longa revoada, Fendendo as belas nuvens purpurinas, Voa
buscando as fontes cristalinas
O turbilhão de alegre passarada.

E aqui do bosque os tépidos sacrários Vão-se enchendo de um lânguido rumor
Cantam tiés e pombas e canários,

Vagam insetos mil de flor em flor
E o sol transpondo os montes solitários Fecunda a terra em convulsões de
amor.

S. Paulo, *Canto e Melo*

Sem pretender exaustão, a seguir transcrevemos outros poemas localizados pela pesquisa nos periódicos.

Quadras sem título publicadas em 29 de setembro de 1881 no jornal bissemanal *Tribuna Militar*, no Rio de Janeiro, quando Canto Melo tinha 15 anos. A publicação foi facilitada pelos contatos do pai militar. A carta com o pedido de publicação do poema aparece na mesma edição do periódico. Um correspondente do *Tribuna Militar* em São Paulo alega que o jornal era praticamente desconhecido na província paulista. Diz que estava sem receber o tabloide havia três semanas e pedia providências. Aproveita para pedir o favor: “Por ora mando-lhe a inclusa produção de um filho do capitão Canto e Melo que estuda aqui em São Paulo. É ele ainda uma criança, e somente por isso tem muito valor o seu escrito. Se a puder publicar mande-me logo para São Paulo a folha que der-lhe estampa” (O NOSSO CORREIO, 1881, p. 1). O comentário sugere que Canto e Melo foi um adolescente que impressionava as pessoas com seus dotes literários. Podia se gabar de ter publicado seu primeiro poema aos 15 anos de idade, sobre o velho tema romântico do amor sofrido e não correspondido.

Se te incomoda por me ver às vezes Passear triste, qual amante exausto, Deixa
que eu sofra, e saber não queiras *Quando te fujo e este desejo canto.*

Sofro por ver-te nos salões sorrindo
No templo orando... e por te amar, donzela Daria a vida, sem ter mais temor,
Da luz do fogo que te cerca, ó bela.

Tento falar-te, porque sinto n'alma, Teu olhar meigo traduzir rigores!
Se de ti fujo... não me fujas, vem...
Contigo dizes, suspirando amores.

Ela não ama! Te enganava, temo

Um desengano... pra perder-te, ó bela! E porque dizes, sem saber que soffro:
Meu Deus, que gelo, que frieza aquella?

S. Paulo, setembro de 1881. *P. C. Canto e Melo*

O soneto “Cismas”, uma releitura de um soneto célebre de Camões referenciado na epígrafe, publicado em 8 de setembro de 1883 na revista *Cruzada: Publicação quinzenal*, do Rio de Janeiro.

CISMAS O POETA

Amor é um fogo que arde etc.

Camões

Ser poeta é ser louco de bom senso, É ser velho que julga ser menino,
 É ser muito pequeno e ser imenso, É ser um idiota que tem tino;

É ser condor soberbo que não voa, É ser crente demais que não crê, É julgar-se feliz andando à toa,
 É ser cego de todo mas que vê

É ser um pisador sem ter juízo, É procurar a dor onde há sorriso,
 É chorar, quando o ato pede canto.

E além de tudo mais – é verter pranto, É chorar, suspirar sem lenitivo,
 É se queixar de tudo sem motivo.

8 de setembro de 1883, *Canto e Melo*

Um fragmento do poema “Serenata”, publicado em 28 de outubro de 1888 n’*A Província do Espírito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciais, filiado à escola liberal*, de Vitória, ES. Esse poema parece pertencer a um conjunto de escritos chamado pelo autor de *Tardes de março*, possivelmente o título do livro de poemas que Canto e Mello nunca publicou.

SERENATA (fragmento)

Dorme, pomba de amor, no casto ninho Descuidosa
 Vai soltando teus sonhos de mansinho Com chusma de abelha transviada Pela estrada.

Pela estrada do céu, calmos, em bando, Como as aves,
 Que a vasta serra ao longe transmontando Vão-se embora a raiar da luz d’aurora
 Vão-se embora.

Vão-se embora de nós como os gemidos Atirados
 Não solidão dos céus indefinidos
 Sem rumo certo para estranhas plagas Como as vagas.

Solta dormindo a lânguida balada Que tu sabes
Quero ver esta curva iluminada
Em ânsias derramar amargo pranto Com teu canto.

Quero ver as estrelas desmaiando, Desmaiando.
Pela curva do céu de bando em bando! Buscando doidas pelo azul do espaço
Um abraço.

Os ecos da floresta despertados Com teu canto
Irão soltando uns choros compassados Como a cadencia da onda que desmaia
Sobre a praia.

Hão de parar as brisas repentinas De mansinho
Para escutar as notas peregrinas Dessa balada lânguida inspirada, Minha fada!

Os rios, as torrentes, os ribeiros, Nos seus leitos
Hão de parar os cursos forasteiros,
Para escutar das brumas entre os mantos Os teus cantos.

As estrelas cadentes desgarradas Pelo espaço,
Hão de parar também alucinadas Presas à terra pelo estranho encanto Do teu
canto.

Dorme, pomba de amor, no casto ninho Descuidosa.
Como um gentil e meigo passarinho Vai soltando teus sonhos tão suaves Como
as aves.

(Das *Tardes de Março*)

Canto e Melo

“Na vida”, poema dedicado a Horácio de Carvalho, publicado em 7 de novembro de 1888 no *Diário de Notícias*, no Pará.

NA VIDA

(A Horácio de Carvalho)

Cheguei também... Cansado forasteiro Neste arraial ergui minha choupana!
Qual descuidado e tardo pegureiro Vi se estender ao longo da savana

Meu rebanho de sonhos, companheiro Que me alegrava à noite na cabana
E foi-se pelo monte, vale e outeiro, Como a fugir da convivência humana!

Neste meu ser, agora, abandonado, Não mais palpita a fibra da esperança
Nem mais bem vida a sombra de um desejo!

Somente ao longe, em brumas do passado, Correm meus sonhos doces de
bonança Turbilhonando em lúgubre cortejo.

Canto e Melo

O soneto “Ao Meio-Dia – Quadro”, publicado em 17 de novembro de 1889, n’A

Provincia do Espírito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciais, filiado à escola liberal, do Espírito Santo.

AO MEIO-DIA

Quadro

Ardia a prumo o sol... Aves no espaço, Lentas, batendo as asas fatigadas,
Vinhão fugindo ao cálido mormaço
Que ao longe, erguia o sopro das queimadas

As ovelhas também, com tardo passo
Pela alfombra de outeiro desagarradas, Procuravam, balindo de cansaço,
As vertentes que nascem nas quebradas.

E, além, na mata às vezes entoando Umas canções esplêndidas de amores,
Que os regatos o viam murmurando,

Formavam o concerto de rumores Que a natureza erguia palpitando
No relevo de um bosque aberto em flores.

Pedro de Castro do Canto e Melo, julho de 1889.

“Quatro Sonetos”, publicados em 19 de novembro de 1889, no jornal *Pacotilha*, no Maranhão.

QUATRO SONETOS I

Tanto incenso queimado aos pés de Vênus, Tanta oração debalde erguida aos
ares, Não conseguiram desvendar-te ao menos Do meu amor os lúcidos
altares!

Vibre na lira os cantos mais amenos, Implorei para dar-te aos nenúfares Os
aljofres de prantos mais serenos Que a noite envia em pálidos luars

E tu, volvendo o olhar despreocupado, Seguiste, abandonando o casto templo
Que eu te erguera de sonhos povoado!

Nada mais resta... Agora em vão contemplo Dessa ilusão o tempo desperdiçado
Pairando sobre mim como um exemplo.

II

Nada mais! Nada mais! Atroz destino O de andar escavando as ruínas!
Choram-me n'alma eternas agonias Como tanger monótono de um sino.

Hoje no passado, trôpego, reclino
O pensamento em busca de alegrias, Companheiras leais de tantos dias
Que Iluminara o teu olhar divino,

Mas apenas escuto a voz dolente

Dos. Sonhos mortos, longe, nos espaços Contando a história deste amor latente

E eu sinto agora, ao céu erguendo os braços, No coração como um Saara
ardente
Os sinais indelévels de teus passos!

III

No silêncio do quarto, ao pé do leito Onde correm-me as noites mal dormidas,
Branco se eleva o corpo teu perfeito, Hirto empinando as formas sacudidas!

Vejo-o de névoas rodeado o peito,
Alvas as mãos sobre o meu corpo erguidas, Farto o cabelo em caracóis desfeito
Ondas de jaspe em mármore estendidas,

E sinto que em meu peito o sangue aquece O teu olhar, o teu perfil risonho,
Que apenas vejo e que desaparece

Mas logo após convenço-me tristonho Que esse vulto ideal só me aparece Nas
criações fantásticas de um sonho!

IV

Se fecho os olhos vejo de memória
A ti que chegas, sacudindo as tranças, A cantar, a cantar estrofes mansas
De uma cadência triste, merencória

Eu que de balde esta existência inglória Tenho passado a ver as esperanças,
Abandonando os sonhos de bonanças Que salpicaram minha triste história,

Sinto o rude prazer de ver-me agora Sem ter mais o pesar dos teus afagos
E o mel desses teus lábios cor de aurora

Hoje bebo chorando a grandes tragos Esta saudade atroz que me devora Por
longos dias tristes, aziagos.

26 de agosto de 89.

Canto e Melo

O soneto “Estudando”, publicado em 22 de novembro de 1889, no jornal
Pacotilha, no Maranhão.

ESTUDANDO

Três horas da manhã e eu junto à mesa, Ao clarão de uma vela sonolente,
Inda vou dominando pensamento Desta leitura à torva correnteza.

Debalde! A inteligência tenho pressa
A um cismar que me punge lento e lento, E, enquanto cismo, as horas num
momento Vão-se-me e eu fico eivado de tristeza.

Pela janela às virações aberta,

Bem como um noivo tropego de sono, Entra o luar, que as mágoas me desperta

E enquanto à cisma inteira me abandono Sinto est'alma que tristonha e incerta Vagando errante, como um cão sem dono.

27-10-89

Canto e Melo

O soneto “Ciganos”, publicado em 27 de março de 1890, no *Pharol*, em Juiz de Fora, Minas Gerais.

CIGANOS

Ei-los, que vão! Eternos visionários
Por mundo em fora, a divagar sem norte, Almas feitas de sonhos funerários
E nostalgias tristes como a morte.

Além, pelos atalhos solitários,
Onde o pampeiro sopra ousado e forte, Eles vão arrastando a humilde arte,
Como eternos viajantes legendários.

De terra em terra vagam murmurando Os seus cantares lúgubres, insanos
E as crenças num país que vão buscando

E assim, por longos meses, longos anos Vaga, por mundo em fora, caminhando
O desditoso bando de ciganos!

Canto e Melo

O soneto “Morta”, publicado em 13 de fevereiro de 1891 n’*A República: órgão do Partido Republicano*, no Paraná.

MORTA

Já não te lembra mais o tempo antigo Nem te recordas mais que nos amamos
Somos sonhos de moços que sonhamos Que tu sonhaste e que eu sonhei contigo.

Na estreiteza feral do seu jazigo
Já não farfalham mais trêmulos ramos; Cantam-lhe em torno os tristes gaturamos
E as alvoradas vão chorar comigo.

Deixa-me, deixa-me prostar-me inda um instante Sobre essa tumba fria que te encerra
O alabastrino corpo, ó minha amante.

Quando a noite descer do alto da serra, Hão de os astros reler no meu

semblante A saudade maior que há sobre a terra.

Canto e Melo.

As quadras “Primaveril”, publicadas em 18 de fevereiro de 1891 n’A *Provincia: Órgão do Partido Liberal*, em Pernambuco.

PRIMAVERIL

Esta alegria sã da natureza
Canta-me n’alma em célicos harpejos
Há desde a pedra ao galho da deveza (sic.) Um turbilhão suavíssimo de beijos.

Cantai! Cantai, ó pombas descuidosas! Flores do prado, amai as outras flores!
Célere corre o tempo dos amores, Chega depressa o desfolhar das rosas.

Há desejos ardentes que despertam À luz vermelha destas madrugadas,
Heras do gosto, ao tronco mais se apertam,
Rijas cravando agudas punhaladas.

Estas aves amantes nos ensinam
A fazer nossos ninhos, nossos lares
E depois, quando as tardes se reclinam Deixando as sombras na amplidão do
ares,

Nos ensinam também que o lar é um templo, O aconchego feliz, a paz do ninho
Homens! Homens! Tomai este caminho! Segui das aves o sagrado exemplo.

Esta alegria sã da natureza
Canta-me n’alma em célicos harpejos Há desde a pedra ao galho da deveza Um
turbilhão suavíssimo de beijos.

24-12-90

Canto e Melo

As quadras “Cantilenas”, publicadas em 4 de junho de 1898 n’A *União: Órgão do Partido Republicano do estado da Parahyba*, na Paraíba.

CANTILENAS

Olha, Zenaia, os Zéfiros mansinhos
Que vêm por este campo, estes desertos, Trazem consigo uns vagos tons
incertos Dos teus afagos bons, dos teus carinhos.

E eu me ponho a cismas, longe, querida, Longe de ti, dos teus afetos longe,
Como no claustro um solitário monge Antegozando a paz de uma outra vida.

Pela grimpada das serras, alta noite,
 Enquanto as brumas vêm descendo ao prado E além nas roldões do
 descampado
 Geme da brisa o descuidado açoite.

Eu penso em ti, no teu olhar tristonho Nesta saudade atroz que te devora,
 E ao ver-te assim meu coração implora Que seja breve o fim do nosso sonho.

Ao clarão dos luares, que saudades Eu não contei à solidão dos ermos? As
 nostalgias deste amor sem termos Cheios de aurora e de tempestades?
 Sob as águas dormentes da lagoa Quantas vezes eu vi o teu semblante,
 Enquanto ao longe o pescador errante Vinha cantando alegre na canoa?

Gravei teu nome em cada tronco esguio Que a mata encerra entre cipós
 nodosos; Gravei também meus versos maviosos Nos nenúfares trêmulos do rio.

Não chores mais, Zenaia, esse teu pranto Que hoje te enflora o rosto cor de
 neve, De minha boca ao beijo casto e leve
 Há de tornar-se um mavioso canto.

Canto e Melo

O soneto “Saudade”, publicado a 21 de agosto de 1908 na *Pacotilha*, no
 Maranhão.

SAUDADE

Já não te lembra agora o tempo antigo Nem te recordas mãos que nos
 amamos, Sonhos! Sonhos de moços que sonhamos Que tu sonhaste e que eu
 sonhei contigo.

Na estreiteza feral do teu jazigo
 Já não farfalham mais trêmulos ramos Cantam-lhe em torno os tristes
 gaturamos E as orvalhadas vão chorar comigo.

Deixa! Deixa prostrar-me um só instante Sobre essa tumba fria que te encerra
 O alabastrino corpo, ó minha amante!

Quando a noite descer do alto da serra Hão de os astros reler no meu
 semblante A saudade maior que há sobre a terra!

Canto e Melo

O soneto “Sonhos loucos”, publicado no *Pharol*, de Juiz de Fora, no dia 22 de
 agosto de 1916.

SONHOS LOUCOS

Sonhei. (que estranhas ânsias de delírio Vão na minh'alma velha e atormentada!) Sonhei que tu, formosa, eras um lírio
E que eu era uma abelha esfomeada

Vinha rompendo alegre a madrugada, Meu destino de abelha, e o meu martírio
De profanar a flor não profanada,
Me depôs no teu cálix cor de círio.

E entrei... como um medroso vagalume Palpitava o meu corpo à tua alvura
E à imaculada paz do teu recato.

Suguei teu mel, nadei no teu perfume Eras minha! Eras minha! Ai, que loucura
Estes sonhos de velho e de insensato!
Canto e Melo

1.3.5 Jornalista

A partir de 1890 começam a aparecer dados sobre a carreira de Canto e Melo na imprensa periódica paulista. É quando passa a ter presença citada em festas e eventos jornalísticos, destacando-se como principal redator do *Diário Popular*, na capital paulista, dando sua cara e identidade ao jornal. Nessas menções, o escritor aparece como um "distinto poeta" (FESTAS ACADEMICAS, 1890, p. 2). Começa a ganhar notoriedade com as reportagens publicadas na imprensa. A fama de jornalista e literato o faz ser convidado a emitir "juízo crítico" sobre livros recém-publicados de pessoas ilustres da cidade (JORNAL DOS JORNAES, 1890c, p. 2).

Não foi possível localizar os escritos (poemas, crônicas e reportagens) publicados no *Diário Popular*, visto que o periódico, infelizmente, não se encontra digitalizado na Hemeroteca Digital até o momento. Embora o original não esteja disponível *online*, sabemos sobre sua existência através de comentários publicados em outros jornais. As edições do *Diário Popular* repetiam o formato das folhas diárias do período, com editorial, notícias, folhetim, telegramas e poemas de Canto e Melo, mostrando que ele atuava em várias seções e usava o jornal para divulgar seus escritos, como era praxe na época (JORNAL DOS JORNAES, 1890b, p. 2).

Em junho de 1890, Canto e Melo visitou uma usina de ferro em Ipanema como

repórter do *Diário Popular* (EXCURSÃO AO YPANEMA, 1890, p. 2). Em julho, representou o periódico numa festa de comemoração da independência dos Estados Unidos, capitaneada pelo engenheiro Morris N. Kohn (ESTADOS UNIDOS, 1890, p. 1; THEATROS E FESTAS, 1890, p. 1).

Também compareceu em nome do *Diário Popular* ao banquete oferecido à diretoria do banco Operário de S. Paulo (TELEGRAMMAS, 1890, p. 1). Na nota, foi informado que Canto e Melo, em companhia de outros jornalistas, discursou no evento. Entretanto, tal discurso não foi localizado pela pesquisa. Em outubro de 1890, Canto e Melo compareceu como jornalista na recepção oferecida a Benjamin Constant em São Paulo (BENJAMIN CONSTANT, 1890, p. 2), mostrando que tinha ingresso nos círculos mais altos da capital.

Além das atuações como poeta e jornalista no *Diário Popular*, Canto e Melo foi um dos redatores do jornal *Diário do Commercio de S. Paulo* (DIÁRIO DO COMMERCIO DE S. PAULO, 1890, p. 2). Com Aureliano Amaral, fundou e dirigiu um semanário de literatura: *A Lua* (PIERRE, 1961, p. 9).

Como ocorria na época com outros escritores, Canto e Melo colaborava com jornais efêmeros (ou não) de outras regiões do país. Ele aparece como colaborador do jornal quinzenal *O Apollo*, criado em Niterói em 1902, em homenagem ao jornalista Quintino Bocaiuva. Pelas informações disponíveis na imprensa, o periódico chegou ao terceiro número. Canto e Melo dividia a publicação com escritores desaparecidos da história, como Emillio Kamp, Elias Cabral, Anibal Furtado, Artur André, Luciano Gualberto, Alfredo Azamor, Alberto Silva, Martins Teixeira Junior, e até uma escritora chamada Livia Olivais, contribuindo com prosa e verso (NOTINHAS AOS SÁBADOS, 1902, p. 1).

Em 1918, Canto e Melo atuou como um dos colaboradores da revista literária *Parahyba*, de Caçapava, município de São Paulo (PUBLICAÇÕES, 1918, p. 3), na qual também colaboravam os escritores Menotti Del Picchia e Veiga Miranda (LOBATO, 1948, p. 6). Na revista publicou dois sonetos, “O sentimento artístico” e “Arte”, publicados em janeiro, e mais um soneto “Relicário”, publicado em fevereiro de 1918 (PARAHYBA, 1918, p. 6).

Em janeiro de 1895, ele aparece como auxiliar de redação do *Diário Oficial*,

juntamente com Ezequiel Ramos Junior (JORNAL DOS JORNAES, 1895, p. 1). O *Diário Oficial* publicava informes sobre o poder do legislativo do Estado de São Paulo, trabalhos do congresso, entre outros, e era dirigido pelo jornalista Horácio de Carvalho, do círculo próximo a Canto e Melo.

Em 1901, o *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*, do Rio de Janeiro, ainda descrevia o jornalista Canto e Melo como auxiliar de redação do *Diário Oficial*, agora em companhia de Jacintho do N. Moura e Horácio de Carvalho ainda como diretor do jornal (DIARIO OFFICIAL, 1901, p. 1382). Durante os anos seguintes, Canto e Melo apareceria como auxiliar de redação do *Diário Oficial* no *Almanak Laemmert*, até se aposentar em 1916 (NOTAS, 1916a, p. 3), após 21 anos de serviços prestados ao periódico, com aposentadoria de 3:22S\$300 (NOTAS, 1916b, p. 2).

Pelos dados levantados pela pesquisa, não fica claro quando Canto e Melo encerrou as atividades no *Diário Popular*.

Como redator do *Diário Popular*, o escritor não se limitava a publicar poesias e escrever sobre assuntos literários. Os jornais dos estados republicavam as colunas dos periódicos do Rio e de São Paulo, como era comum na época. É o caso da reportagem “Um caso cirúrgico em S. Paulo”, assinada por Canto e Melo e publicada originalmente no *Diário Popular*, em 1902. No mesmo ano, a reportagem foi republicada pelo jornal *A Federação: Órgão do Partido Republicano*, do Rio Grande do Sul.

Trata-se de um relato sobre uma operação bem-sucedida de heteroplastia (enxertos cirúrgicos feitos com órgãos de outros indivíduos) realizada em São Paulo. O menino Hans Schneider, de 9 anos, teve a mão direita apanhada por uma roda de madeira numa fábrica de tecidos em São Bernardo, onde trabalhava seu pai, João Schneider. A mão do menino foi parcialmente esmagada e teve os tecidos do punho e das costas arrancados. O médico Walter Seng fez o primeiro atendimento e, logo em seguida, chefio a cirurgia de transplante de um pedaço de pele extraído das costas do pai para o lugar ferido da mão do menino.

O foco da reportagem é mais a devoção paterna do que o sucesso médico. Canto e Melo apresenta João Schneider como um herói. Para garantir o sucesso do transplante e a rápida cicatrização, a mão do filho foi costurada nas costas do pai, “a fim de não afastar o contato permanente da pele que lhe estava superposta” (CANTO E MELLO,

1902, p. 1). Durante 34 dias João Schneider dividiu o leito do hospital com o filho. Foi demitido da fábrica por ausente, mas depois foi readmitido e recebido com “música, vivas e flores” no primeiro dia do retorno.

Em direção ao ano de 1912, a pesquisa segue a cronologia do ano que mais destacou e deu visibilidade a Canto e Melo no meio artístico e literário paulistano, quando publica seu primeiro romance, *Alma em delírio*, e funda a Sociedade de Cultura Artística.

Naquele ano, inaugurou-se uma filial do jornal *O Paiz*, em um palacete na rua 15 de novembro, na capital paulista. (O “PAIZ” EM S. PAULO, 1912, p. 2). O presidente do diário carioca, João Baptista Cardoso, brindou com champanhe para celebrar a cumplicidade e a união da imprensa do Rio de Janeiro com a paulista (SUCCURSAL do PAIZ, 1912, p. 4). Canto e Melo estava presente na recepção.

2 OBRAS PUBLICADAS

2.1 Alma em delírio (1912)

Além da criação e início das atividades na Sociedade de Cultura Artística, o ano de 1912 marcou a estreia de Canto e Melo como romancista, mudando o rumo de sua carreira de escritor. Ele publicou o romance intitulado *Alma em delírio*, cujas páginas abordavam um caso de alcoolismo, narrado em primeira pessoa por um oficial do exército. Na trama, o autor pretendia contar a história de um conhecido que enfrentou a doença.

Por que Canto e Melo decidiu enveredar pelo romance naturalista em 1912, quando tinha 46 anos de idade e já fazia 22 anos da publicação de *O cortiço*? Ele devia saber que o naturalismo não era bem-visto pelos letrados, que era considerada uma literatura rebaixada e imoral. Seria a opção deliberada por uma literatura escandalosa que atraísse leitores e compradores de livros?

As críticas ao romance de Canto e Melo não foram abundantes, porém foram majoritariamente favoráveis. Os comentários sobre a obra auxiliam a compreender como o público e os veículos de mídia receberam *Alma em delírio*, fortificando assim a construção da notoriedade de Canto e Melo

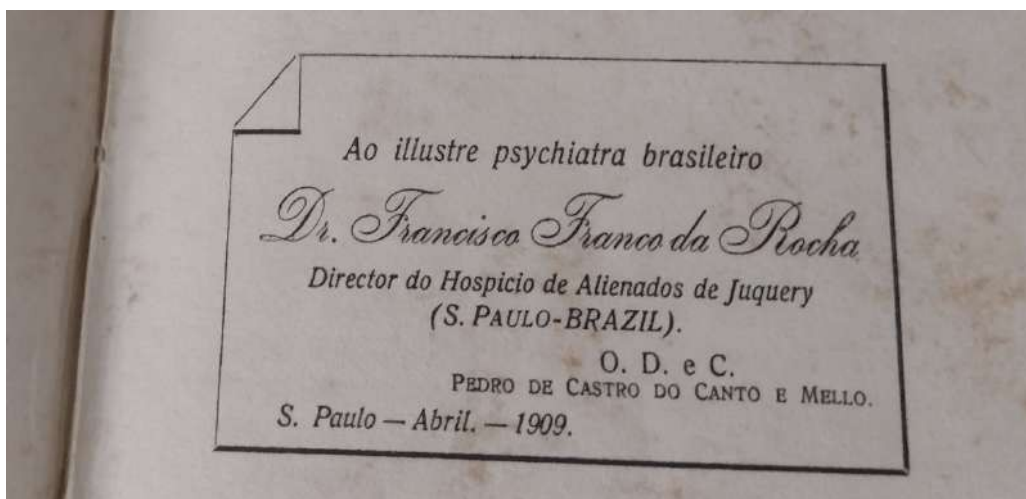
A primeira menção nos periódicos a respeito do romance de Canto e Melo apareceu na edição de 28 de maio do *Correio Paulistano*, quando foi informado aos leitores que Canto e Melo lançaria em breve um romance de 200 páginas com um “estudo psicológico”, cujo conteúdo e nome do autor eram garantia de sucesso (PUBLICAÇÕES, 1912, p. 5).

Tanto o tema do romance – o alcoolismo – quanto sua abordagem como “doença” e “estudo” situavam a obra firmemente na estética naturalista. Na França, Zola estudou o assunto em *L'Assommoir* (1877) e se notabilizou pela descrição do marido da lavadeira Gervásia em *delirium tremens*. Em Portugal, Alfredo Gallis publicou *A Taverna* (1902), sobre o mesmo assunto.

A primeira crítica ao romance localizada pela pesquisa apareceu no número 71 da revista *Ilustração Paulista*, que anunciou o lançamento de *Alma em delírio* em 6 de junho. A coluna “Letras e Artes” se refere a Canto e Melo como um “fino espírito” e possuidor de um juízo lisonjeiro. Julgava *Alma em delírio* um excelente romance, com “estilo polido e seguro”, com que “descreve o caso de loucura delirante com a proficiência de um médico que fosse bom escritor” (LETRAS E ARTES, 1912, p. 32).

A concepção de escritor naturalista como um médico (ou cientista) é um dos pilares da ficção naturalista (SANTANA, 2007). Reforçando o vínculo do naturalismo com a medicina, Canto e Melo dedica o romance ao Dr. Francisco Franco da Rocha, psiquiatra que trabalhava no Hospício dos Alienados de Juquery, São Paulo (Fig. 5).

Figura 5 - Dedicatória ao Dr. Francisco Franco da Rocha no romance *Alma em delírio*



Fonte: Acervo pessoal.

O romance também agradou à *Gazeta Artística*, que dedicou grande parte da coluna “Boletim Literário”, no número 21, referente aos meses de junho e julho de 1912, para elogiá-lo. A revista se refere a *Alma em delírio* como o maior (e talvez único) acontecimento literário de São Paulo das semanas prévias. Ressalta que as críticas positivas que estavam sendo feitas ao romance não exageravam em nada, visto que Canto e Melo era um escritor de “pulso”, capaz de reviver o gênero romance, que na opinião do articulista Yorick há tempos havia sido abandonado pelos literatos.

O romance (de páginas “belíssimas”) era uma narrativa autobiográfica (isto é,

narrado em primeira pessoa) do declínio de um antigo oficial do exército. E, embora se destacasse por um “estilo simples, incisivo, despido de adornos e distensões inúteis”, sua composição poderia ter sido feita com maior “diligência”, pois o romance possuía discrepâncias, com frases banais e até mesmo algumas palavras a mais, que poderiam ser vistas como um defeito. No entanto, essa falha não diminuía a competência do autor e o valor do romance (YORICK, 1912, p. 10).

O *Jornal do Commercio Edição da Tarde*, do Rio de Janeiro, na edição de 11 de junho de 1912, produziu outra resenha favorável a *Alma em delírio*, assinada por J. L. na coluna “Notícias Literárias”. O articulista assinala que, no prefácio, Canto e Melo alega se tratar de uma história verídica (o “diário íntimo”) de um velho amigo, redigida pelo próprio, que lhe foi entregue no momento de se despedirem para sempre. O autor, portanto, após algumas revisões, apenas republicava o texto, confiante de que seria de interesse público.

J. L. desmascara tal alegação como “truque do romancista”. Era a velha estratégia do “manuscrito encontrado” por acaso (ou remetido ao escritor com a missão de que o torne público), que ajudava a legitimar a história e torná-la insuspeita. O articulista elogia o “estilo desataviado, despreocupado, quase noticioso” do romance, com “linguagem corrente e chã de relatório”, aproximando a ficção naturalista tanto da linguagem jornalística quanto da linguagem científica.

J. L. faz um resumo do enredo. O protagonista Rogério Duarte, capitão de cavalaria, começa com o relato das operações militares para sufocar a Revolta dos Muckers na cidade rio-grandense de São Leopoldo, atualmente Sapiranga, no Rio Grande do Sul.¹ São páginas sobre o bombardeamento e sobre a cidade vendida e apavorada. Nas festas pela vitória, Rogério conhece a família de Carolina, que ofereceu um baile em homenagem à oficialidade. Rogério compareceu e se encantou por Carolina.

Continuou depois a frequentar a casa da família e se apaixonou de verdade. Logo se casam “um pouco atabalhoadamente”.

O casal vem morar no Rio de Janeiro. Passam-se meses. Carolina se revela uma

¹ A **Revolta dos Muckers** ou **Campanha do Morro do Ferrabrás** foi um conflito armado (1873-1874) entre tropas militares e integrantes de uma comunidade religiosa liderada pelo casal Jacobina Mentz Maurer e João Jorge Maurer (também chamado na colônia de *Hansjörg Maurer*), em São Leopoldo, atualmente Sapiranga, no Rio Grande do Sul. Ver *Wikipédia*.

“coquete, voluntariosa, perversa, escarnecedora, insuportável”, nas palavras de J. L. Sem forças para reagir, Rogério recorre ao álcool para esquecer. Cai no alcoolismo: “embrutece, degrada-se, atravessa medonhas crises de ferocidade, perseguem-no visões patéticas”. Desmoralizado no exército, reformam-no. A esposa adoece de desgosto. Nos seus delírios, Rogério imagina que ela o enganava com o médico. Um dia tenta surpreendê-los com um revólver. É levado para um hospício. Ali se cura da doidice, mas não da tuberculose, que o álcool ajudara a contrair. Volta para a casa. A esposa morre nesse intervalo. Rogério vai para Campos de Jordão tentar uma segunda cura. Antes de ir, passa um tempo hospedado na casa de Canto e Melo em S. Paulo, onde escreve suas memórias e as passam para o escritor.

Outra coluna da *Ilustração Paulista*, publicada na edição de 13 de julho de 1912, apresentou uma abordagem diferente para referir-se a Canto e Melo e ao seu romance *Alma em delírio*. A coluna “Da Minha Janela”, assinada por Maria da Luz, se caracterizava por descrever o movimento de rua que a colunista supostamente via de sua janela. Ela vê costureiras caminhando para os ateliês onde vão “alinhar vestidos da moda para o mundo elegante”; vê normalistas apressadas e até meninos vendedores anunciando a *Ilustração paulista* para os transeuntes.

Naquela manhã, Maria da Luz observou Canto e Melo prostrado em frente à vitrine de uma livraria, observando com tristeza exemplares de *Alma em delírio* ali expostos, sugerindo que as vendas não estavam boas. Ela descreve o autor como “um senhor de estatura regular e de fisionomia simpática e inteligente”, mas aparentemente infeliz com a indiferença dos leitores pelo romance.

A coluna de Maria da Luz contradiz as notícias sobre a boa aceitação de *Alma em delírio*, publicadas pela mesma revista *Ilustração Paulista*, no mesmo número. Alega que a imprensa não estava dando o devido valor ou fazendo a divulgação merecida da obra. Projeta a imagem de Canto e Melo como um escritor aborrecido com a baixa procura de sua obra. A colunista confessa que conhecia pouco o romancista. Maria da Luz era colega de imprensa em S. Paulo e só conhecia Canto e Melo de nome. Só depois que o viu de sua janela se animou a comprar *Alma em delírio*, que leu com rapidez e satisfação. Por isso, Maria da Luz termina sua coluna com um apelo para que os homens de letras dessem o devido valor a *Alma em delírio*, tornando assim “conhecido e apreciado o

trabalho delicado do Dr. Canto e Melo" (LUZ, 1912, p. 12).

Alma em delírio também recebeu uma resenha simpática no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro. Na edição de 6 de junho de 1912, na coluna "Livros Novos", a obra é descrita como um "romance brasileiro digno de apreço", possuidor de linguagem pura e merecedor de novos leitores. Entretanto, o primeiro comentário do colunista é de que Canto e Melo "é um autor pouco conhecido em nossas letras" (LIVROS NOVOS, 1912, p. 4). Vindo de um jornalista literário, o comentário sugere que ele tinha pouca repercussão fora de São Paulo.

Para o colunista, o romance "possuía um cenário brasileiro vivo, com tintas fortes". Através de sua história conseguia transmitir os costumes brasileiros de modo bem-sucedido. Dessa forma, afirma que a capacidade envolvente de Canto e Melo em contar histórias divergia dos "romances endeusados de famosos acadêmicos" que não tinham as mesmas virtudes de *Alma em delírio*. O jornal afirmava também que Canto e Melo possuía a habilidade de narrar os delírios da alma em equivalência à escrita de Edgar Allan Poe e Guy de Maupassant, pontuando ainda que o romance possuía uma leitura fácil e agradável, merecendo, portanto, um estudo mais aperfeiçoado. (LIVROS NOVOS, 1912, p. 4).

Alma em delírio apareceria mais duas vezes nas páginas d'*O Paiz*. Os dois articulistas dizem que receberam a cópia do livro diretamente de Canto e Melo. No período era prática comum um autor enviar exemplares de seu novo livro a escritores bem situados na imprensa, no intuito de ganhar uma nota de agradecimento ou até mesmo palavras simpáticas numa coluna de prestígio, o que era boa propaganda. O gesto confirma o empenho de Canto e Melo em divulgar seu romance e seu nome.

Na edição de 9 de junho, Oscar Lopes, na crônica de primeira página da edição de domingo, "A Semana", acusa o recebimento do romance, que descreve como "curiosíssimo estudo de um neuropata arrastado ao alcoolismo pela fatalidade de um drama conjugal nitidamente traçado em linhas de uma simplicidade dórica" (LOPES, 1912, p. 1). Aparece a palavra "estudo" e a perspectiva da "fatalidade" (ou determinismo), tradicionalmente associados ao naturalismo. A "simplicidade" do estilo foi outra característica de *Alma em delírio* apontada pelos articulistas, que aproxima o naturalismo de outros gêneros textuais, como o relatório e a notícia de jornal.

Na edição de 9 de julho, na coluna “Dois dedos de prosa”, na primeira página, a escritora Julia Lopes de Almeida (1862-1934) agradece pelo envio de um exemplar de *Alma em delírio* e felicita Canto e Melo “cordialissimamente pela impressão de realidade que soube dar ao seu livro e pelo estudo consciencioso que revelou na apresentação de sua principal figura” (ALMEIDA, 1912, p. 1). De novo aparece a palavra “estudo” e aqui também a “impressão de realidade”, necessária a uma literatura que pretendia “descrever a vida como ela é”.

Canto e Melo também foi elogiado numa breve menção na coluna “Notas”, do jornal *A Imprensa*, do Rio de Janeiro, do dia 30 de agosto. O periódico o descreveu como um brilhante autor que acabava de conquistar uma bela recepção na República das Letras com o lançamento de *Alma em delírio* (NOTAS, 1912, p. 2).

Por fim, a última nota sobre o romance encontrada pela pesquisa foi publicada no jornal carioca *Correio da Manhã*, na edição do dia 22 de julho de 1912. Osório Duque Estrada, na coluna “Registro literário”, tece comentários positivos sobre *Alma em delírio*. Para o colunista, a obra não era “propriamente um romance”. Era “antes um estudo de psiquiatria que de literatura”, embaralhando as fronteiras entre ciência e arte, como pretendia fazer a ficção naturalista, que o crítico não via com bons olhos. Mesmo assim, *Alma em delírio* era um “livro forte e bem delineado, no qual revela o seu autor predicados e qualidades já bem acentuadas de observador e psicólogo”. Era “um trabalho vívido e bem exposto que coloca[va] Canto e Melo em lugar bastante honroso ao lado dos bons, senão dos melhores cultores da prosa do Brasil” (DUQUE ESTRADA, 1912, p. 1).

Apesar de não ser mais comentado nos jornais, *Alma em delírio* ganhou uma segunda edição em 1914, dois anos após a primeira, o que é um indício de um livro comercialmente bem-sucedido. Como de praxe, Canto e Melo enviou exemplares do romance a colunistas dos jornais, dando início a uma nova breve rodada de resenhas.

A pesquisa só localizou informações sobre o preço da segunda edição do romance. As duas edições foram publicadas pela Editora O Pensamento, de São Paulo. Em dezembro de 1914, a livraria de João Martins Ribeiro, no Rio de Janeiro, vendia *Alma em delírio* por 2 mil-réis, um livro barato (LIVROS, 1914, p. 9). Era o mesmo preço da edição de lançamento de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, pela Livraria Garnier, em 1890. Em novembro do ano seguinte, o preço de *Alma em delírio* variava entre 3.500 réis e 4

mil-réis, na Casa Garraux, em São Paulo (SECÇÃO DE INFORMAÇÕES, 1915, p. 7).

Graças à segunda edição de *Alma em delírio*, a coluna “Letras e Letras, na edição de 6 de abril do *Correio Paulistano*, louva Canto e Melo como um escritor de raro sucesso “nas ingratas lides literárias”, confirmando que não era comum um trabalho literário ter uma segunda edição. A nova edição “significa[va] o aplauso, não de fragmentados grupinhos de critiqueiros, mas desse povo que lê com sinceridade, que compreende o escritor através de suas emoções, de suas dores ou de suas alegrias”. Segundo o colunista, Canto e Melo era um romancista “elegante e bizarro”, que já havia publicado um novo romance, *Mana Silvéria*. Era um “poeta virgiliano”, autor de *Bucólica*, que teve a sorte de conquistar uma reedição de *Almas em Delírio*, tão pouco tempo depois de sua primeira edição (LETRAS E LETRAS, 1914a, p. 2).

A revista carioca *Careta*, na coluna “Artes e Letras”, na edição de 2 de maio de 1914, acusou o recebimento de um exemplar da segunda edição de *Alma em delírio*, com a promessa de redigir uma crítica do romance no final do mesmo mês, conforme aparece na coluna na edição de 30 de maio (ARTES E LETRAS, 1914a, p. 44). Para a revista, *Alma em delírio* era bom, mas tinha defeitos, como episódios apressados e detalhados, sem importância para a trama. Para o articulista, a primeira parte do romance foi criada somente para justificar o “estudo psicológico” posterior. Por isso, as razões da discórdia entre Rogério e Carolina não ficam claras para o leitor. O colunista iguala o estilo de Canto e Melo ao dos “relatórios militares”, isto é, seco e sumário. Apesar disso, o jornal sugeria ao autor retocar o romance. Mesmo apresentando pressa em algumas passagens, o romance não perdia a sua graça e a emoção de páginas “originalmente bizarras” (ARTES E LETRAS, 1914b, p. 10).

No *Diário de Pernambuco*, na edição de 25 de fevereiro de 1916, a coluna “Livros e Folhetos”, assinada pelo escritor Mário Melo, publicou uma longa resenha laudatória de *Alma em delírio*. A coluna é interessante porque sua motivação principal era o desconhecimento sobre escritores de fora da capital, Rio de Janeiro. Melo destaca que os pernambucanos desconheciam o que ocorria na vida literária em São Paulo, assim como os paulistas não sabiam o que andava sendo publicado no Recife. Temos aqui, portanto, outro cronista literário que alegava desconhecer Canto e Melo e sua obra até aquele momento.

Mário Melo se mostra entusiasmado com o descobrimento de Canto e Melo, “um continuador das teorias de Flaubert, Zola, Daudet, Aluísio, Júlio Ribeiro, Domingos Olímpio, Marques de Carvalho, Valentim [Magalhães] e outros da escola realistas em estudos de casos patológicos”. Relata que iniciou a leitura das obras do autor pelo romance de estreia, *Alma em delírio*, que tinha satisfação de divulgar em Pernambuco. Após uma análise detalhada, Melo julga o romance um estudo “seguro e perfeito de psicologia, com páginas de extraordinária beleza e fenômenos de sons maravilhosos”, referindo-se a uma cena de delírio do protagonista em que ele confunde toques de clarim, com rebates de guerra e sinos de igreja (MELO, 1916, p. 2).

O *Jornal do Commercio*, na edição de 17 de julho de 1919, publicou uma notícia da Academia Brasileira sobre o recebimento das três obras já publicadas de Canto e Melo, enviadas pelo autor para compor o acervo da Biblioteca da ABL. A nota define *Alma em delírio* como um estudo de patologia, que teria sido escrito em 1905, mas só publicado em 1912. Destaca que Canto e Melo recebeu elogios de José Verissimo e tinha em preparo um novo romance, *Frei Miguel* (ACADEMIA BRASILEIRA, 1919, p. 6). Trata-se da única referência encontrada pela pesquisa a um romance inacabado ou não-publicado de Canto e Melo.

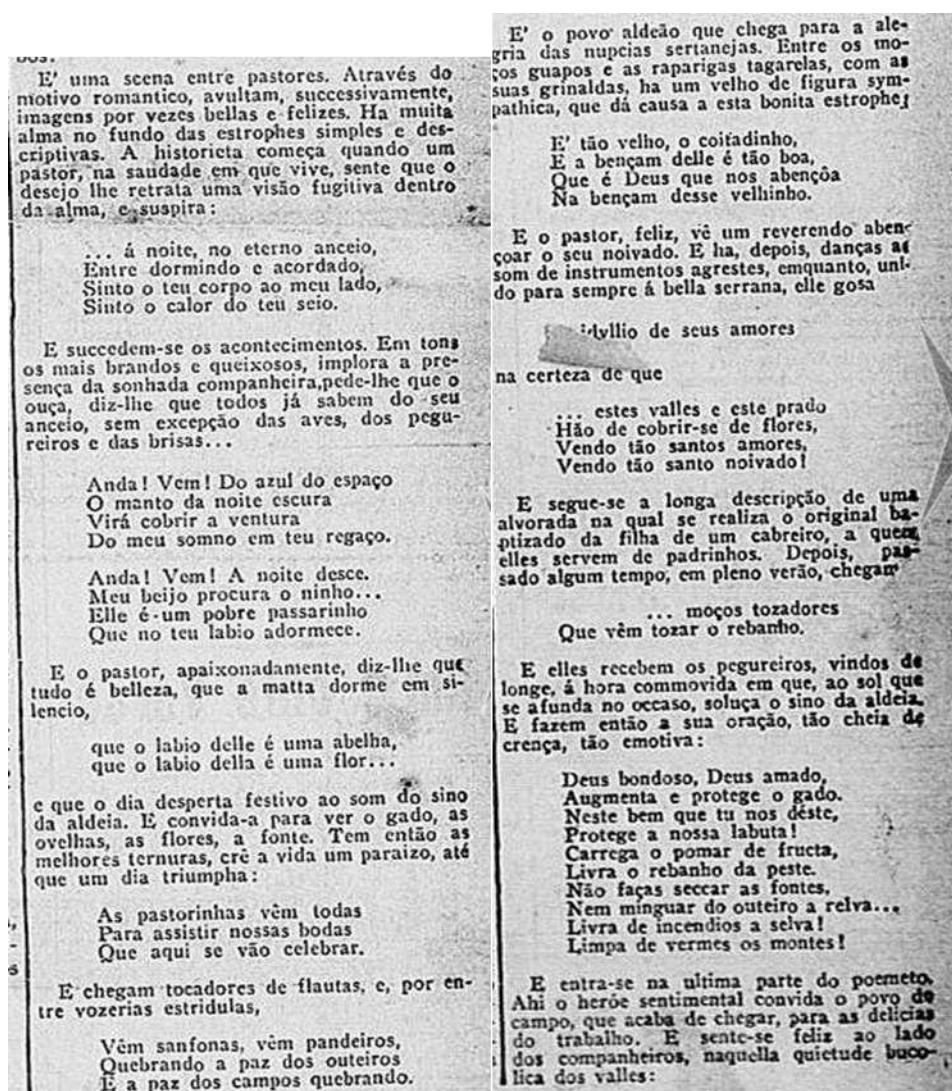
2.2 Bucólica (1914)

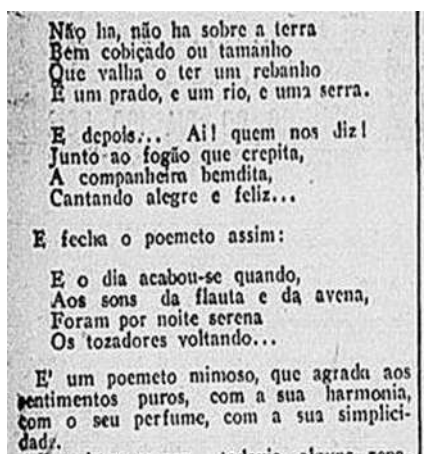
No dia 9 de janeiro de 1914, *A Imprensa*, do Rio de Janeiro, anunciou que Canto e Melo publicaria, entre os dias 15 e 20 daquele mês, um livro de versos intitulado *Bucólica* (TELEGRAMMAS DE S. PAULO, 1914, p. 3). No mesmo dia, *O Paiz* e *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro* publicaram a mesma notícia (NOTÍCIAS DE S. PAULO E RIO GRANDE DO SUL, 1914, p. 4).

O *Correio Paulistano*, na edição de 19 de janeiro, fez a primeira crítica encontrada pela pesquisa sobre o poemeto *Bucólica*. O jornal publicou alguns trechos da obra enquanto fazia comentários positivos sobre a composição da brochura e da obra em si. O jornal afirmou ter recebido um leve exemplar da obra em letras de relevo, contendo quarenta páginas de um excelente papel e possuindo versos de sete sílabas. Todavia,

após a análise de alguns versos, o jornal propôs alguns reparos rítmicos e ortográficos, a fim de manter e evidenciar a já presente harmonia presente no trabalho de Canto e Melo (LETRAS E LETRAS, 1914b, p. 1 e 2).

Figura 6 - Trechos de Bucólica, *Correio Paulistano*, São Paulo

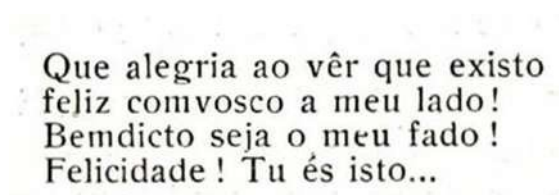




Publicados no *Correio Paulistano* em 19 de janeiro de 1914.

A edição de número cinco da revista *Fon Fon : Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiente*, na edição de 31 de janeiro de 1914, publicou uma breve nota sobre *Bucólica*, denominando-a como “uma deliciosa *plaque* (folheto) com sentimento à vida calma da província e da gente simples, com um ritmo embalador e nostálgico” (BUCÓLICA, 1914, p. 36). O periódico publicou também uma pequena mostra do poemeto:

Figura 7 - Trechos de *Bucólica* na revista *Fon Fon : Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiente*, São Paulo



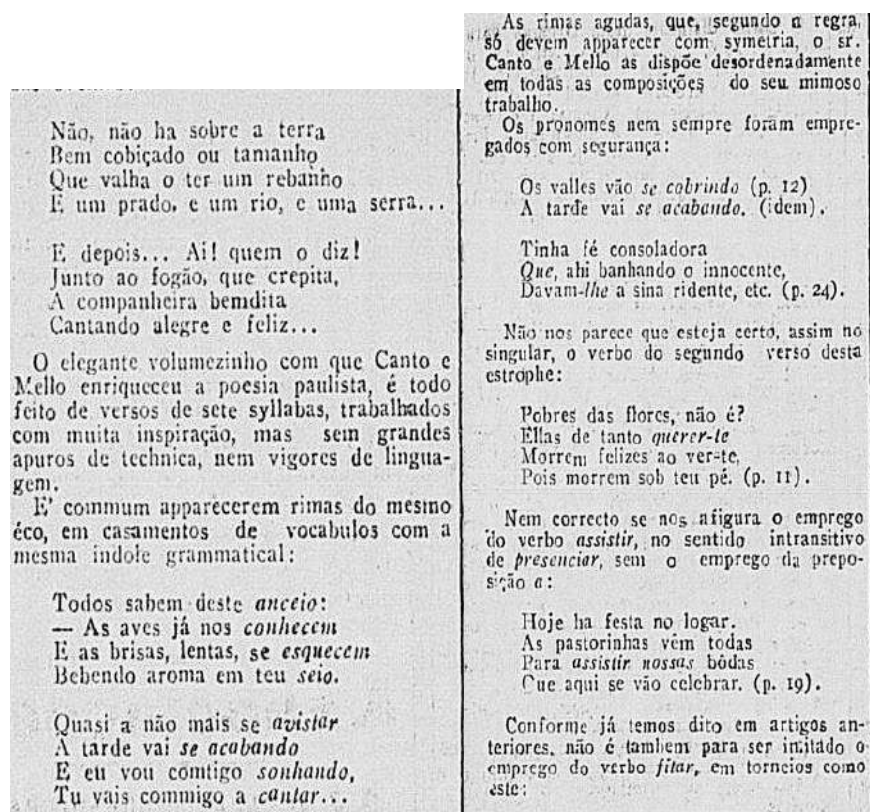
Publicado na revista *Fon Fon : Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiente*, no dia 31 de janeiro.

O *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, na edição do dia 9 de fevereiro de 1914, também publicou suas impressões sobre o poemeto *Bucólica*. De acordo com o cronista da coluna “Registro Literário”, *Bucólica* consistia em uma “fantasia pastoril em versos de redondilha maior”. O jornal afirmou que o poemeto apresentava páginas de espontaneidade e inspiração, mas que essas não conseguiam alcançar o mesmo nível de intelectualidade e originalidade das obras em prosa de Canto e Melo, como *Alma em*

delírio e *Mana Silvéria*, que o haviam consagrado (REGISTRO LITERÁRIO, 1914, p. 1). Por esse comentário, a pequena notoriedade conquistada em vida por Canto Melo foi graças aos romances naturalistas, e não às poesias.

Dois anos depois, na edição de 16 de janeiro de 1916 do *Correio Paulistano*, o escritor Aristeu Seixas realizou uma crítica ao poemeto de Canto e Melo, *Bucólica*. A obra é retratada pelo jornal como um livrinho de leitura encantadora, construída com “simplicidade e brilho”. Apesar de intitular o poemeto como um “elegante” volume dignificador da poesia paulista, a crônica apontou vários erros rítmicos e gramaticais presentes na obra, mas que não chegavam a interferir na beleza e na simplicidade artística das estrofes. Por fim, o jornal afirma que *Alma em delírio* era o melhor romance do autor, sem retirar os méritos da simples natureza de *Bucólica* (SEIXAS, 1916, p. 2).

Figura 8 - Trechos de *Bucólica*, *Correio Paulistano*, São Paulo



Lá no recanto sombrio,
 Onde é mais macia a relva,
 Quasi na entrada da selva
 Que segue beirando o rio,

 Vive um casal de pastores
 Que vein de longes serras
 Para gosar nestas terras
 O idyllio de seus amores.

 E andam os dois tão chegados,
 Vagando pelos outeiros,
 Que inveja dão aos solteiros
 E inveja dão aos casados.

 E, assim, os dois, unidinhos,
 Ouvem, por noite serena,
 Os tocadores de avelã
 Sonorizando os caminhos,

 Enquanto por sobre os montes
 Passam estrellas cadentes
 E as brizas velam contentes
 O somno e o sonho das fontes...

Publicado em 16 de janeiro de 1916, na segunda página do Correio Paulistano.

2.3 Relíquias da memória (1920)

Independente da escassa presença de Canto e Melo na mídia, o novo livro do autor, intitulado *Relíquias da Memória*, foi recepcionado positivamente pela crítica. A coluna “O livro do dia”, na edição de 8 de outubro de 1920 d’*O Jornal*, do Rio de Janeiro, notificou brevemente o recebimento do romance, classificando Canto e Melo como um autor que já vinha ilustrando as letras nacionais com um gênero pouco em voga naquele momento, o romance (O LIVRO DO DIA, 1920, p. 2).

Relíquias da Memória foi publicado pela mesma editora de *Alma em delírio* e *Mana Silvéria*, a Empresa Tipográfica Editora O Pensamento, de São Paulo. Apesar do título autobiográfico, era um trabalho de ficção. Abaixo do título aparece a palavra “romance” entre parêntesis. Um narrador conta suas memórias inventadas, mas são lembranças e experiências de Canto e Melo, no Rio Grande do Sul, que alimentam a ficção. Das memórias, ele vai narrar as “relíquias”, dando-lhes desse modo uma dimensão sagrada e excepcional. A narrativa é centrada no velho Magalhães, uma espécie de arquétipo do pampeiro gaúcho, figura impressionante em torno da qual ocorrem os episódios, com

sucessivos quadros descritivos de paisagens e costumes rio-grandenses. No terceiro romance, Canto e Melo se afasta do naturalismo fisiológico dos livros anteriores e retorna às suas raízes gaúchas.

O recebimento de *Relíquias da Memória* foi noticiado pelo *O Imparcial* do Rio de Janeiro na edição de 10 de outubro de 1920. O jornal define Canto e Melo como um autor de destaque na “vanguarda dos romancistas da moderna geração”, dono de uma escrita leve e simples que prendia a atenção de leitores exigentes com cenas descritas de forma enriquecedora, lapidada por uma linguagem sã e fluente. Essas impressões foram redigidas pelo jornal a partir da leitura dos primeiros romances do autor, *Alma em delírio* e *Mana Silvéria*, prometendo em sua próxima edição trazer as impressões do novo romance do autor (PUBLICAÇÕES RECEBIDAS, 1920, p. 6).

Na edição seguinte de *O Imparcial*, em 11 de outubro, Augusto de Lima, na coluna “Notas Literárias”, fez uma análise da obra. O jornalista inicia sua crítica confessando sentir vergonha por não ter lido os romances anteriores de Canto e Melo, de quem só tinha ouvido falar, sendo ele “muito vagamente citado nas bibliografias dos jornais” (LIMA, 1920, p. 1). Augusto de Lima é mais um escritor importante da capital que desconhece a obra de Canto e Melo até 1920. Ele afirma se arrepender de ter ignorado o trabalho de um romancista de valor e uma obra-prima, cujas descrições eram tão detalhadas que o leitor acabava por se sentir na pele do personagem.

Lima valoriza *Relíquias da memória* por seus valores de brasilidade e normas da língua padrão, sem regionalismos, neologismos ou futurismos de linguagem: “Todo o trabalho, na sua perfeição brasileira, está escrito no melhor português de lei” (LIMA, 1920, p. 1). De acordo com o articulista, Canto e Melo pertencia a uma “elite” de escritores que possuía o segredo para transmitir com perfeição e graça a simplicidade da vida com facilidade. Para comprovar a qualidade da prosa de Canto e Melo, o periódico publicou alguns trechos do romance (LIMA, 1920, p. 2).

A revista paulistana *A Vida Moderna*, na edição de 3 de novembro, dedicou dois espaços do número 394 ao novo romance de Canto e Melo. Na página 14, com o título de “A Marcação” (fig. X), publicaram um trecho do romance sobre a marcação de gado com ferro em brasa. Na página 34, a coluna “O momento literário” dedicava-se às impressões sobre o romance. Para o colunista, o romance fora escrito com mão de

mestre. Mesmo com alguns defeitos, conseguia fazer com que a beleza predominasse. Sendo assim, a revista sugeria que Canto e Melo se dedicasse mais a escrever mais belas peças para as letras brasileiras.

Relíquias da Memória é tido pela revista como uma representação fiel da terra natal do autor, descrita através de sentimentos profundos da alma. Era, dessa forma, um perfeito “romance nacional”, devido a “sua intensidade e brilho da cor local”, nos quadros dos ilustres cenários da vida gaúcha. E, por fim, não resistindo à tentação de mostrar um desses quadros a seus leitores, a revista publicou outro trecho do romance (Fig. 9), intitulado de “O Sonho” na coluna (Fig. 10) (RELÍQUIAS DA MEMÓRIA, 1920, p. 34).

Figura 9 - Trechos de Relíquias da Memória, "A marcação", A Vida Moderna, São

Paulo

A Vida Moderna

"A marcação"

O dia se apresentava limpo e sereno.

Em frente, na linha do horizonte, galgava o céu o clarão vermelho que precede o nascer do sol.

No alto passavam as primeiras garças, em direcção à lagôa próxima, de onde subia ao ar sosegado a algazarra dos quêro-quêros.

Campeiros saíam em todas as direcções, a repontar o gado e separar os novilhos que deviam ser marcados.

Breve appareceu ao longe a ponta de gado, que vinha lentamente em direcção ao curral.

Quebrando o socego do ar, vagavam pelo espaço os gritos dos campeiros e o latir dos cães e, de mais longe, de muito longe, vencendo o infinito socego dos êrmos mal desportos, subia ao céu o chiado somnolento de um carro de bois invisível, mas que a imaginação percebia fugindo lentamente na curva da estrada distante, para além da lagôa onde se banhavam as garças e onde passavam revoando os bandos de quêro-quêros.

A ponta de novilhos foi recolhida ao curral e, á beira d'elle, accesa a fogueira, para aquecer ao rubro as marcas de ferro.

E a deshumana tarefa começou. Gaúchos, vestidos de chiripá, entraram no curral e começaram a laçar pelo pescoço os novilhos, que eram puxados para fóra. Ao sahir do curral, outros laçadores atiravam os seus laços nas pernas trazeiras do animal, imprimindo a esse lance um movimento de baixo para cima, de modo que o laço entrando por baixo das patas trazeiras, prendia as duas pernas e tolhia completamente os movimentos do novilhão. Chamavam a isso «pialo de cuchara», pialo de «colher», pois a palavra hespanhola «cuchara» significa colher.

Depois, com um esticão para o lado, o animal, que já vinha resistindo ao laço que o puxava pelo pescoço, cahia, inteiramente vencido e inofensivo.

Nesse momento, o marcador, tirando da fogueira o ferro em brasa, escolhia na anca do animal o lugar mais em evidencia e ahi comprimia fortemente o ferro candente.

E com que requinte de volupia elle calcava com todo o peso do corpo o cabo da marca !...

Ouvia-se o chiado dos tecidos destruidores, um mugido agoniado de dor indescritivel, espalhava-se em torno um cheiro de pellos e de carne queimados e o animal era solto.

A's vezes o ferro não estava no ponto conveniente de incandescencia e, por isso, a marca ficava indecisa, pelo que era forçoso renovar o supplicio. E o animal parecia comprehender que novo martyrio lhe estava reservado. Nos seus grandes olhos meigos e resignados lia-se uma tal expressão de angustia e de horror, no tremor convulsivo de todos os seus membros havia uma tão evidente demonstração de medo, de desespero e de agonia, que só mesmo o homem, o rei da dos animaes e o mais intelligente de todos os seres, poderia banir da alma os impulsos da bondade e conservar indifferente aquelle supplicio o seu coração.

Quando soltaram um dos novilhos, cheguei bem perto, transido de espanto diante daquelle padecimento. O animal estava parado, de cabeça baixa e a perna contrahida pela dor.

Vi que nos seus olhos desvaireados havia reflexos esverdeados e que delles escorriam lagrimas.

O novilhão chorava !

Oíhei em torno e vi que os seus algozes riam...

Fugi dali horrorisado. No alto, se arqueava o grande céu sem nuvens, pontilhado de aves de rapina, que farejavam carniças. Da beira do banhado chegava a gritaria dos quêros-quêros e, do fundo do laranjal vinha, na aza leve da briza, o canto dos sabiás confundido com o turturinar das rôlas.

Longe, na estrada, appareceu um grupo de cavalleiros e de damas, que vinham tomar parte na festa.

Para demonstrar a sua alegria, gritavam e disparavam tiros. A cachorrada sahiu ao seu encontro, latindo. As cuias de matte corriam de mão em mão e, para um lado do terreiro, os assados de carne com couro crepitavam ao fogo.

Fugi para o pomar. Era uma grande estensão de terreno onde as laranjeiras alinhadas encontravam no alto os seus galhos, desdobrando por baixo uma deliciosa mansão de sombras e de repouso. Dos lados do laranjal se extendiam filas de pecegueiros, pereiras e macleiras. Longe no espesso das ramarias, cantavam sabiás. Perto, um casal de rôlas revoava em torno do ninho, escondido numa espessura de folhagens. No ar, fendendo a sombra do arvoredor, passavam borboletas, sacudindo de leve as azas indolentes. No alto, por uma abertura dos ramos, se avistava um pedaço céu, inundado de luz.

E no ar, e no céu, e no canto dos sabiás, e na macleira do ninho e no abençoado repouso do arvoredor, quanta paz e que evidente contraste com a impiedosa tarefa que se executava á beira do curral !...

De lá chegavam os gritos de entusiasmo dos laçadores, ao executarem algum acto de destreza. E, misturados com elles, os mugidos agoniados dos novilhos em supplicio subiam tremulamente ao céu...

Depois, estrugiam no espaço tiros de bacamarte e sons de buzinas.

Estava acabada a tarefa. Vagavam no ar, fendendo o mormaço do meio dia, notas fanhosas de sanfona misturadas a uns sons de guitarra e a um zangarrear de viola.

Voltei a casa, para escutar o choro da guitarra...

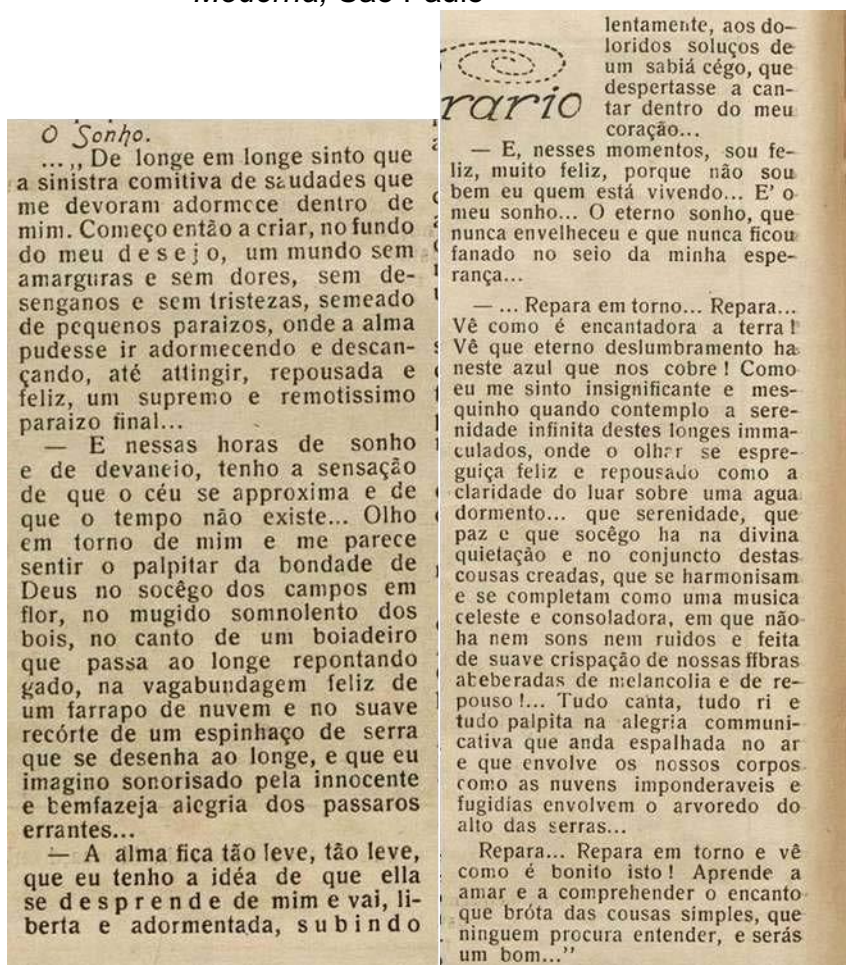
CANTO e MELLO.

(De «Relíquias da memória».)

*** O espirito anda mais depressa do que o coração, mas não vae mais longe.

CONFUCIO.

Figura 10 - Trechos de *Relíquias da Memória*, “Sonhos”, *A Vida Moderna*, São Paulo



Publicado na página 34 da revista *A vida moderna*, em 3 de novembro de 1920.

O volume 947 de 6 de novembro da revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, acusou recebimento da “magnífica” edição de *Relíquias da Memória* e de seu “brilhante e seguro” escritor (PROTOCOLLO, 1920, p. 7), apontando o esforço de Canto e Melo em enviar seus livros aos periódicos mais influentes das capitais.

Na edição de 18 de novembro de 1920, a *Gazeta de Notícias* intitula Canto e Melo um “brilhante nome das letras nacionais”. Para o articulista, *Relíquias da Memória* era um romance “delineado e bem escrito com personagens característicos”, no qual a vida real e a movimentação da escrita compõem o romance, resultando dessa forma em um filosófico livro cintilante de emoções e conceitos (RELÍQUIAS DA MEMÓRIA, POR CANTO E MELLO, 1920, p. 3).

A revista *S. Paulo Illustrado* de número 40, em 1920, cita numa breve nota *Relíquias da Memória* como um dos novos lançamentos do “movimento intelectual paulista”, em companhia de *Jardim das Hesperides*, de Cassiano Ricardo; *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana; *Vigílias*, de Mario de Azevedo; *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, entre outras obras (LIVROS NOVOS, 1920, p. 11).

Relíquias da Memória recebeu uma análise minuciosa no jornal rio-grandense *A Federação: Órgão do Partido Republicano*, na edição de 8 de dezembro de 1920. Na coluna “Literaturas”, o escritor Alcides Maia faz um parecer sobre a obra de modo detalhado e apreciador, acreditando que o Rio Grande do Sul deveria apreciar mais Canto e Melo, visto que ele representava como ninguém o espírito gaúcho. Maia o coloca como o escritor de uma das mais belas ficções em prosa das letras rio-grandenses. Segundo ele, o autor de *Relíquias da Memória* soube encaixar em seu enredo a beleza das paisagens gaúchas, com descrições precisas de costumes e temperamentos da região. Na figura do protagonista do romance, o velho Magalhães, Maia identifica uma feição mental que lembrava, “na sua trivialidade de campeiro, o mundo trágico e simples de traços de Dostoiévski” (MAIA, 1920, p. 1).

Apoiado em trechos da obra publicados na crônica, o jornalista pôde analisar a escrita de Canto e Melo e chegar à conclusão de que o autor compôs uma “tragédia moral através de um monólogo impressionante”. Segundo o cronista, o segredo foi dar vida a um protagonista que se apresenta como um verdadeiro rio-grandense, conhecedor da cultura local. Maia afirma que, caso houvesse defeitos na produção da obra, eles foram diluídos pela harmonia do romance, visto que o autor teve a “felicidade” de surgir como escritor após a extinção de “cartapuchos realistas” (MAIA, 1920, p. 1), ou seja, distante do período experimental dos métodos de Zola, podendo, dessa forma, focar apenas na prosa, no verso e na beleza das palavras.

Os comentários de Alcides Maia são importantes. Ele era membro da Academia Brasileira de Letras desde 1913, sucedendo a Aluísio Azevedo na cadeira 4. Maia diz não entender por que Canto e Melo “ainda tem o nome em penumbra nas letras nacionais”, confirmando o relativo anonimato do autor entre os letrados mais importantes. Como outros escritores dominantes, Maia não gosta do naturalismo e vê com bons olhos a transição de Canto e Melo para uma prosa mais casta e poética em *Relíquias da*

Memória. Ele foi o primeiro escritor rio-grandense a ser admitido na ABL e seu entusiasmo pela obra de Canto e Melo tem muito de bairrismo gaúcho.

Embora fosse a expressão de uma arte “um tanto retardatária”, *Relíquias da Memória* era “o melhor livro que surgiu em S. Paulo nos últimos dias deste ano fecundo de 1920”. Assim o jornal *Correio Paulistano* saudou o novo romance de Canto e Melo, na edição de 27 de dezembro de 1920. Na coluna “Bibliografia”, na primeira página, fez elogios a *Relíquias da Memória*. O romance possuía uma imaginação viva e quase poética. Canto e Melo havia realizado de modo invejável o que sempre foi idealizado pela arte desde o romantismo, isto é, realizou “a transmissão dos sentimentos doloridos da alma, as sensações quase físicas da saudade, os desesperos íntimos do coração, entusiasmos, anseios, desesperos”. O resultado era um romance ao mesmo tempo doce e amargo. “Quem o ler”, garantia o articulista, “dificilmente se conservará impassível” (BIBLIOGRAPHIA, 1920, p. 1).

Em 16 de fevereiro de 1921, o jornal carioca *D. Quixote*, com a legenda “Canto e Melo, cujo livro *Relíquias da Memória* está na memória de todos”, publicou uma caricatura do escritor em perfil em sua homenagem (Fig. 11)

Figura 11 - Caricatura de Canto e Melo na revista *D. Quixote*, Rio de Janeiro



Caricatura de Canto e Melo na revista *D. Quixote*, 16 fev. 1921, p. 16.

Em 1923 *Relíquias da Memória* ganhou uma nova edição. A novidade apareceu no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, no dia 29 de setembro de 1923, na coluna “Registro Literário”, de Osório Duque Estrada. O cronista conclui que “a rapidez com que foi esgotada a primeira edição é atestado eloquente das simpatias com que foi recebido o trabalho do sr. Canto e Melo” (DUQUE ESTRADA, 1923, p. 8). Nessa época, um exemplar de *Relíquias da Memória* na Livraria Universal, em Pelotas (RS), custava 5 mil-réis (ÚLTIMOS LIVROS, 1923, p. 25).

2.4 Recordações (1923)

No ano de 1923, Canto e Melo publicou seu último romance, *Recordações*, pela

mesma editora paulista, O Pensamento, sugerindo uma parceria estável entre o autor e os editores. O trabalho foi modestamente comentado pela crítica carioca, paulista e do Norte.

O jornal vespertino *A Noite*, do Rio de Janeiro, na seção “Livros Novos”, na edição de 20 de agosto de 1923, definiu Canto e Melo como um autor que já era conhecido por suas obras “de bastante aceitação”, como *Alma em Delírio* e *Relíquias da Memória*. Segundo o jornal, *Recordações* era um romance carregado de minúcias e belezas profundas, que formavam um quadro capaz de emocionar através de suas cores, ideias e escritos detalhados, remetendo a pinturas (LIVROS NOVOS, 1923, p. 5).

O número 458 da revista *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte*, de São Paulo, de 30 de agosto de 1923, em uma breve nota, noticiou o lançamento da obra como um romance de bom fôlego, cujo traço já era comum ao escritor. Posteriormente, em 28 de setembro de 1923, no número 460 da mesma revista, o escritor Manoel Victor se deteve em uma longa reflexão a respeito de recordações do passado, da velhice e da sensação do fim, que imagina estivesse na raiz da criação (e do valor) do romance de Canto e Melo. Victor exprime que *Recordações* possui um tom sóbrio e verdadeiro, e que o escritor soube se aprofundar em todas as recordações no romance, retratando belamente as memórias nostálgicas de sua juventude (VITOR, 1923, p. 17).

Na edição de 25 de agosto, *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, na coluna “Notas Literárias”, Augusto de Lima expressa suas impressões acerca de *Recordações*. Segundo o colunista, o livro repete as qualidades do romance anterior do autor. *Recordações* segue o formato de belas descrições de episódios autênticos da juventude do autor, quando vivia a vida boêmia de estudante no Rio de Janeiro. Mesmo possuindo algumas digressões, ainda tinha belas páginas em contraste positivo. Lima incluiu na coluna uma passagem do livro, na qual Canto e Melo dialoga sobre a linha curva como um padrão de toda a natureza (LIMA, 1923, p. 7)

A revista carioca *Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Espusiente*, no número 38 de 22 de setembro de 1923, publicou uma pequena nota sobre a nova obra de Canto e Melo. Na avaliação da revista, *Recordações* possuía uma linguagem objetiva e se destacava pelos trechos “fortes, atraentes e cheios de vida”. Além disso, elogia a descrição detalhada de cenas que remetiam ao “perfume de observação” do estilo leve

que as memórias e a obra possuíam (RECORDAÇÕES, 1923, p. 4).

Na edição de 6 de outubro de 1923, no *Pequeno Jornal: Jornal Pequeno*, de Pernambuco, Mário Melo, que em 1916 ficara empolgado quando descobriu Canto e Melo e o romance *Alma em delírio*, voltou a elogiar o escritor numa resenha simpática a *Recordações*. O colunista repete a avaliação anterior de que Canto e Melo era pouco conhecido no Norte e avalia que, se tivesse um editor com melhor capacidade de distribuição e divulgação, como a Monteiro Lobato & Cia., o escritor, que estava longe de ser um estreante, teria obtido melhor êxito.

Para o crítico, apesar de pouco conhecido, Canto e Melo era “um romancista vitorioso”. Faz um resumo da ação do romance. De acordo com o cronista, Canto e Melo dispunha de um poder descritivo eficiente para produzir um romance com traços agradáveis e autorais, ao descrever a vida estudantil, com pinceladas de elementos fantasiosos. Era uma obra “agridoce”, escrita em vernáculo castiço, ou seja, num estilo polido, sem estrangeirismos ou caipirismos, concebendo assim páginas de uma saudosa vida boêmia (MELO, 1923, p. 1).

No ano de 1924, o romance de Canto e Melo, *Recordações* era espaçadamente citado pelos veículos de mídia. Em 12 de janeiro, na revista carioca *Para Todos*, Leoncio Correia, na coluna “Os livros da semana”, teceu alguns comentários sobre *Recordações*. Para ele, o romance deveria ter como subtítulo o mesmo que deu Raul Pompéia a *O ateneu* (1888): “crônicas de saudades”, visto que era uma coletânea de poesias dolorosas mescladas com a saudade. Segundo Correia, Canto e Melo era um brilhante “paisagista”, como já havia demonstrado em *Almas em Delírio*. Compara a suavidade de *Recordações* com as sonatas de Beethoven e aclama a alma brasileira na constituição do romance (CORREIA, 1924, p. 2).

E, por fim em, 22 de outubro do ano de 1924, o *Jornal do Brasil* citou brevemente *Recordações* como uma obra do “aplaudido” escritor paulista Canto e Melo. O jornal afirmou que a obra, lançada no ano anterior, possuía defeitos e qualidades já explorados pela crítica, e, portanto, não atribuiria aplausos nem louvores à obra (DUQUE-ESTRADA, 1924, p. 6).

3 *MANA SILVÉRIA* (1913)

3.1 Resumo do enredo

A personalidade libertária das mulheres naturalistas é apresentada e explorada no romance *Mana Silvéria* já em suas primeiras páginas. A obra inicia-se com um narrador em terceira pessoa, comum nas narrativas naturalistas. O narrador retrata o desembarque dos gêmeos Júlio e Belisário no Rio de Janeiro, ao chegarem com 15 anos de Portugal para tentarem a fortuna no Brasil.

Em Portugal, os gêmeos passaram a infância unidos e vivendo como bons amigos, ao lado de sua mãe, a Joanhinha Fernandes, e do senhor abade, o reverendo padre Isidoro Valongo. A residência do padre era um anexo na quinta da família Fernandes, que pertencia anteriormente ao próprio padre. Essa proximidade entre o padre e a família levantava suspeitas na aldeia de que os meninos não eram filhos de uma viúva desamparada, mas sim frutos de uma relação “pecaminosa” entre o padre e a mulher:

Uns diziam que o senhor abade vendera essa propriedade a Joanhinha. Outros diziam que não... Que ela não passava de uma vagabunda, sem eira nem beira, amasiada com o padre, e que era simples usufrutuária do imóvel (CANTO E MELO, 1961, p. 2).

No vilarejo, as opiniões divergiam sobre a moralidade do casal, sendo defendida pelo próprio sacerdote nos seus sermões nas missas. Ele justificava sua permanência na casa como meras saudades de seus tempos de infância e de seus pais:

Se encontrava tolhido na única consolação que lhe restava na vida e que era a de gozar um pouco da sombra benfazeja daquelas árvores, que abrigaram os seus folguedos de criança, que deram sombra e descanso aos labores de seu pai e que pareciam guardar ainda o eco da voz de sua mãe!... (CANTO E MELO, 1961, p. 2).

As justificativas pareciam ser o suficiente para que alguns dos vizinhos fossem

capazes de confiar no padre e acreditar na honestidade e virtude da senhora Fernandes, a não ser por algumas vozes que murmuravam não ser necessário dormir com a viúva para que as saudades dos mortos fossem apaziguadas.

Com o apelido de “Cantadeira”, Joaninha era conhecida por sua cantoria, decorrente de sua estadia em Coimbra como tricana e participante de estripulias com seus parceiros noturnos, no ano de 1835, mesmo momento em que o padre Valongo exercia funções de coadjutor em uma paróquia na cidade. O padre, descrito como curioso como uma mulher, se fez presente em uma noite que presenciou parcialmente uma briga que acontecia na sua rua e que trouxe a polícia ao local. Com alguns feridos e outros foragidos, logo o local havia sido liberado, e quando o padre começou a refazer seu caminho para casa, foi impedido pelos sons de gemidos e lamentações vindos de um sobrado em construção.

Joaninha foi encontrada por Valongo ferida e incapaz de se locomover por conta de um pé torcido. A incapacidade de locomoção da mulher se apresentou como um empecilho ao padre, que ao ajudá-la a se erguer, passou suas mãos pelo corpo da mulher, resultando em uma fluidez corporal causada por correntes elétricas que percorriam o corpo dele e lhe causavam tremedeiras e irritação: “Sentiu as pernas fracas e trêmulas, a boca seca, a língua enovelada e gritou, para afugentar aquela ânsia: - Tu és o demônio, mulher! Ai, que me vou e te deixo, para que a ronda tome conta de ti!” (CANTO E MELO, 1961, p. 6).

Retratado como “um latagão robusto, espadaúdo e corado” e lutando contra seus instintos carnavais, o padre conseguiu retirar a mulher dos escombros, levando-a em seguida para sua casa: “Queria tirar dali aquela vítima e isto nem ele mesmo, se o quisesse, saberia explicar por que ou para que” (CANTO E MELO, 1961, p. 7).

Em casa, o padre admira pela primeira vez a mulher, que aparentava ter de 20 a 25 anos de idade, “alta, delgada, feições regulares, rosto moreno, com uma covinha em cada face, cabelos castanhos, olhos negros, duas fileiras de dentes alvíssimos, seios pequeninos e rijos e, sobre aquele conjunto, o desalinho dos cabelos e das vestes...” (1961, p. 8). Após ouvir o relato de violência da mulher, o padre tratou dos ferimentos da enferma, colocando-a em sua própria cama. Continuando a alimentar seus desejos carnavais, ele cortou uma peça de roupa da mulher para melhor analisar seus ferimentos:

A tesoura ia subindo e cortando. Não havia necessidade de levar o corte até em cima, mas o padre estava como alucinado... O contato daquela perna quente começou a dar-lhe tonturas e tremores nas pernas. O corte ia subindo... A meia estava ligada acima do joelho. Enquanto a mão esquerda do padre ia apalpando a carne, a tesoura devorava o tecido. Por fim, a meia toda caiu para um lado, partida de baixo ao alto. Do peito do padre desprende-se um suspiro fundo e dorido... Ali estava aquele trecho de perna branca, da cor de magnólia murcha, rabiscada de azul... (CANTO E MELO, 1961, p. 10).

Após um desmaio da enferma devido às dores, a visão das pernas de Joanhina despertou no padre o desejo de ver mais do corpo da mulher, ocasionando assim um momento de impulsividade em que o homem levantou suas roupas, deixando seu ventre e pernas nuas diante de seus olhos. A visão da mulher desnuda impediu o padre de controlar os seus desejos carnis mais profundos, apresentando-o a um “quadro de tentação e desespero”, deixando-o com o corpo tenso e trêmulo, sentindo “agulhadas violentas nos quadris” e agindo “como um sonâmbulo, lívido, hirtó, com o olhar esgazeado e perdido, numa espécie de ânsia bestialmente humana, superior as suas forças de homem, superior à sua robustez de atleta!” (CANTO E MELO, 1961, p. 12).

Tendo as pernas entorpecidas e sentindo dores agudas na virilha, o homem interrompeu seus desejos fisiológicos e teve que cumprir suas obrigações eclesásticas enquanto a mulher permanecia adormecida em sua cama. Ao retornar para casa, onde sensações nunca sentidas o estavam esperando, Padre Valongo se entrega aos desejos carnis e se deixa levar pelas investidas da “inteligência viva de rameira esperta” de Joanhina, que, ao ser socorrida, decide se entregar ao padre como forma de demonstrar seu agradecimento:

Entrelaçou os dedos das duas mãos e foi puxando suavemente para si a cabeça do homem... Foi puxando... Ele não resistia... O rosto do padre já estava comprimido entre os dois pulsos de Joanhina... Ele fechou os olhos dominado pela claridade instantânea de um deslumbramento... Ela puxou mais, puxou mais ainda... As duas respirações ofegantes misturaram-se numa comunhão suprema de ânsia... Ela uniu a sua boca a boca do padre e um grande beijo, chupado, sensual e único, estalou vibrante, como um clarim que entoasse dentro daquele quarto o hino estupendo da vitória da carne e da onipotência eterna do pecado... (CANTO E MELO, 1961, p. 34).

Com urros e gemidos desesperados, o padre e a mulher retiraram as roupas: “[...] atirou-se urrando sobre aquele corpo formoso, como um leão faminto sobre uma gazela medrosa e entregue...” (CANTO E MELO, 1961, p. 34). Consumando assim o que

é chamado pelo narrador de a “vitória da besta contra o homem” e descrito como “uma coisa medonha, indescritível e satânica”, resultando assim em uma noite tempestuosa a concepção dos dois irmãos, Júlio e Belisário.

Após a união do par improvável, ocorreu a mudança para a quinta já mencionada, sob o esquema de que Joaninha seria a viúva compradora da propriedade da família Valongo, enquanto criava os seus dois filhos sozinha, recebendo visitas regulares do padre por conta de sua saudade do local. Esse arranjo rotineiro criou uma dinâmica familiar que durou muitos anos, até que os jovens decidiram ir para o Brasil, a fim de fugir das heranças pecaminosas e estabelecerem uma nova vida num continente onde não teriam as reputações vinculadas ao fato de serem filhos de um padre e de uma rameira:

Se há alguém digno de perdão sou eu, meu filho, que te fiz filho de padre, que te fiz um desgraçado sem pai! Perdoa-me a mim, perdoa a teu pai e pede a Deus em tuas orações que se compadeça deste miserável que não pode ser na vida nem um bom padre nem um bom pai! Vai, meu filho, vai! Tem compaixão de mim! (CANTO E MELO, 1961, p. 50).

No Rio de Janeiro, os irmãos se estabeleceram imediatamente, ocupando empregos que, ao longo de dez anos, lhes possibilitaram acumular volumosas economias. Belisário se empregou como balconista numa casa de ferragens pertencente ao Comendador Bernardo Siqueira, de quem obteve uma verdadeira amizade no futuro. Júlio começou a trabalhar num armazém na rua da Alfândega, onde se negociavam de tudo, desde escravizados até carregamentos de café.

Com a vinda dos gêmeos ao Brasil, o padre Valongo passou a escritura da casa para Joaninha, tornando assim os irmãos os herdeiros da quinta quando a mãe partisse. A notícia sobre a saúde de Joaninha chegou pelo fim dos anos 1860, através de uma carta do padre Valongo que pedia uma visita dos filhos à terrinha. Entretanto, a visita nunca pôde ser realizada pela falta de embarcações disponíveis no momento. Pouco tempo depois, a notícia da morte da cantadeira chegou por meio de uma carta do padre informando a decisão referente à repartição da herança de Joaninha, que deixava a quinta e uma quantia em dinheiro.

Júlio optou pelo recebimento do dinheiro, que juntou com suas economias e comprou uma fazenda perto de Barra Mansa. Ele se casou pouco tempo depois com a

filha do fazendeiro vizinho, vindo a herdar, com o casamento, a propriedade vizinha que, em conjunto com a sua, cultivava grandes plantações de café. Pouco antes do casamento, o padre Valongo faleceu de apoplexia, encerrando assim o último motivo que os gêmeos teriam para retornar um dia a Portugal.

A saúde e a idade avançada do Comendador Bernardo Siqueira levaram-no a passar uma breve estadia em Portugal e à decisão de vender sua casa de ferragens. A compra foi rapidamente efetuada por Belisário, a fim de continuar os negócios do amigo e protetor. Enquanto não partia para Portugal, a convivência entre o ex-empregado e o patrão não se extinguiu, pois Belisário continuava a visitar a casa do Comendador e de

D. Joaquina Vilaça, e em pouco tempo, iniciou um namoro com a filha única do casal, a Joaquininha:

Menina de dezoito anos, muito franzina e meiga, de gênio indolente e maneiras lânguidas e voluptuosas. No seu rosto moreno ficava a matar o leve buço negro do beijo superior, descansando em curva graciosa sobre o beijo inferior, carnudinho e belfo (CANTO E MELO, 1961, p. 61).

O casal manteve a relação em segredo até serem flagrados aos beijos pela mãe da menina. Em pouquíssimo tempo, tudo estava resolvido entre o sogro e o genro para que o casamento acontecesse o mais rapidamente possível, sendo comemorado em uma grande festa. Na ocasião, o pai da noiva expressou seu contentamento com o casório e com a chegada de seu novo filho na família, o Belisário:

Sinto-me acanhado em dizer quanto estou satisfeito com este negócio... Sim! Porque o casamento é um negócio, em que sempre nós, que somos homens, perdemos... Eu, graças a Deus, não me queixo disso, porque ali a minha Joaquina é uma mulher de virar e romper... Mulher valente para o trabalho e amiga do seu homem até ali... Pois é assim, meus senhores... Estou satisfeítíssimo com este negócio... O Belisário é mesmo um homem direito... (CANTO E MELO, 1961, p. 79).

Uma passagem de tempo de 13 anos acontece no romance, demonstrando algumas mudanças na estrutura familiar dos personagens. O Comendador Siqueira e sua esposa faleceram em curto intervalo de tempo, não sendo possível que acompanhassem o crescimento do primeiro neto, Isidorinho. O gêmeo Júlio perdeu sua esposa para a mielite e não se casou novamente. Ele criou as duas filhas restantes dos

dois casais de filhos que teve, a mais velha Joana e a mais nova Silvéria.

Belisário passou por mudanças significativas nos anos que se seguiram. Tornou-se cada vez mais rico, orgulhoso, autoritário e inclinado a resolver os problemas com violência: “Era temido, mas não estimado. Demais, alto, forte e insolente, era o tipo perfeito do seu pai, o padre Valongo. As questões mais delicadas e sutis ele procurava resolvê-las a murro” (CANTO E MELO, 1961, p. 87). Já não se via mais como o filho de uma cantadeira e de um padre, pois se tornara um senhor Comendador, título concedido pelo rei de Portugal, e aspirava ao cargo de barão. Enquanto isso, o irmão Júlio começava a mostrar sinais de doença. Em uma visita a Belisário, solicitou que suas filhas fossem morar com os tios, tornando-os responsáveis, no caso de sua morte, pela educação das meninas, que “estavam crescendo quase analfabetas”.

O arranjo se mostrou conveniente para os três primos, que “fizeram logo excelente camaradagem”. Joaninha era a mais velha e não era considerada a mais bonita entre as irmãs, mas ainda assim possuía um rosto moreno com uma “petulância estranha” que enchia os outros de graça. Tinha um espírito endemoninhado, querendo “ver tudo e saber de tudo” a qualquer custo, como subir em cadeiras para olhar os armários inalcançáveis. A menina era a paixão de seu tio Belisário, visto que ela se assemelhava muito à sua avó, a cantadeira Joaninha, e seu olhar era “agudo e autoritário”, lembrando o olhar do padre Valongo.

Ao contrário da preferida de seu tio Belisário, Silvéria não se assemelhava em nada com sua vó e seu avô:

Bonita, verdadeiramente bonita, muito clara, de olhar macio e aveludado, de maneiras lânguidas, todo o conjunto da sua pessoa apresentava um aspecto de melancolia indolente e de suavidade ingênua e confiante. Alma de sonhadora (CANTO E MELO, 1961, p. 90).

Na fazenda de seu pai, a menina encantava a todos e possuía um apelido dado por sua irmã que, por força do hábito, passou a ser usado por todos ao seu redor, inclusive os escravizados da fazenda e até mesmo sua mãe. O apelido era “mana Silvéria”, título do romance. As meninas começaram a ter aulas particulares com o mesmo professor que ensinava Isidorinho, visto que elas somente aprenderam a “ler mal e escrever pior”. Todavia, a camaradagem anterior foi tomando outros rumos em que:

O gênio retraído do Isidorinho casava-se perfeitamente com a índole contemplativa, meiga e discreta de mana Silvéria. As continuas travessuras e os modos estabanados da Joaninha desagradavam profundamente ao primo. (CANTO E MELO, 1961, p. 93).

Mesmo não sendo agradável para seu primo, Joaninha encantava cada vez mais seu tio, que já começava a pensar na união do filho com a prima mais velha, repudiando totalmente a figura de Silvéria:

Se o meu rapaz se ajeitasse com ela... Há de ajeitar-se... Que remédio tem ele... Aqui quem manda sou eu... Essa outra não vale nada... É uma sangamonga [sic], que anda por aí com cara de imagem de Nossa Senhora, a fingir de anjo caído do céu... (CANTO E MELO, 1961, p. 93).

O relacionamento de Isidorinho e de Silvéria cada vez mais se estreitava em “uma afeição funda e sincera”, em que a prima, com sua “confiança ingênua e tímida”, abriu o coração para o menino e o conquistou de uma maneira “firme e perigosa”. Entretanto, a ideias e convicções dos primos não eram tão equivalentes entre eles:

Demais, Isidorinho era uma criança fisicamente desenvolvida e forte mas extremamente, quase covardemente tímida. Gostava de estimar a sua prima assim, com aquela afeição misteriosa e recatada. Herdara inteiramente o gênio da mãe. Diante da menor resistência, cedia, não por convicção, mas para evitar lutar. Depois ficava-lhe o remorso de haver cedido. Enfurecia-se consigo mesmo. Prometia nunca mais fazer senão o que lhe ditasse o coração e, na primeira oportunidade, cedia de novo (CANTO E MELO, 1961, p. 93).

Silvéria apresentava uma maior força de vontade para defender as suas ideias e convicções mesmo que tímida, “submetia-se, sem ceder”: As suas ideias, as suas vontades, poderiam ser contrariadas e vencidas, mas ficavam de pé, vivendo dentro dela, até o momento de reaparecerem, com o mesmo vigor e com a mesma intensidade primitiva. (CANTO E MELO, 1961, p. 93).

E mesmo em um quarto trancado, Silvéria usava o choro como um mecanismo de desabafar sobre situações em que não conseguia fazer valer a sua vontade, a fim de fortalecê-la para, no futuro, tentar reavê-la. Silvéria era “um caráter humilde, mas sem baixeza e que, no fundo de si mesmo, permanecia insubmisso e de vontades onipotentes e vencedoras” (CANTO E MELO, 1961, p. 93). Joaninha era totalmente diferente dos dois em quesitos de ideias e convicções, ou seja:

Não tinha nem ideias nem convicções. As ideias e convicções que lhe ficavam eram sempre as contidas nos últimos argumentos que ouvia. Se lhe apresentassem dois argumentos contrários e lhe perguntassem qual deles preferia, ela responderia logo: - Não vale a pena quebrar a cabeça com isso... Prefiro o que for melhor... Se lhe perguntassem qual era o melhor, ela logo diria: - Não sei (CANTO E MELO, 1961, p. 94).

Joaninha não tinha opinião ou vontade fixa, sempre dependendo que alguém decidisse por ela. Silvéria era o oposto da indecisão, era determinada e “quando dizia uma coisa, tinha de ser aquilo”. Sempre ponderava e analisava as situações em que estava, e mesmo que não tivesse resposta para alguns argumentos, pensava e chegava a alguma conclusão que não mudava nunca.

Os anos em que as meninas ficaram na casa de seus tios iam passando e logo se completaram três anos. Isidorinho já estava se preparando para se matricular na Escola de Medicina. Entretanto, o futuro do primogênito da família estava em discussão, já que a medicina era um desejo de seu pai, e sua mãe queria que ele se tornasse padre, o que foi totalmente vetado pelo comendador Belisário, demonstrando a sua mágoa por ter crescido como filho ilegítimo de um padre:

Tu queres então privá-lo de ser um bom pai, um bom esposo, um bom cidadão, para sujeitá-lo a ser um monstro ou a encher-se de filhos ilegítimos, aos quais não possa dar o seu nome e dos quais tenha de se envergonhar como um criminoso? Tu podes compreender por acaso o que é ser filho de padre, mulher? (CANTO E MELO, 1961, p. 95).

Destituindo-se das escolhas sobre a vida do filho, Joaquininha expressou sua vontade de que, ao menos, o filho se casasse com o “anjo de candura” que era Silvéria, para que ele fosse feliz. Entretanto, a ideia foi novamente rejeitada pelo marido, que há muito tempo desejava que o filho se casasse com Joaninha.

Eu gosto muito mais da outra... Gosto muito mais da Joaninha... É uma criança que já sabe querer... Imagina quando aquilo for mulher, que corte de mulher, minha velha! A outra nunca há de prestar para nada... Uma água morna... Uma camélia branca, muito bonita, muito delicada, muito pura, mas que não cheira nem fede... Olha! Por que não fazes dela uma irmã de caridade ou uma freira? Isso é o que lhe iria melhor a calhar... Aquela melancolia de veludo roxo que ela traz nos olhos ficaria mesmo a matar debaixo de uma touca de freira (CANTO E MELO, 1961, p. 96).

O amadurecimento e a intimidade dos jovens cresciam e ficavam cada vez mais

expostos em suas ações. Durante os longos passeios pelos abismos de matas e riachos que ficavam atrás da casa da família, Joaninha sempre ia à frente da irmã e do primo, procurando ninhos de pássaros e colhendo frutas, enquanto os dois caminhavam juntos, e em alguns momentos, de mãos dadas. Os passeios foram oportunos para que a confiança de Silvéria aflorasse em um momento a sós com Isidorinho. Ela posou a mão em seu ombro, desencadeando a atração entre os corpos que não passou despercebida por eles: “atraídos por um instinto desconhecido, puxaram-se mutuamente” (1961, p. 99). O toque foi o suficiente para que eles desejassem mais do que uma aproximação corporal, e suas “bocas inocentes e puras” logo se encontraram em um beijo triunfal.

Adentrando em um mundo desconhecido, Silvéria e Isidorinho continuaram os seus encontros na mata, onde trocavam “beijos ardentes e castos”. A aproximação visível dos dois era dada como uma simples afeição de irmãos, enquanto em segredo eles se prometiam em matrimônio e afeição eterna, em que os beijos de Silvéria valiam para Isidorinho como “todas as felicidades da vida”.

Isidorinho foi se assemelhando cada vez mais ao seu avô, o padre Valongo, “bonito, alto, delgado mas robusto”, e muita de sua timidez foi se perdendo com o progresso de sua idade. Entretanto, continuava com seu caráter irresolúvel e fraco, o que era notado por seus colegas da Escola de Medicina. Eles estranhavam a castidade do colega e sempre tentavam levá-lo para cervejarias, nas quais Isidorinho desprezava todas as mulheres que tentavam atraí-lo, mantendo sempre seus pensamentos em mana Silvéria.

O amadurecimento das irmãs também era visível e já eram consideradas “duas moças em pleno viço da mocidade e da beleza” (CANTO E MELO, 1961, p. 102). Com formas corporais regulares e perfeitas, Joaninha teve mudanças bruscas em seu comportamento. Antes com um comportamento desordenado e inquieto, agora passava horas deitada ou arrumando pretextos para continuar sentada. Sua saúde vinha se deteriorando e a menina já não sentia suas pernas como outrora; estavam fracas e as pontadas na coluna se faziam cada vez mais presentes.

Silvéria apresentava características cada vez mais meigas e fascinantes. Seu corpo também se desenvolveu com traços deleitosos para quem a observasse: “De porte airoso e elegante, cabeleira farta e castanha, levemente ondulada, seios artisticamente

assentados em um busto flexível e gracioso, quadris firmes e bem nutridos” (CANTO E MELO, 1961, p. 102).

A timidez de Silvéria ainda era algo presente em suas maneiras, fazendo com que a menina possuísse um olhar “em que estava toda a força e todo o prestígio do seu encanto” (CANTO E MELO, 1961, p. 102). A força do olhar da jovem é descrita pelo narrador:

Como uma carícia macia, acordando desejos insensatos, evocando a lembrança de gozos extraordinários e aniquiladores... Quem recebesse um lance demorado daqueles olhos, sentiria correr-lhe os membros um fluido estranho e macio, que era como uma súplica (CANTO E MELO, 1961, p. 103).

O olhar de Silvéria nunca era esquecido por Isidorinho, que até mesmo em suas aulas trazia consigo as lembranças do “olhar de gazela, insinuante, carinhoso e amolecedor” de mana Silvéria. O olhar encantador de Silvéria exercia uma forte influência sobre Isidorinho, deixando-o envolvido pelas memórias de seus momentos juntos.

Em um dos passeios matinais do trio, eles se depararam com uma cena de horror e de violência: a visão de uma escravizada amarrada em cima de um formigueiro, com um olho vazado pelas mãos de sua senhora. Esse acontecimento chocou os primos, que tentaram salvar a alma moribunda, mas sem sucesso, pois ela logo sucumbiu aos ferimentos. O nojo e o medo expressos nas faces das meninas fizeram com que uma força e raiva tomassem conta de Isidorinho, levando-o a desejar buscar justiça junto à polícia para a mulher que acabara de ser assassinada:

Eu vou dar queixa à polícia... A desgraçada que vazou o olho dessa mulher e que a fez morrer assim, neste suplício medonho, há de acabar a vida nas galés!... Eu não posso sancionar com o meu silêncio este assassinato monstruoso!... Isto agora é comigo!... Vocês nunca me viram zangado... Vão ver agora para quanto presto! (CANTO E MELO, 1961, p. 107).

A revolta de Isidorinho fez imaginar diferentes cenários em que a mulher assassinada era vingada através de uma morte horrenda para a seu algoz. A crueldade imaginada pelo rapaz era inspirada em quadros que ele havia visto anteriormente e que representavam diferentes modos de morte. O primeiro cenário de vingança imaginado

por ele foi o do enforcamento de Tiradentes, presente no quadro “Tiradentes Esquartejado” (1893), do pintor brasileiro Pedro Américo de Figueiredo e Melo (Fig. 12). No entanto, esse quadro logo foi descartado por ele por não parecer ser o suficiente para vingar o acontecimento, sendo substituído pela visão do quadro “Morte de Brunehaut”, de Ambroise Tardieu, pintado em 1825, em que a rainha Brunehaut está amarrada à calda de um cavalo em movimento (Fig. 13).

Figura 12 - Quadro *Tiradentes Esquartejado* (1893), de Pedro Américo de Figueiredo e Melo



Imagem retirada da Wikipédia.

Figura 13 - Quadro *Morte de Brunehaut (ou Brunehilde)* (1825), de Ambroise Tardieu



Imagem retirada da coleção privada do site Bridgeman Images e fotografada por Stefano Bianchetti).

A sede de vingança de Isidorinho não durou muito. Ao contar ao seu pai o desejo de ir à polícia, foi instruído por ele a não fazer nada, pois essa atitude poderia manchar a reputação da família por uma inconveniência que não valeria a pena, isto é, considerando a vida de uma escravizada como menos importante. A fraqueza e impotência de Isidorinho diante da postura de seu pai se mostraram devastadoras para o rapaz, que admitiu não se ver como um homem, mas como um covarde: “Eu não sou um homem, eu sou um títere!” (CANTO E MELO, 1961, p. 112). Sentindo-se como uma marionete manipulável e incapaz de se impor, Isidorinho ressentia-se de si mesmo, preocupado com a possibilidade de Silvéria descobrir sua inclinação às ordens de seu pai e sentir nojo de suas atitudes, com receio de que ela se aborrecesse com ele.

A angústia de Isidorinho era tanta que o rapaz caiu enfermo e febril, sendo necessário chamar um médico. O diagnóstico foi de que havia tido uma forte impressão com os acontecimentos, e a febre foi indicada como uma consequência de sua criação sob a influência das “saías da mãe”, que o tornou um “maricas”. As atitudes do comendador reverberaram na dinâmica da casa e de todos os envolvidos; o casamento dos pais de Isidorinho ficou estremecido. Mana Silvéria, ao descobrir a proibição de seu

tio, resolveu ir contra suas ordens e levar o caso à polícia, sendo apoiada por sua tia:

Pois bem... Sinto muito privar-me de acompanhar o Isidorinho nas condições em que está, mas, desde este momento, deixo de pertencer a esta casa para cumprir o meu dever... Vou dar parte à polícia e, daí, irei para a casa de meu pai... Se eu soubesse que o senhor era um covarde assim, nem o chamaria de tio e nem teria entrado nesta casa... Fique para aí com a sua covardia e a sua comenda, senhor Comendador. Adeus. (CANTO E MELO, 1961, p. 115).

Indo à delegacia com sua tia e relatando o caso aos policiais, Silvéria possibilitou que providências fossem tomadas para que o caso tivesse justiça. Além de ir contra as ordens diretas de seu tio, Silvéria também providenciou que a notícia fosse publicada nos jornais para que o caso não caísse no esquecimento e ficasse impune. O empenho da menina resultou na falência e fuga da senhora que havia torturado a escrava e de seu marido de sua chácara, que, por conta do processo, foi hipotecada e posteriormente arrematada em um leilão pelo comendador Belisário Fernandes, tomando para si a responsabilidade da resolução do caso.

Com a saúde já recuperada, o acovardamento de Isidorinho se intensificou em relação a seu comportamento com Silvéria. Sua covardia ameaçava a continuação de seu romance com ela, pois ele não se sentia capaz de lutar por ela caso alguém descobrisse a relação, cedendo facilmente diante de qualquer resistência, ainda que continuasse a amá-la:

A sua paixão por mana Silvéria crescia cada vez mais. Agora, era uma paixão humilde e suplicante. Perdera por completo a coragem da iniciativa e estava quase reduzido à passividade... Era ele quem esperava suplicante que ela lhe fizesse a caridade de um beijo ou de um afago. Olhava para ela como um crente para uma imagem de santa, sentindo a sua inferioridade, a sua pequenez e a sua miséria. (CANTO E MELO, 1961, p. 121).

Com o intuito de visitar o pai das meninas que desejava se despedir de suas filhas e resolver suas finanças antes de morrer, toda a família dirigiu-se para a fazenda de café no interior do Rio de Janeiro. Os dias se passavam tranquilos na fazenda, enquanto os gêmeos se empenhavam em deixar encaminhada a vida das irmãs e de seu primo. O casamento entre Isidorinho e Joaninha era esperado pelos dois irmãos, e logo o acordo estava programado, com um casamento marcado para o dia seguinte, devido à saúde de Júlio.

Impulsionada pelas notícias do casamento de seu primo com sua irmã, Silvéria decide se entregar aos desejos carnavais que lhe visitavam em sonhos, em que se deitava com Isidorinho em uma cabana abandonada na mata. Em companhia de seu primo e agora futuro cunhado, a moça sai para um passeio em que decide explicar as suas vontades ao primo, e os dois, fazendo juras de amor, decidem consumir o ato sexual reservado para o matrimônio:

Desde pequenos temos vivido juntos, querendo um ao outro, em segredo... Juramos que havemos de ser um do outro... É preciso que os nossos juramentos se cumpram... Entendes bem, Isidorinho? É preciso que os nossos juramentos sejam cumpridos... Tu bem sabes, tu deves ter a certeza de que eu sou tua... Já jurei que havia de ser tua e, agora, depois do que ouvimos, nem que tenha de morrer em seguida, quero me dar a ti, quero ser tua, hei de ser tua... Deixa a tua timidez para as outras coisas... Tu, perante a minha consciência, és o meu marido. Toma posse de mim... (CANTO E MELO, 1961, p. 141 e 142).

A herança da sexualidade vinda do padre Valongo se mostrava presente nos olhos da menina, que estavam “iluminados por aqueles mesmos pequeninos relâmpagos, indecisos, trêmulos, incertos, que iluminavam outrora o olhar de seu avô” (CANTO E MELO, 1961, p. 142). A ânsia sexual sentida por seus avós em Portugal agora reverberava na menina, uma ânsia “formidável e bárbara” que ardia indomável em seu peito pelo despeito de perder o seu amado. Isidorinho aceitando o pretexto de rebeldia da prima, se entregou também a seus desejos: “Quero que tu sejas meu antes que sejas de outra... Queres ou não queres, Isidorinho? – Quero, mana Silvéria... Vamos...” (CANTO E MELO, 1961, p. 143).

Na cabana, a pressa de Silvéria e Isidorinho era evidente em suas ações. Sendo empurrada para uma esteira no chão e caindo de costas, Silvéria se manteve na posição de braços abertos e saias levantadas pela queda, esperando o encontro com Isidorinho que não tardou a chegar:

A natureza virgem do moço acordou de súbito, num arranco desconhecido e, como um louco, freneticamente, desesperadamente, atirou-se a ela, que o recebeu num abraço insensato, com um grito em que havia uma mistura de dor e de volúpia selvagem... Por muitas vezes os corpos virgens daqueles dois descendentes de padre Valongo e da rameira Joana Fernandes estremeceram e vibraram sacudidos no desespero da mesma ânsia e da mesma loucura... (CANTO E MELO, 1961, p. 144).

A proximidade do casamento de Isidorinho e de Joaninha não impediu que o casal apaixonado trocasse juras de amor ao retornar para casa. Os quartos deles na fazenda eram interligados por uma porta, mas que estava bloqueada pela presença de um móvel. No entanto, ao voltarem para casa, Silvéria retirou o móvel e passou para o quarto de seu primo, onde as preocupações com o futuro começaram a aparecer, misturadas com os seus desejos de aproveitar a última noite em que o seu noivo “moral” não estaria casado com sua irmã:

- E agora, Isidorinho?... Estou perdida e tu amanhã estarás casado! Que irá ser de mim, Isidorinho? Mas não faz mal... Tu ainda és solteiro hoje... Tu hoje ainda és meu. Esta noite que aí vem ainda será para mim, para nós Isidorinho... Amanhã tu tomarás posse de outra mulher, mas hoje tu és meu e eu sou tua... Aproveitemos estas últimas horas... Depois... Como será depois, Isidorinho? O marido da minha irmã! (CANTO E MELO, 1961, p. 145).

Mana Silvéria se convenceu que após aquela noite o melhor para si seria a morte. Na manhã do casamento, Isidorinho acordou com Silvéria em seus braços e logo ela seguiu para seu quarto para se preparar para o casamento de sua irmã. O casamento aconteceu com um cortejo pela cidade e uma cerimônia breve na igreja. Porém, Silvéria não assistiu à cerimônia, pois ela se retirou da capela.

Após o casamento, a noite de núpcias levou Isidorinho a desejar que tivesse se casado com a outra prima e, ao caminhar para seu quarto sentiu uma força carnal impulsionando-o a ir até Silvéria e, após ponderar, entrou em seu quarto. A visão de Silvéria de camisola deixou o recém-casado em completo descontrole, em que a sensualidade herdada de seus avós lhe foi despertada de modo feroz. “Tonto e alucinado”, Isidorinho ajoelhou-se diante de Silvéria e implorou por mais uma noite, a qual a prima recusou, chamando atenção para que ele não revelasse a ninguém o segredo deles.

Sendo mandando por Silvéria para o seu quarto para consumir o seu casamento, Isidorinho, tonto e em delírios, não teve coragem de ir contra as ordens de seu pai e consumou o seu casamento:

[..] numa ânsia de lubricidade selvagem, agarrou-se a Joaninha, cobrindo-lhe a boca de beijos, gemendo e chorando... Para ele, na insensatez do seu desejo, aquele corpo que ali estava em seus braços, no escuro, era o corpo de mana

Silvéria... Joaquina não existia agora... Ela tinha sido substituída pelo dom de avatar... Quem estava ali era mana Silvéria, ressuscitada na sua virgindade, que se lhe entregava de novo, no sossego e nas trevas daquele quarto. (CANTO E MELO, 1961, p. 153).

O casamento deu novo ânimo a Joaquina que, quando não estava sentindo dores na espinha, ia passear a cavalo com o marido e a irmã, como outrora. Quando as dores de Joaquina eram fortes demais, os dois iam sozinhos e retomavam os seus encontros amorosos na mata. Em um desses passeios, o cavalo de Joaquina acidentou uma de suas patas, deixando a jovem cair no chão que logo sentiu fortes dores nas costas, sendo necessário que todos voltassem andando para casa. Após a caminhada, chegaram à casa e encontraram o pai recém-falecido.

A comoção pela morte de Júlio e a queda do cavalo agravou ainda mais a saúde de Joaquina, que foi diagnosticada com esclerose medular (conhecida hoje como esclerose múltipla) e passou a ser tratada pelo mesmo médico que cuidou de seu pai e de sua mãe: Isto era fatal, meus senhores... Ela há de acabar como acabou a mãe, que me morreu nas mãos... Da rigidez das pernas, que agora apresenta, há de passar à atrofia e à impossibilidade absoluta de andar... (CANTO E MELO, 1961, p. 159).

Tendo de separar o leito dos recém-casados e orientados a fingirem que nunca haviam se casado, Isidorinho retornou ao quarto conjunto com mana Silvéria, e os encontros amorosos voltaram a acontecer com regularidade no local e também na cabana na mata, onde haviam tido a primeira experiência sexual.

O Comendador Belisário iniciou o processo de partilhas de bens do falecido e consequentemente o destino das irmãs, determinando que o dinheiro iria para Joaquina que era mais necessitada que a irmã e mais desprovida de saúde e beleza. Os arranjos do Comendador resultaram na administração do dinheiro do irmão pelas mãos do filho Isidorinho, casado com sua prima e sobrinha, Joaquina, deixando assim Silvéria sem qualquer dinheiro.

Com o passar do tempo, Isidorinho estava cada vez mais pálido e menos solícito com mana Silvéria. Percebendo o seu afastamento, Silvéria resolveu interromper os encontros com o primo, a fim de que a abstinência lhe causasse a ânsia e a paixão sentidas anteriormente. A fisionomia das irmãs também mudava com o passar do tempo. Joaquina se afundava em seu leito paralítico, sentindo a morte cada vez mais próxima,

enquanto Silvéria estava cada vez mais desenvolvida:

As formas de mana Silvéria pareciam ter-se acentuado em curvas ainda mais caprichosas e mais lascivas. Os seios tinham-se avolumado, os quadris adquiriam contornos mais arredondados e o meneio deles, quando caminhava, era ainda mais sensual e mais mole... As suas carnes tremiam como um creme ou geleia... (CANTO E MELO, 1961, p. 161).

O plano de Silvéria se mostrou eficaz, e em pouco tempo, a frieza de Isidorinho se dissipou, e ele voltou a procurá-la. O casal saiu para um passeio na mata e um encontro na cabana, e para a surpresa de Isidorinho, Silvéria proclamou ser esse o último encontro, seguido pelo pedido da moça para derrubar a cabana. Silvéria mostrava um comportamento melancólico e conclusivo sobre o fim de seu romance com o primo. Diante da insistência de Silvéria e do medo de irritá-la ainda mais, Isidorinho seguiu as vontades da amante e derrubou a cabana: “Do que fora do ninho dos amores de Isidorinho e de mana Silvéria restava apenas um montão informe de palhas e de varas...” (CANTO E MELO, 1961, p. 164).

Convidando o primo para ir mais além na mata, Silvéria cavalgou até um declive conhecido como “Cova do Inferno”. Estimulando o rapaz com beijos e provocações, Silvéria ia cada vez mais atraindo Isidorinho para a beira do precipício, onde confessou seu motivo em estar no local: Silvéria estava grávida e em breve não poderia mais esconder sua “vergonha”, desejando assim morrer com Isidorinho através da queda do precipício. A covardia logo tomou conta de Isidorinho, que colocou toda a culpa da situação na sedução de mana Silvéria, que havia resolvido entregar-se ao noivo da irmã.

Silvéria se mostrou indignada com a oposição do amado em se sacrificarem juntos, ignorou as súplicas de Isidorinho e em um impulso de força segurou-o sobre o precipício e soltou o seu corpo que rolou abaixo:

Eu queria morrer agarrada ao teu corpo para que o teu infame pai visse que, se a sua cobiça nos separou na vida, o nosso amor nos uniria na morte... Mas tu não mereces que o teu cadáver descansa sobre o meu coração... Tu vais morrer como um maldito, enquanto eu despedaçarei por essas pedras o filho que tu geraste!... Tu vais morrer já como um condenado, cujo carrasco sou eu! Tu vais morrer já! (CANTO E MELO, 1961, p. 168).

O corpo da própria Silvéria foi o próximo: “como fazem os nadadores que se atiram

do alto na água, vergou o corpo para a frente e precipitou-se no abismo...” (CANTO E MELO, 1961, p. 169).

O prolongamento do passeio dos primos começou a preocupar seus familiares, que com o auxílio dos escravos da fazenda logo encontraram os corpos, já sinalizados pela presença de corvos no local. Joaquininha, que estava no momento do descobrimento dos corpos, culpou a ganância de seu marido pelo fim trágico do filho e de mana Silvéria. O luto pela morte dos jovens fez com que Joaquininha, apoiada pelo negro alforriado Barnabé, enfrentasse o marido, chamando-o de assassino, monstro e ladrão. O confronto verbal da mulher com o marido foi o suficiente para que ele tentasse bater em Joaquininha e ser impedido por um golpe de navalha fatal no pescoço desferido por Barnabé.

A morte do último filho do padre Valongo e a morte iminente de sua última neta remanescente evidenciou o estilo naturalista do fim trágico presente no romance: E terminava assim, quase ao mesmo tempo, como fulminada por uma estranha fatalidade do destino, a descendência daquelas núpcias sacrílegas, celebradas lá do outro lado da terra. (CANTO E MELO, 1961, p. 175).

O fim trágico dos personagens no romance possibilitou que Canto e Melo apaziguasse as possíveis críticas e opiniões de seus leitores e dos críticos ao apresentar a morte como o único meio de redenção para os personagens, que estavam desde a sua concepção marcados pelos pecados e pelas impurezas de uma relação “sacrílega”.

3.2 Críticas positivas

O lançamento de *Mana Silvéria* começou a ser anunciado pouco tempo depois do aparecimento de *Alma em delírio*. *Mana Silvéria* foi divulgado em vários periódicos e será apresentado de forma segmentada. Abordaremos inicialmente as críticas positivas e, posteriormente, as negativas.

Pelo levantamento da pesquisa na hemeroteca digital brasileira, no jornal gaúcho *A Federação: Órgão do Partido Republicano* foi noticiado pela primeira vez, em 29 de janeiro de 1913, que o segundo romance original do autor, intitulado de *Mana Silvéria*,

estava para ser lançado em breve.

No mês seguinte, em 22 de fevereiro de 1913, a revista carioca *Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante*, proferiu críticas amistosas ao novo romance do autor, na coluna “Livros Novos”. Para a revista, no atual romance, o autor se revelava mais seguro na arte da escrita e da observação, em comparação com *Alma em delírio*. Canto e Melo foi elogiado por manter um estilo simples e agradável de leitura, tendo sua obra atribuída pela revista à categoria de romance realista e considerada um bom trabalho literário (LIVROS NOVOS, 1913, p. 40).

Os elogios a *Mana Silvéria* continuaram no jornal *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*, de 25 de fevereiro. Na coluna “Algumas Notas Literárias”, assinada por “S”, foi noticiado que o autor de *Alma em delírio* havia lançado seu segundo romance, o qual possuía páginas “fortes e impressionantes” (S., 1913, p. 4).

Em 15 de março de 1913, na seção “Livros”, o número 250 da revista carioca *Careta* publicou uma crítica positiva a *Mana Silvéria*. Assinada por Frei João, a coluna considerou *Mana Silvéria* como um romance naturalista, de um autor já consagrado por *Alma em delírio*. Era o acontecimento literário dos últimos tempos, especialmente no minguido meio artístico da época. Fazendo referências ao primeiro romance do escritor, a revista elogiou o fato de que Canto e Melo foi capaz de lidar de forma positiva com as pequenas provocações ao seu estilo, apontadas pelos críticos em *Alma em delírio*.

Frei João ressaltou a diferença entre os dois romances. Enquanto *Alma em delírio* foi descrito como despretensioso e rápido na sua forma de manuscrito, *Mana Silvéria* era um romance aperfeiçoado em todos os sentidos, especialmente em relação ao seu cenário. A obra possuía uma tese de fundo científico que percorre toda a trama, definindo a teoria do atavismo como responsável pela herança de qualidades e desejos dos personagens (FREI JOÃO, 1913, p. 33).

Frei João talvez tenha sido um dos poucos críticos a valorizar *Mana Silvéria* como autêntico romance naturalista, de maior fôlego e escala do que (e, por isso, superior a) *Alma em delírio*, entendendo as características naturalistas como positivas.

Ao descrever Canto e Melo como um escritor dedicado e esforçado, a crítica concedeu ao autor naturalista um lugar na lista dos "mais meritórios romancistas" da época. Além disso, a crítica enalteceu o autor por seu profundo entendimento da arte de contar histórias, tornando o romance cada vez mais atraente e empolgante. Canto e Melo foi elogiado pelo raro poder descritivo, que dava vida e ação aos personagens por meio de uma apresentação psicológica cuidadosa. A crítica lhe atribuiu um vigoroso talento e assegurou-lhe uma carreira rápida e brilhante, acompanhada até mesmo pela publicação de uma foto do escritor para melhor destacar o romance (Fig. 14).

Figura 14 - Canto e Melo em foto publicada na revista *Careta*, Rio de Janeiro



Imagem retirada da edição de nº 250 da revista *Careta*, 15 mar. 1913).

Mana Silvéria também recebeu menção no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, no dia 4 de maio, na coluna "Livros Novos". O jornal fez referência inicialmente a *Alma em delírio*, lançado no ano anterior, como um romance que impressionou a crítica

por conta de seu tom natural e vívido, utilizando descrições verídicas dos delírios do alcoolismo. *Mana Silvéria* é apresentado como um “romance de mais vastas proporções”. O jornal descreve nitidamente os dados mais importantes da história. O desenvolvimento da trama sob a ótica da hereditariedade chamou a atenção do jornal, que atribuiu o seu final trágico à descendência dos personagens de um padre e uma rameira, cujas núpcias foram consideradas sacrílegas. O romance também é descrito como contendo páginas com “fortes descrições”, especialmente aquelas que descreviam a noite das núpcias sacrílegas, consideradas as melhores do livro, devido ao vigor nelas presente (LIVROS NOVOS, 1913, p. 3).

Críticas a obra apareceram jornal carioca *A Notícia*, na coluna “Às segundas”, em sua terceira página, na edição de 12 e 13 de maio. O jornal publicou um texto em defesa da liberdade de escrita de Canto e Melo e contra as críticas ao autor e seus dois romances, considerados imorais por grande parte da crítica. A coluna, assinada por J. Brito, afirmava que, mesmo acompanhando as críticas negativas que envolviam o romance, se propõe a lê-lo, chegando à conclusão de que a estigma de imoral imposta a ele foi dada de maneira errônea (BRITO, 1913, p. 3).

Em sua análise, Brito reconhece as razões pelas quais *Mana Silvéria* vinha sendo criticado, e reconhece que o livro não havia sido escrito com a intenção de ser lido por meninas solteiras. No entanto, sustenta que a questão da moralidade na literatura já havia sido discutida e estabelecida como algo relativo no meio artístico. Segundo ele, a moralidade de uma obra não devia ser uma preocupação primordial do escritor, uma vez que o autor deve, de fato, se preocupar em transmitir emoção na sua escrita, sendo assim guiado para a produção da obra perfeita. Brito também afirma que, mesmo não sendo uma “moça solteira, professor de depravações, nem inocente e nem pervertido”, realizou a leitura de *Mana Silvéria* sob uma perspectiva amoral, como devia ser, que não media o que era moral ou imoral na literatura, mas sim apreciava o trabalho literário em sua real essência (BRITO, 1913, p. 3).

Para o articulista, os escritores não deviam ceder à pressão de limitar as obras para atender a determinadas classes, como as jovens solteiras que, em sua opinião, não deveriam ler romances “considerados” imorais. A retirada de partes consideradas imorais resultaria numa obra incompleta, na qual a essência do artista seria destruída. Desse

modo, o colunista busca reestabelecer a reputação de Canto e Melo, afirmando que suas intenções não eram imorais, mas apenas transmitir emoção por meio de uma narrativa agradável até o fim (BRITO, 1913, p. 3).

A afirmação de que *Mana Silvéria* era um romance moral é respaldada pela transcrição de uma cena do romance, na qual um personagem escravizado é liberto por seu senhor. O colunista questiona: “pode-se chamar imoral um livro que tem páginas como essa?... Certo que não”, ressaltando o sentimento e a emoção incorporados por Canto e Melo à obra. Brito tinha em mente uma “moralidade para a sociedade”, subentendendo que o posicionamento antiescravista do romance o tornava essencialmente moral. Mas havia também a “moral de alcova”. Nessa perspectiva, Brito reconhece que o romance tinha cenas “de um realismo quase vermelho”, tornando-o impróprio para a leitura feitas por “moças solteiras”, mas não o suficiente para torná-lo imoral (BRITO, 1913, p. 3).

A coluna “Letras e Letras”, publicada pelo jornal *Correio Paulistano* na edição de 6 de abril de 1914, destacou que a reedição de *Alma em delírio* era um triunfo em meio à aparente ingratidão que caracterizava o panorama literário. O colunista Nuto Sant’anna expressa regozijo perante os “brilhantes êxitos” de Canto e Melo. Tal reconhecimento conferido ao escritor se desdobrou no título de “escritor elegante e bizarro”, referindo-se a *Mana Silvéria*, e na sua identificação como um poeta de extrema delicadeza, cuja estética, como retratado no poemeto *Bucólica*, remontava ao elevado estilo do poeta clássico Virgílio (SANT’ANNA, 1914, p. 2).

Em meados de 1914, no contexto da reedição de *Alma em delírio* e *Mana Silvéria*, o jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, publicou em 16 de junho elogios a Canto e Melo, Dois anos depois de sua estreia no romance, e um ano depois de *Mana Silvéria*, Canto e Melo colhia o triunfo de ver uma nova fornada de seus dois romances naturalistas sair do prelo, prova evidente de êxito de livraria. O periódico destacou as novas edições como a razão que tornara Canto e Melo “um ilustre escritor paulista”. De acordo com o jornal, o autor conseguiu comunicar aos seus leitores as melhores qualidades de um romancista (ALMA EM DELÍRIO, 1914, p. 4).

Além das críticas ao romance, *Mana Silvéria* também aparece nos registros dos jornais em relação à sua inclusão nas coleções de bibliotecas da cidade de São Paulo

da época. O *Correio Paulistano*, em 13 de junho de 1914, deu notícia sobre a mais nova aquisição da Biblioteca da Força Pública do Estado. Vinte e sete volumes foram incorporados ao acervo. Entre eles estavam as obras *Alma em delírio*, *Mana Silvéria* e *Bucólica*, de Canto e Melo. Esse evento contribui para a percepção de que os romances do autor não apenas eram objetos de análises, mas também integravam os acervos das bibliotecas públicas da cidade (BIBLIOTHECA DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO, 1914, p. 4).

3.3 Críticas negativas

Durante todo o ano de 1913, São Paulo testemunhou a manifestação de críticas impiedosas a *Mana Silvéria*. Essas críticas depreciativas foram predominantemente divulgadas na revista paulistana *O Pirralho*. Sob uma manchete insinuando que o romance *Mana Silvéria* teria sido o responsável pela degradação do nome do romancista, o número 81 de 8 de março de 1913 foi a primeira crítica negativa ao segundo livro de Canto e Melo. A avaliação negativa apareceu na coluna intitulada “Os Ratos”. A revista se refere à *Mana Silvéria* como “o romance que demoliu o romancista”, insinuando que o livro havia manchado a reputação de Canto e Melo, sendo essa uma notícia semelhante entre outros escritores do periódico (OS RATOS, 1913a, p. 14).

A revista destaca a maneira “atabalhoadada” como o livro foi concebido, de modo apressado e confuso. A prosa principal é vista como um meio para integrar elementos obscenos na trama, com o único objetivo de alcançar sucesso na escrita de literatura naturalista e escandalosa. Desse modo, a revista reforçou a opinião de que, para escrever romances naturalistas, a presença de elementos obscenos e cenas de teor sexual eram necessárias, como retratado nas cenas da noite de núpcias supostamente sacrílegas entre o padre Isidoro e a cantadeira Joaninha.

Além da crítica direcionada às obscenidades da trama, a revista também criticou a escolha de vocabulário, como o verbo “parir”, proferido por uma personagem de educação duvidosa, por ser um termo recorrente na medicina legal. Além das palavras

consideradas indecentes e inapropriadas, *O Pirralho* também censura o emprego de linguagem rebuscada por uma personagem feminina, considerando a caracterização inverossímil em relação à realidade da personagem. De acordo com a revista, tal utilização da linguagem seria plausível apenas se a personagem fosse uma *bas-bleu*, expressão francesa de conotação pejorativa utilizada para descrever uma mulher pretensiosa que busca exhibir conhecimentos literários, o que, não se aplica ao contexto do romance (OS RATOS, 1913a, p. 14).

Ademais, Canto e Melo é alvo de críticas devido à ausência de distinção entre sua própria voz autoral e as vozes de seus personagens. A linguagem empregada no romance sugere um elevado domínio gramatical e aptidão dos personagens para serem poetas. A revista aponta que o estilo e o vocabulário utilizados por Canto e Melo parecem resultar de clichês ou expressões pré-concebidas, pelo uso de “chapas”, isto é, gastas e conhecidas, conferindo ao trabalho uma qualidade de escrita precária e banal, como ilustrado pelas situações descritas ao longo da coluna (OS RATOS, 1913a, p. 14).

A reação severa dirigida a *Mana Silvéria* reflete a maneira pela qual o romance naturalista foi recebido pelos escritores da revista *O Pirralho* e por alguns veículos de mídia do período. Desse modo, a rejeição a *Mana Silvéria* auxiliou na consolidação da noção de que o naturalismo era uma literatura imoral e suja, servindo como mero mecanismo publicitário para atrair leitores e vender exemplares, divergindo do conceito de o que era a estética aos olhos dos escritores naturalistas e seus apoiadores.

Ampliando as críticas, *O Pirralho*, em 15 de março de 1913, na edição de número 82, reiterou a manchete anterior que caracterizava *Mana Silvéria* como o romance que havia arruinado a reputação de Canto e Melo. Na coluna “Os Ratos”, a revista prosseguiu com suas avaliações negativas do romance. A publicação retoma a discussão sobre o estilo literário do autor, referindo-se a ele novamente como produto de clichês e moldes de chapas, incluindo em sua crítica a utilização no enredo da temática naturalista anticlerical. De acordo com a revista, o autor, com certa inexperiência e fervor exagerado, valeu-se de elementos do “dramalhão anticlerical” para forjar a personalidade do padre Isidoro Valongo, levando-o a abraçar uma trajetória oposta à religiosa, consistindo em reconhecer sua escolha de vocação com um erro (OS RATOS, 1913b, p. 15).

Além disso, a utilização de termos jurídicos em contextos antagônicos e por

personagens não especializados também foi objeto de reprovação. Um episódio específico é citado, envolvendo um crime testemunhado por Isidoro, Joana e Silvéria, no qual uma escravizada foi amarrada e posta sobre um formigueiro por sua senhora, até morrer. O periódico critica o emprego de termos técnicos para descrever a cena, indicando ações que ultrapassavam os limites do pudor das convenções da época. A reação de Isidoro também é criticada por sua escolha de linguagem jurídica, o que não compactuava com a sua formação médica, fazendo a revista reiterar a falta de distinção entre autor e seus personagens, visto que Canto e Melo era um conhecido advogado paulista (OS RATOS, 1913b, p. 15).

Reforçando os argumentos de que o romance era apressado e despretensioso, o periódico enfatiza que a verdadeira motivação de Canto e Melo, ao escrever a obra, foi evidenciar as consequências de uma noite de “núpcias sacrílegas” para as gerações posteriores. A revista destaca passagens do romance, como aquelas em que Isidoro se autodenomina “títere” de forças instintivas, após o incidente com a escravizada, caindo em febre, ilustrando o pecado como a fonte de sua fraqueza diante a vida, baseado no princípio da hereditariedade, caro ao naturalismo (OS RATOS, 1913c, p. 15).

A morte também é retratada como consequência direta do “pecado”, evidenciada pelo assassinato de Isidoro, o suicídio de Silvéria e o falecimento da ama de leite dos irmãos Belisário e Júlio, este último causado pela saudade, após a partida dos jovens para o Brasil. Por fim, num arremate desmoralizador, a revista destaca como a inteligência fértil de Canto e Melo coincidiu com a banalidade e a mediocridade, conduzindo-o “além da região dos lugares comuns, da retórica e das alucinações obscenas” (OS RATOS, 1913b, p. 15).

Além de expressar opinião desfavorável ao escritor e ao romance *Mana Silvéria*, a revista *O Pirralho* dedicou espaço em suas páginas para contestar as críticas positivas que surgiram em outros jornais pelo país. Na edição 83, de 22 de março de 1913, o periódico reservou a página 12 inteira à manchete de “Os Ratos”, na qual criticou veementemente a revista carioca *Careta*, por sua recente análise apoiadora do romance de Canto e Melo.

Clara Asperti Nogueira (2010) caracteriza a revista ilustrada *Careta* como representando uma “temática da vivência urbana” responsável por atender a um “público

leitor ansioso por progresso”, característico dos indivíduos marcados pela virada do século e pela modernização gráfica dos periódicos, ávidos por “novas formas de abordagem” (NOGUEIRA, 2010, p. 64). Mesmo as inclinações modernas de ambas as revistas não foram capazes de apaziguar o desgosto da revista paulista em ver Canto e Melo ser elogiado por suas composições artísticas.

Para *O Pirralho*, a *Careta* expressava “entusiasmo excessivo” por uma obra que, segundo o periódico, sequer era popular entre os leitores. Em seu descontentamento com a revista carioca, alegando que suas linhas revelavam ignorância e falta de gosto, *O Pirralho* afirmou que a mera sugestão de que a crítica favorável a *Mana Silvéria* poderia ter sido escrita por um crítico paulista causava constrangimento na revista. Ao caracterizar o jornal *Careta* como um dos “Incensadores de Canto e Melo”, *O Pirralho* admitiu que a revista possuía o direito de aplaudir o autor, mas condenou a exposição da “baboseira” que era *Mana Silvéria*, com seu vazio científico, considerando tal atitude como indecente perante seu público (OS RATOS, 1913c, p. 12).

A contestação de que não havia fundamentação científica em *Mana Silvéria* e os esforços para provar essa declaração ocuparam grande parte da página do periódico. Diversos trechos do livro são citados para desmitificar as afirmações da revista *Careta*. A comparação de campos verdes com um jardim inglês, as atitudes covardes de Belisário ao se esconder debaixo da mesa e a paralisia de Joanna foram algumas das cenas apontadas por *O Pirralho* como desprovidas de fundamento científico, ao contrário do que fora alegado.

Segundo *O Pirralho*, não era novidade a apresentação da hereditariedade como uma abordagem literária, uma vez que escritores anteriores, como Zola, já haviam empregado essa estrutura narrativa, questionando ainda a maneira como o tema foi abordado por Canto e Melo. Para a revista, ele apresentou a hereditariedade de forma simplista e carente de explicações científicas. *O Pirralho* sugere assim que Canto e Melo deveria respeitar a ciência e não a abordar de modo superficial, citando um trecho do romance no qual um dos personagens reflete profundamente sobre as características da hereditariedade, mesmo que esse não possuísse qualquer título de membro efetivo da Sociedade Científica de São Paulo (OS RATOS, 1913c, p. 12).

Para desacreditar ainda mais a crítica da revista carioca, o periódico sugeriu que

o escritor Saturnino Barbosa, supostamente conhecido pelo uso da fundamentação científica em suas obras, estaria desapontado com Canto e Melo por não reconhecer o valor na narrativa de *Mana Silvéria*. Por fim, a revista ressalta que a empolgação da *Careta* poderia não ser genuína, apontando para um erro na apresentação da obra como *Maria Silvéria*, o que levou à suposição de que o livro sequer havia sido lido com atenção pelos apoiadores de Canto e Melo (OS RATOS, 1913c, p. 12).

A resenha simpática a *Mana Silvéria* do *Jornal do Commercio*, publicada no Rio de Janeiro em 4 de maio, também foi contestada pelo *Pirralho* na edição de número 90, de 10 de maio. Insinua que Canto e Melo havia conseguido uma nota positiva ao romance devido ao fato de ter “abiscoitado” o jornal, significando que o escritor teria cavado os elogios entre os articulistas do periódico. A revista afirmou que a notícia, classificada pelo *Pirralho* como “noticiazinha”, estava repleta de imprecisões e que o adjetivo “forte”, utilizado para descrever o romance, só poderia se referir à presença marcante de obscenidades na obra. A crítica ao *Jornal do Commercio* sugeria que a análise da obra de Canto e Melo havia sido feita de modo negligente e era “simplesmente porca”, reforçando a visão de que o romance tinha elementos impróprios (O SR. CANTO E MELO, 1913, p. 23).

Na edição de 10 de dezembro de 1913, no jornal carioca *A Imprensa*, o afamado crítico José Veríssimo foi convidado a analisar o estado da arte literária do país, articulando suas opiniões a respeito dos romances brasileiros da época. Veríssimo lamenta a predominância do estilo naturalista nos romances contemporâneos, ainda influenciados por Zola e Eça de Queiros. “No romance brasileiro atual procrastina-se o feitio naturalista, cacoetes e tiques da maneira zolista ou de Eça de Queirós” (VERISSIMO, 1913, p. 2). O verbo “procrastinar” expressa a ideia da sobrevivência de um estilo que já estava (ou devia estar) morto em 1913. É o mesmo juízo expresso no “naturalismo retardatário” de Lucia Miguel Pereira (1988).

Verissimo considera que havia urgente necessidade de desenvolver “um estilo que ajude a feição nacional”, que se harmonizasse com a identidade nacional, uma vez que identificava falta de cultura e seriedade em relação à literatura no Brasil, resultando em uma escassez de obras de qualidade (VERISSIMO, 1913, p. 2). Nesse sentido, Verissimo argumenta que o naturalismo era um estilo estrangeiro ao Brasil e liquidado

no começo do século XX, como ficou marcado na historiografia tradicional.

Depois da morte de Taunay, de Machado de Assis e de Aluísio Azevedo, o romance no Brasil conta apenas dois autores de obra considerável e de nomeada nacional, d. Julia Lopes de Almeida e o sr. Coelho Neto. Sem desconhecer o grande gênio literário do sr. Coelho Neto, como romancista eu lhe prefiro de muito d. Julia Lopes. (...) A estes dois grandes nomes do nosso romance, podemos juntar sem favor os dos srs. Virgílio Várzea e Xavier Marques, da Bahia, e em lugar inferior o do sr. Rodolfo Teófilo, do Ceará.

Veríssimo enfatiza a importância de se retomar uma abordagem mais séria e profunda da literatura, que representasse verdadeiramente a riqueza e inteligência da alma humana e da sociedade, em contraponto à superficialidade de certas produções literárias contemporâneas. Ele enxergava algumas “promessas e revelações de capacidades para obra considerável” em Graça Aranha, Afrânio Peixoto, Alcides Maia e Canto e Melo, “cuja *Mana Silvéria*, aliás, desmentiu as qualidades de *Alma em delírio*” (VERÍSSIMO, 1913, p. 2). Nessa perspectiva, Canto e Melo, com 47 anos, da geração de Bilac e Coelho Neto, ainda era uma “promessa” aos olhos do crítico. Além disso, o comentário sugere que Verissimo concordava com a avaliação d’*O Pirralho* de que Canto e Melo rebaixara o próprio nome com a publicação de *Mana Silvéria*, obra inferior a *Alma em delírio*, porque obscena e zolista.

3.4 A reedição de 1961

Após sua morte, Canto e Melo foi assentado num lugar de invisibilidade até o momento em que foi reivindicado, quase 30 anos depois, pela editora Civilização Moderna Brasileira, do Rio de Janeiro, para compor a coleção Vera Cruz, lançada em 1961, com uma reedição de *Mana Silvéria*.

Em 1960, *Mana Silvéria* voltou a receber menções nos jornais devido ao projeto da Civilização Brasileira. O *Jornal do Brasil*, na edição de 7 de setembro, publicou uma entrevista com o editor Ênio Silveira na coluna intitulada de “Vida Literária”, assinada por Mauritônio Meira. Com o título de “Operação-PB foi adiada: lançamento será (só) em abril”, a notícia informava que a editora não conseguiria publicar naquele ano a

versão em “livros de bolso” de alguns títulos. A publicação não ocorreria porque a editora enfrentava problemas relacionados à distribuição e venda de livros, o que tornaria a prática arriscada (MEIRA, 1960, p. 6).

A Editora Civilização Brasileira vinha tentando fazer livros dignos de apreço pelo público. Não se limitava às novelas policiais e aos romances de valor literário considerado duvidoso, os conhecidos “livros populares”. Além de esclarecer os motivos pelos quais os “livros de bolso” não seriam lançados, Ênio Silveira informa os próximos passos da editora. Planejavam publicar vários livros nacionais e estrangeiros de autores como Graham Greene, Jorge Amado, Roger Vailland, entre outros. Além disso, planejavam a publicação de livros e autores esquecidos do passado.

No ano seguinte, a mesma coluna de Mauritônio Meira, do *Jornal do Brasil*, no dia 20 de janeiro de 1961, voltou a abordar a iniciativa de recuperação de obras esquecidas pela editora Civilização Brasileira. Segundo o artigo, a editora estava prestes a lançar um programa de edições de livros nacionais e internacionais. Através de uma carta da editora, o jornal apresenta em primeira mão os volumes considerados para publicação em breve. O romance *Mana Silvéria*, de Canto e Melo, aparece como um dos livros que fariam parte da Coleção Vera Cruz; juntamente com *Memórias*, de Agrippino Grieco; *As Mil e uma Vidas de Leopoldo Fróes*, de R. Magalhães Júnior; *Rio dos Afogados*, de Miécio Tati, entre outros. *Mana Silvéria* foi anunciado como um romance que “não fica a dever ao melhor Aluísio Azevedo” (MEIRA, 1961, p. 12).

A iniciativa da editora Civilização Brasileira chamou atenção dos veículos de mídia. A notícia da publicação de novos títulos e o ressurgimento de obras há muito esquecidas também foi divulgada no periódico carioca *O Jornal*, no dia 21 de janeiro de 1961. O artigo, assinado por Valdemar Cavalcanti, informa que a editora Civilização Brasileira estava lançando novos romances, os quais já tinham seus títulos divulgados. Além de listar os títulos que seriam publicados, o jornal compartilha as impressões de Ênio Silveira sobre as novidades. O editor diagnosticava uma “verdadeira febre editorial” no país, impulsionada pelo crescimento do mercado editorial e pela continuidade na divulgação dos projetos da editora Civilização Brasileira, que estava prestes a lançar 61 títulos de obras brasileiras e estrangeiras de diferentes gêneros, incluindo o segundo romance de Canto e Melo, *Mana Silvéria* (CAVALCANTI, 1961c, p. 6).

Em 1 de julho de 1961, Valdemar Cavalcanti continuou manifestando seu entusiasmo pelo trabalho da editora Civilização Brasileira, em *O Jornal*, do Rio de Janeiro. Informa que estava aguardando o “delicioso romance” *Bahia Imagens da Terra e do Povo*, de Odorico Tavares, mencionando-o como “uma das melhores novidades” da editora. Além disso, fornece informações mais detalhadas sobre a Coleção Vera Cruz, composta por pelo menos cinco volumes: o romance *Mana Silvéria*, de Canto e Melo; a peça teatral *Trilogia do Herói Grotesco*, de Silveira Sampaio; a reedição do romance *O Fiel e a Pedra*, de Osman Lins; o romance *Memórias de Lázaro*, de Adonias Filho; e a reedição da novela *Santa Rita*, de José Condé. Em outra menção breve, no dia 27 de agosto, Cavalcanti novamente se refere ao lançamento da reedição de *Mana Silvéria* na coluna “Notícias em Poucas Linhas”, destacando que o fato ocorria quase meio século após o seu lançamento (CAVALCANTI, 1961e, p. 10).

Mana Silvéria teve sua reedição anunciada primeiramente na coluna “Gazetilha Literária”, do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, em 24 de agosto de 1961. Em poucas linhas, a coluna, assinada por Santos Moraes, menciona o aparecimento de dois belos títulos recém-lançados pela editora Civilização Brasileira, incluindo *Mana Silvéria*, de Canto e Melo, chamado de “romance naturalista”, e o livro *D. Pedro II nos Estados Unidos*, escrito pelo diplomata Argeu Guimarães (MORAES, 1961b, p. 6).

O lançamento da nova edição de *Mana Silvéria* também foi mencionado por Valdemar Cavalcanti em *O Jornal*, em 17 de setembro de 1961. De forma concisa, na coluna “Nomes, fatos, livros, notícias”, Cavalcanti classificou *Mana Silvéria* como um velho romance brasileiro ressuscitado pelos esforços de Ênio Silveira (CAVALCANTI, 1961d, p. 14).

Com o relançamento do romance, as críticas voltaram a aparecer nos jornais. A primeira localizada pela pesquisa apareceu n’*O Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, em 26 de agosto de 1961. A crítica encontra-se na coluna “Livros da Semana”, com o subtítulo de “Mana Silvéria”. Na análise, o romance é associado à obra *O padre no romance português*, de Zacarias de Oliveira (1960), e à pesquisa de Brito Broca sobre a figura do padre na literatura brasileira. A presença do personagem do “padre sem vocação” é mencionada como um artifício literário dos romances naturalistas, incluindo *Mana Silvéria*. A coluna ecoa as críticas d’*O Pirralho* e destaca as cenas de “núpcias

sacrílegas”, descritas em “cores carregadas” (LIVROS DA SEMANA, 1961, p. 8).

A presença de uma personagem de uma prostituta que não se envergonhava de suas ações (Joaninha, a mãe dos gêmeos Júlio e Isidoro) era outra característica atrativa destacada do romance no jornal. *Mana Silvéria* é descrito como um romance “surpreendentemente bom”, de um escritor que o articulista desconhecia (outro cronista literário que não conhecia Canto e Melo). Apesar do suposto realismo ingênuo do vocabulário do romance, Canto e Melo é considerado pelo jornal como um escritor de “pulso forte por escrever cenas de um cru realismo e violência” (LIVROS DA SEMANA, 1961, p. 8).

Mana Silvéria é apontado como um romance que poderia tirar Canto e Melo do esquecimento e torná-lo atrativo aos olhos curiosos dos leitores modernos, que estariam interessados tanto no viés naturalista (isto é, carnal) da obra, quanto no “tom melodramático fabuloso” proveniente das heranças românticas dos folhetins, verificável no assassinato melodramático de Isidorinho, seguido do suicídio da protagonista, no final (LIVROS DA SEMANA, 1961, p. 8).

A edição de *Mana Silvéria* também foi elogiada pela confecção de uma “boa” capa, criada por Eugênio Hirsch. Sob o comando de Ênio Silveira, a Civilização Brasileira passou por inúmeras renovações e crescimento em seu catálogo, incluindo a nomeação de Hirsch como principal produtor artístico da editora. Conforme algumas informações encontradas no trabalho de Júlio Cesar Giacomelli Nogueira (2019), Hirsch contribuiu para que a reforma visual da editora Civilização Brasileira acontecesse a partir dos anos de 1959.

Além das margens refiladas e da impressão colorida offset, um dos motores da reforma visual da Civilização foi Eugênio Hirsch, como lembra o próprio Ênio Silveira: “Suas capas eram muito vigorosas. Ele dizia assim: ‘Não vim para agradar, vim para agredir’”. Agredir no sentido visual. Ele era um criador e chamou muita atenção (NOGUEIRA, 2019, p. 62).

Eugen Aloisius Hirsch, conhecido como Eugênio Hirsch, teve uma infância produtiva ao lado do pintor expressionista austríaco Oskar Kokoschka (1886-1980), com quem teve aulas de desenho. Em sua vida adulta, Hirsch veio para o Brasil em meados dos anos 1950 e já no final da década, em 1959, criou sua primeira capa para a editora

Civilização Brasileira. A capa foi desenvolvida para a edição do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov (1899-1977), tornando-o conhecido no meio artístico e posteriormente, conhecido também por suas outras criações para a editora (NOGUEIRA, 2019) (fig. 15). A competência artística de Hirsch e suas pinceladas suaves e figurativas eram capazes de surpreender o leitor e estabelecer uma sintonia entre a capa e a história do livro, resultando na efetiva promoção da obra.

Figura 15 - Capa da edição brasileira de 1959 do romance *Lolita*, de Vladimir Nabokov, pelo artista gráfico Eugênio Hirsch

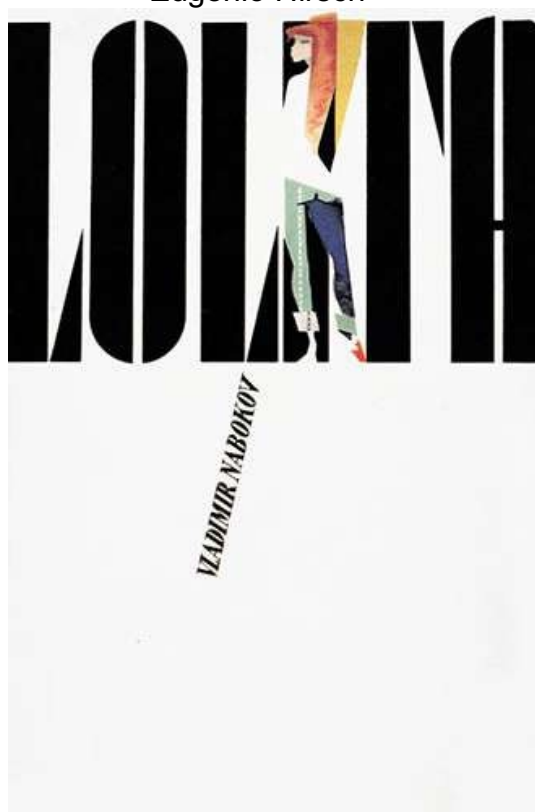


Imagem retirada do trabalho acadêmico *A Civilização Brasileira nas Capas de Eugênio Hirsch: política e transgressão.*)

Em 2019, as composições artísticas de Hirsch foram compartilhadas no programa da disciplina “História do Livro no Brasil”, ministrada pela Profa. Dra. Marisa Midori Deaecto e promovida pela Universidade de São Paulo, no departamento de Jornalismo e Editoração. As contribuições de Hirsch foram apresentadas pelos alunos da disciplina: Fernanda Alves Damaceno, Helio Ohmaye e José Renato Margarido Galvão, em um

seminário intitulado de *A Civilização Brasileira nas Capas de Eugênio Hirsch: política e transgressão*. O trabalho inclui fotos do artista e de Ênio Silveira (fig. 16). Nele é possível visualizar um compilado de capas produzidas pelo artista (fig. 17), inclusive aquelas confeccionadas após o seu desligamento da Civilização Brasileira (fig. 18 e 19).

Figura 16 - Fotografia de Eugênio Hirsch e Ênio Silveira, editor da Civilização Brasileira

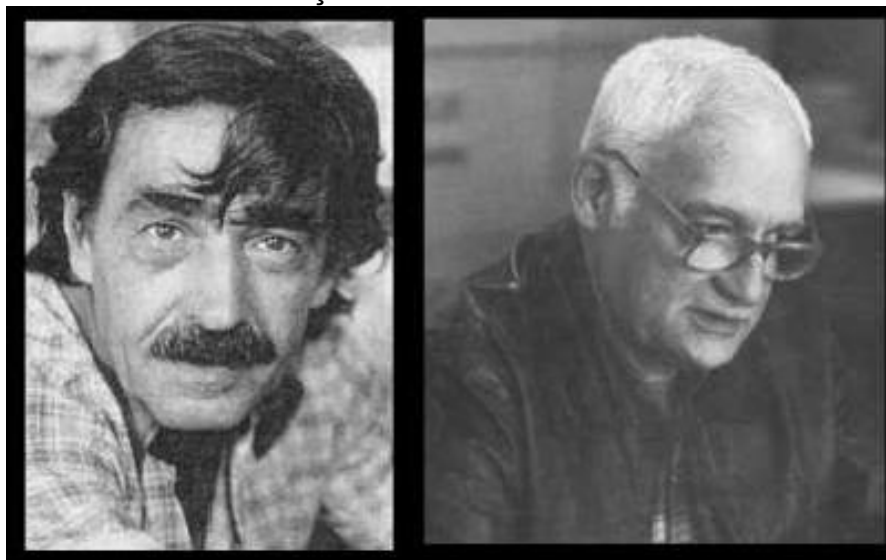


Imagem retirada do trabalho acadêmico *A Civilização Brasileira nas Capas de Eugênio Hirsch: política e transgressão*.)

Figura 17 - Capa dos *Cadernos do Povo Brasileiro*, editadas em 1962 pela editora Civilização Brasileira, criada pelo artista gráfico Eugênio Hirsch

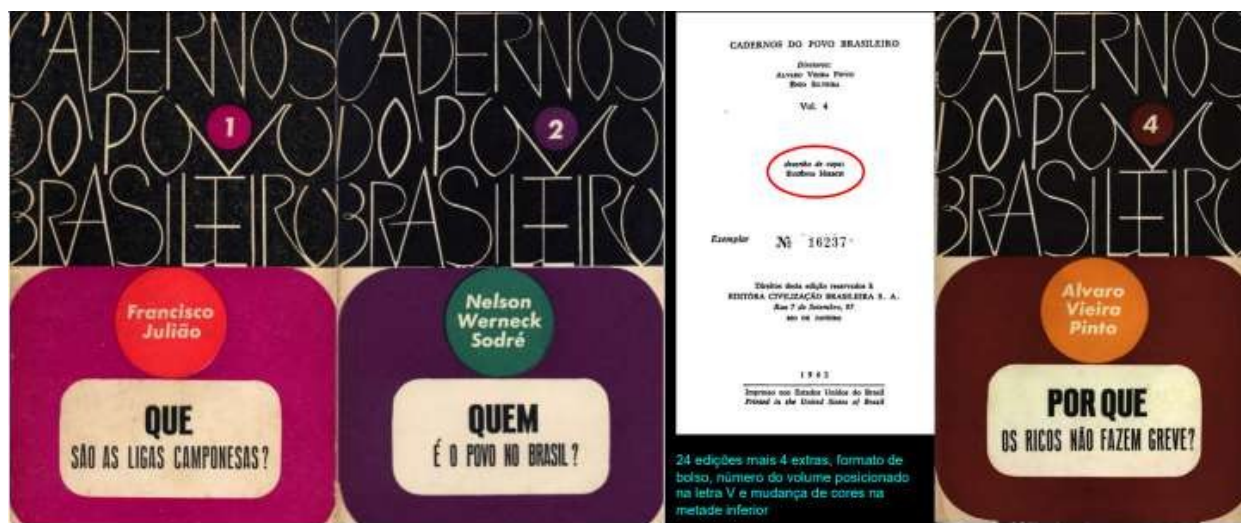
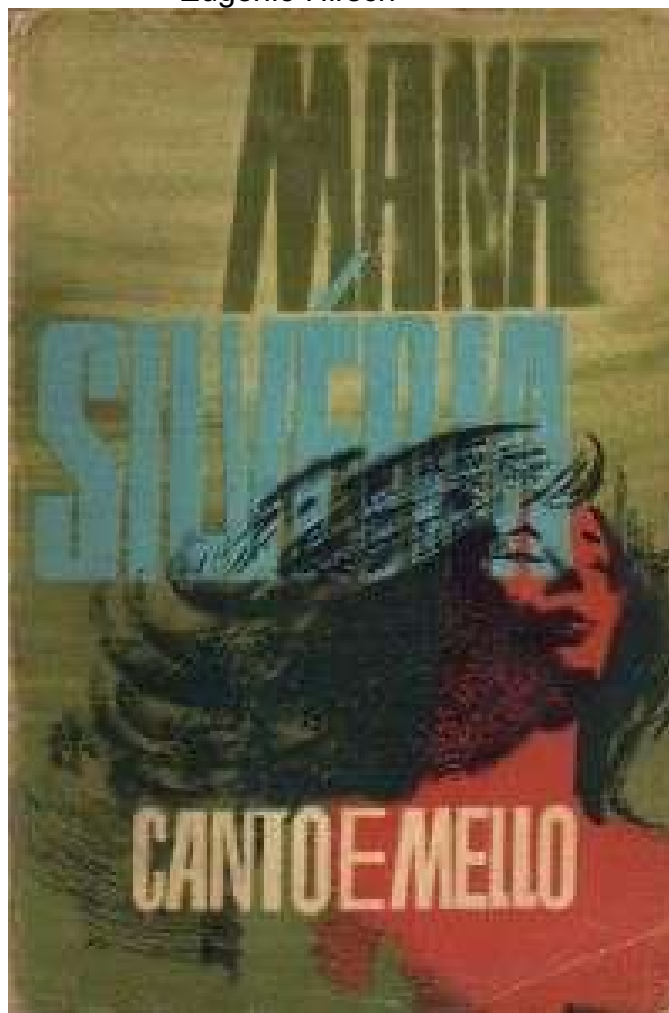


Imagem retirada do trabalho acadêmico *A Civilização Brasileira nas Capas de Eugênio Hirsch: política e transgressão*.

Na contracapa da edição de 1961, o editor Ênio Silveira escreve algumas ponderações favoráveis a *Mana Silvéria*: “Um romance de grande força e intensidade devolve ao público brasileiro um autor injustamente esquecido”. O romance naturalista foi definido como tendo um estilo ágil, com personagens psicologicamente analisados e representando o ambiente brasileiro ao longo de sua narrativa.

A capa de *Mana Silvéria* consistia na imagem de uma mulher livre e desimpedida, com cabelos negros retratados com pinceladas suaves que cobriam um rosto de pele de cor alaranjada, deixando o seu colo à mostra e ressaltando assim a intensidade da força corporal da personagem Silvéria. A liberdade da figura é perceptível através dos cabelos soltos ao vento, desprovidos de quaisquer presilhas físicas ou psicológicas, do rosto voltado para o alto. A pele em tons terrosos e o colo à mostra ajudam os leitores a visualizar a personalidade da ex-prostituta Joaninha, avó de Silvéria. A soltura da mulher representada na capa captura a essência da personagem Silvéria, que não seguiu as convenções patriarcais impostas a ela por seu meio social e familiar, libertando-se dessas amarras e escolhendo o seu próprio caminho e destino (fig. 20).

Figura 20 - Capa da edição de 1961 de *Mana Silvéria*, criada por Eugênio Hirsch



O trabalho da Civilização Brasileira também foi reconhecido na coluna “Encontro Matinal”, do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 29 de agosto de 1961. Assinada por Eneida, a coluna elogia as “belas edições gráficas” da editora. Também lista as obras recém-publicadas, incluindo *Mana Silvéria*; *Coração, cabeça e estômago*, de Camilo Castelo Branco; *D. Pedro II nos Estados Unidos*, de Argeu Guimarães; *Duas arquiteturas no Brasil*, de Benjamin de A. Brito Carvalho; e o volume *Santa Rita*, contendo dois contos de José Condé. *Mana Silvéria* é definido como um antigo romance esquecido e enterrado de 1912 (considerando o equívoco da data de lançamento do romance), que fora ressuscitado pela editora Civilização Brasileira. Segundo o jornal, a reedição era um “ato absoluto de justiça” (ENEIDA, 1961, p. 12).

Impressões sobre o relançamento de *Mana Silvéria* também apareceram na coluna “Gazetilha Literária”, assinada por Santos Moraes, no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, na edição de 13 de setembro. Com o subtítulo “Mana Silvéria”, a coluna define o romance como merecedor de reexame crítico, possibilitando a reabilitação de Canto e Melo, esquecido ao longo do tempo. Uma sinopse do enredo destaca a protagonista Silvéria como um ser “gigante” moldado pelo desespero de seus atos. Para Moraes, *Mana Silvéria* era um bom romance naturalista influenciado por Zola e Eça de Queiroz. Teve uma estreia marcante em 1913, quando scandalizou o “público literário com uma história onde o sexo predomina”, como era o gosto dos romances naturalistas da época (MORAES, 1961a, p. 6).

Publicada no *Correio da Manhã* a 16 de setembro de 1961, a coluna de Arnaud Pierre, com o título “Um livro e um autor exumado”, se destaca na recepção da reedição de *Mana Silvéria* pela análise detalhada e lança uma perspectiva histórica que permite uma compreensão mais aprofundada da obra. O colunista aponta que o romance havia sido injustamente esquecido, pois oferecia um contraponto à verborragia de Coelho Neto e Afrânio Peixoto, referidos pejorativamente como “os helenos”, que dominavam a ficção na década de 1910, quando apareceu a primeira edição de *Mana Silvéria*. Mesmo sendo superior a esses autores antiquados, Canto e Melo teria sido uma vítima da repulsa dos modernistas a tudo o que havia sido escrito nas duas primeiras décadas do século XX. Para Pierre, *Mana Silvéria* era um livro daquele período que merecia a atenção da posteridade, ajudando a enriquecer “nossa prosa naturalista, pequena e restrita a dois ou três bons autores” (PIERRE, 1961, p. 9).

Pierre faz uma comparação que ele mesmo acha exagerada, mas que ajuda a situar *Mana Silvéria* numa linhagem de romances naturalistas brasileiros sobre mulheres fortes, donas das próprias ideias, que ocupam espaços e assumem papéis masculinos. Filha de um fazendeiro de café do Vale do Paraíba, escreve Pierre, Silvéria não chegava a ser uma “D. Guidinha do Poço” ou uma “Luzia-Homem”, referindo-se aos romances homônimos de Manuel de Oliveira Paiva e de Domingos Olímpio, mas era, como aquelas, “absoluta de gênio” (PIERRE, 1961, p. 9).

Pierre destaca que as duas partes do romance se ligavam mal e pareciam duas histórias distintas: a primeira se passa em Portugal, quando o padre Isidoro cria os filhos

gêmeos Júlio e Belisário com a prostituta Joaninha até completarem 15 anos, ocasião em que são enviados ao Brasil. Os dois prosperam no novo mundo, onde se passa a segunda parte do romance, especificamente na província do Rio de Janeiro, na capital (onde se instala Belisário) e numa fazenda escravista de café perto de Barra Mansa (propriedade de Júlio), num arco temporal de 1825 a 1880. Para o crítico, a solução encontrada pelo escritor para ligar as duas partes desiguais foi “a morte melodramática de Silvéria e seu primo”, no final, que seria um castigo pelo “sacrilégio” cometido pelo padre Isidoro Valongo em Portugal (PIERRE, 1961, p. 9).

Entretanto, para o colunista, o próprio narrador não acredita no “pecado” do padre Valongo, já que o retrata com simpatia, como um bom pai e companheiro fiel de Joaninha, a ex-prostituta que amava de verdade e sustenta por toda a vida, sem “a irresponsabilidade poética do padre Mouret, ou o caráter turvo do padre Amaro” (PIERRE, 1961, p. 9), fazendo referência a duas obras notórias do naturalismo sobre o personagem do “padre sem fé”: *O crime do padre Mouret* (1875), de Zola, e *O crime do padre Amaro* (1875), de Eça de Queirós. Pierre nota que o narrador de *Mana Silvéria* procura justificar a fraqueza de Isidoro e chega a condenar o celibato obrigatório dos padres. Daí a descrença do leitor de que as “núpcias sacrílegas” de Valongo pudessem ter efeito catastrófico nos netos do clérigo pecador quarentas anos depois (PIERRE, 1961, p. 9).

Para Pierre, o que salvava, então, *Mana Silvéria* do fracasso como romance e justificava seu resgate pela editora Civilização Brasileira, era o “dom de narrar inato no autor”, dono de “uma prosa desataviada e direta” que “prende a atenção, afinal o maior prodígio de um ficcionista”. Destaca as habilidades descritivas de Canto e Melo, especialmente quando pinta “quadros trágicos e tétricos”, como a cena da escravizada posta nua sobre um formigueiro, ou a descrição do estado dos corpos de Silvéria e o primo depois de mortos, “como foram achados ao pé da escarpa, pasto de urubus” (PIERRE, 1961, p. 9).

O colunista destaca o personagem de Belisário, que enriquece no comércio de ferragens no Rio de Janeiro, como o mais bem delineado e desenvolvido do romance. O leitor acompanha sua “cobiça e servilismo” desde que “entra como empregado de balcão até que se torna patrão arrogante e usurário”. Arnaud Pierre avança que, para delinear

“a personalidade quase abjeta do imigrante” português, Canto e Melo sacrifica a caracterização da protagonista Silvéria, que “apesar do hábito de impor-se e fazer valer sua opinião”, aceita passivamente o casamento de Isidorinho com a irmã, num aparente paradoxo (PIERRE, 1961, p. 9).

Se a primeira parte de *Mana Silvéria* girava em torno da ligação do padre com a prostituta em Portugal, escreve Pierre, a segunda era sobre a “ambição e riqueza de Belisário” no Brasil (PIERRE, 1961, p. 9), relativizando o protagonismo da personagem-título no romance. Para o colunista, comprovando sua centralidade, a personalidade de Belisário “atua sobre as demais e encaminha o desfecho da história”, incluindo as mortes de Silvéria e Isidorinho, levadas a cabo por ela como forma de vingança contra o tio, que não gostava dela. Desse ponto de vista, tio Belisário representava outro personagem conhecido do naturalismo brasileiro: o imigrante português, ambicioso, avaro e inescrupuloso, que enriquece no Brasil à custa do trabalho alheio, do roubo e da opressão, como João Romão, em *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Valdemar Cavalcanti voltou a tecer comentários sobre o romance de Canto e Melo n’*O Jornal*, no dia 19 de setembro. A coluna “Jornal Literário” do periódico apresentava uma estrutura em três partes, sendo que somente a terceira consistia na avaliação de *Mana Silvéria*. Nesse trecho, assim como na crítica de Eneida no jornal *Diário de Notícias*, publicada no dia 29 de agosto, o livro foi novamente mencionado como um velho romance, que havia sido praticamente “morto e enterrado”, mas que obteve a oportunidade de ressuscitar graças à benvinda iniciativa do editor Ênio Silveira (CAVALCANTI, 1961b, p. 10).

Mana Silvéria é retratado como um romance realista, que mesmo marcado pelas influências da escola e da época, foi capaz de resistir ao tempo e se firmar como um “documento literário vivo”. Para o crítico, o passar dos anos entre a publicação original e sua reedição não diminuiu a força de uma “dramática história de um colorido intenso”, delineada por amores “pecaminosos”, destinos equivocados e “desvios” da natureza humana. Cavalcanti afirma que, apesar da “composição a Zola” de Canto e Melo, a tonalidade realista da obra merecia ser admirada, pois contribuía para a atualidade e para os escritores contemporâneos através de suas técnicas de redação (CAVALCANTI, 1961b, p. 10).

A coluna “O Fato Literário”, no jornal *Correio da Manhã*, em 30 de setembro de 1961, chama *Mana Silvéria* de “romance pós-naturalista”, significando algo parecido com o “naturalismo retardatário” de Lucia Miguel Pereira, produzido fora do período da validade da estética no Brasil. A nova edição da Civilização Brasileira do romance de Canto e Melo trazia novamente à cena literária a figura do padre. A folha se respalda nos estudos de Brito Broca, *Horas de leituras* (1957), dedicado num de seus capítulos a delinear a temática eclesiástica dentro do romance brasileiro, a fim de discorrer sobre a temática romântica do homem sacrificado pelo celibato (O FATO LITERÁRIO, 1961, p. 9).

A temática foi primeiramente vinculada a Victor Hugo no *Notre Dame de Paris* (1831), seguida por Alexandre Herculano, em *Eurico, o Presbítero* (1844). A figura do sacerdote refém de desejos e amarras sociais também aparece em romances brasileiros, aponta Brito Broca, como n’ *As Minas de Prata* (1866), de José de Alencar; *Padre Belchior de Pontes* (1876), de Júlio Ribeiro; *O seminarista* (1872), de Bernardo Guimarães; *O mulato* (1881), de Aluísio Azevedo; *O missionário* (1899), de Inglês de Souza e, por fim, o recém-reeditado *Mana Silvéria*. Broca expande a lista dos romances dos padres além de Zola e Eça de Queirós. No entanto, nota o colunista, o romance de Canto e Melo não foi incluído no estudo de Broca, mas poderia ter sido, confirmando sua invisibilidade como escritor (O FATO LITERÁRIO, 1961, p. 9).

Algumas semanas depois, em 11 de novembro de 1961, o crítico Wilson Martins escreveu para o *Suplemento Literário* de São Paulo uma crônica sobre a ficção brasileira contemporânea que, em suas palavras, estava ganhando consistência e qualidade, apesar do aparecimento recente de obras e autores considerados inferiores. Nesse contexto, Martins cita o escritor Herberto Sales (1917-1999), autor de *Cascalho* (1944) e, naquele ano de 1961, do romance *Além dos marimbus*. No comentário o crítico menciona negativamente a reedição de *Mana Silvéria*, numa opinião parecida com a d’O *Pirralho* e com a ideia de que o naturalismo era uma literatura baixa e grosseira:

A mesma fragilidade na intriga e na invenção humana caracteriza o livro do sr. Herberto Sales, preso a preocupações naturalistas convencionais, como a insistência nos pormenores grosseiros (sem significação no desenvolvimento do romance) e o esquematismo dos caracteres. Pode-se pensar, de resto, que o naturalismo de escola e de convenção ainda não morreu, já que a Editora Civilização Brasileira resolveu exumar um de seus exemplos mais mecânicos, o

romance de Canto e Melo, *Mana Silvéria* (MARTINS, 1961, p. 2).

No dia 31 de dezembro de 1961, o jornalista José Condê, do *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, apresentou uma lista das melhores publicações do ano, incluindo romances, poesias, crônicas, reedições e outros gêneros. A lista contabilizava um total de 63 obras eleitas por Condê. A reedição de *Mana Silvéria*, de Canto e Melo, erroneamente citado como “Couto e Melo” (um descuido parecido com a *Maria Silvéria* da revista *Careta*, em 1913, que podia expressar pouco conhecimento da obra e do autor), aparece na lista das melhores reedições do ano (CONDÊ, 1961, p. 2).

Em 1962, a reedição de *Mana Silvéria* continuou sendo lembrada nos jornais. A coluna “Sabatinas Literárias”, escrita por Herculano Pires, na edição de 10 de fevereiro, no jornal *Diário da Noite* de São Paulo, noticiou a reedição do romance como o volume de número 30 da Coleção Vera Cruz da Editora Civilização Brasileira, com a capa desenvolvida pelo artista Eugênio Hirsch. Pires usa as mesmas palavras da editora para definir o romance, ou seja, classifica a reedição como um ato de justiça feita a Canto e Melo, descrito como “um vulto menor na literatura realista brasileira”, dando a impressão de que não se importava em divulgar a própria obra. Por fim, *Mana Silvéria* é valorizada por Pires como uma “evocação do Brasil no período do fim do segundo império” (PIRES, 1962, p. 6).

Em 19 de fevereiro de 1962, o jornal *A Luta Democrática: Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar*, do Rio de Janeiro, publicou na coluna “Roteiro” uma nota sobre a reedição de *Mana Silvéria*. Com o subtítulo “Retorno de Canto e Melo”, o colunista confessa, como outros cronistas literários antes dele, que só conhecia o escritor de nome, numa referência a *Alma em delírio* numa nota de pé de página do livro *A arte e a neurose de João do Rio* (1934), de Neves Manta. O articulista associa *Mana Silvéria* a outros romances que ele julga inspirados por Zola e Eça de Queirós, como *A renegada*, de Carlos Fernandes; *O bêbado*, de Farias Neves Sobrinho; *Miss Kate*, de Araripe Júnior; *A carne* de Júlio Ribeiro; *Elias Barrão*, de Fábio Luz; *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha; e *Exaltação*, de Albertina Berta. Segundo o jornal, *Mana Silvéria* era um livro forte, escrito com ardor, capaz de satisfazer e apaixonar seus leitores, apesar de seu estilo literário naturalista, que não é considerado dos melhores (ROTEIRO, 1962, p. 7).

Os comentários sobre o romance de Canto e Melo também alcançaram outros estados, além do Rio de Janeiro e São Paulo. Na página 9 do jornal curitibano *Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados*, em 16 de maio de 1962, foi publicada a coluna “Novidades na Estante”, destinada a falar sobre os lançamentos literários mais recentes no Brasil. *Mana Silvéria*, ao lado de *Geografia e História do Paraná*, de Luiza Pereira Dorfmond; *Um seixo solitário*, de John Hersey; e *Rocamaranha*, do escritor Almiro Cladeira, foi o primeiro título comentado pela folha (NOVIDADES NA ESTANTE, 1962, p. 9).

A obra de Canto e Melo é definida como um romance influenciado por Zola e Eça de Queiroz, cuja leitura fascinava da primeira à última página. De acordo com o jornal, o escritor seguiu os cânones e características da escola realista e foi capaz de, com coragem, impressionar os leitores de 1913. *Mana Silvéria* é apresentada como uma “história arrojada”, na qual o sexo desempenhava um importante papel, que ajudava a romper com a hipocrisia e a ignorância dominantes da época. Além disso, a coluna afirma que a coragem do editor não era a única explicação para a reedição do romance; isso se devia também ao estilo ágil, aos personagens psicologicamente analisados e ao ambiente rico de imaginação, com um ambiente rural autêntico do fim do segundo império. Essa combinação transformava *Mana Silvéria* em um “romance forte, intenso e de primeira qualidade” (NOVIDADES NA ESTANTE, 1962, p. 9).

A próxima menção a Canto e Melo encontrada nos veículos de mídia ocorreu na edição de número 41 da *Revista do Livro*, na página 48, no ano de 1970. Criada no ano de 1939 pela Fundação Biblioteca Nacional (FBN), a *Revista do Livro* teve um importante papel na confecção de um inventário dos livros recém-publicados no mercado editorial do Brasil. Em sua quadragésima primeira edição, sob a assinatura de Fernando Sales, a revista publicou um estudo de livros lançados anteriormente, mais precisamente nos anos 1920, no qual menciona diversos autores, incluindo Canto e Melo e suas obras (SALES, 1970, p. 48).

No artigo, Sales inicia sua fala defendendo os romances de Canto e Melo do estudo de Edgard Cavalheiro sobre a índole dos romances do escritor. Entretanto, no decorrer da pesquisa não foi possível localizar a fonte exata dessa crítica. Segundo Sales, Cavalheiro definiu a obra como excessivamente influenciada pelas tendências de

Zola, mas ainda assim sendo o melhor livro do autor e digno de leitura. Os outros livros de Canto e Melo também foram analisados pelo crítico literário: *Alma em Delírio* foi definido como um estudo de alcoólatras, e *Relíquias de Memórias* como um romance de poesia e sentimentos, mas que, para o crítico, não atingia a mesma “sobriedade e precisão” do segundo romance do autor, *Mana Silvéria* (SALES, 1970, p. 48).

Fernando Sales comentou a crítica de Edgard Cavalheiro, afirmando que todos os trabalhos de Canto e Melo são importantes para o contexto da história literária do Brasil, discordando das palavras do crítico, que considerava apenas *Mana Silvéria* como um romance importante do autor. Para Sales, *Relíquias da Memória* era tão importante quanto o segundo romance, já que é “um livro de grande integração telúrica, banhado pelo lirismo de uma prosa admiravelmente talhada por artesão cômico de seus mistérios”; é “um livro bem brasileiro, pelo cenário, pelos tipos e pela linguagem”, constituído de originalidade, estrutura, linguagem e estilo semelhantes aos de Eça de Queiroz (SALES, 1970, p. 48).

A crítica de Fernando Sales é a última menção a Canto e Melo localizada pela pesquisa nos periódicos. Após 1970, não localizamos documento que comprove outra tentativa de reviver o nome e as obras do escritor. Essa dissertação levanta a hipótese de que a reedição de *Mana Silvéria* pela editora Civilização Brasileira não tenha sido um empreendimento bem-sucedido, mesmo com o apoio de vários articulistas dos jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo que louvaram a tentativa de Ênio Silveira em recolocar o nome de Canto e Melo em circulação. O próprio editor proferia palavras desmerecedoras do naturalismo na orelha da nova edição: “*Mana Silvéria* era um romance de primeira qualidade, apesar de possuir os vícios estilísticos da época em que foi escrito e também as influências de Zola e Eça de Queirós”. Como se vê, o próprio editor se vale da velha fórmula “o romance é bom, apesar do naturalismo”, mostrando como era difícil romper com esse juízo anti naturalista.

4 *MANA SILVÉRIA* EM RELAÇÃO A OUTROS ROMANCES NATURALISTAS

Nesta parte do trabalho, apresentarei e compararei as principais similaridades e distinções do romance *Mana Silvéria*, de Canto e Melo, com outros romances naturalistas bem-sucedidos no seu tempo, como *A carne*, de Júlio Ribeiro; *O aborto*, de Figueiredo Pimentel; e *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queiroz.

4.1 *Mana Silvéria* e *A carne*, de Júlio Ribeiro

A carne de Júlio Ribeiro é um romance naturalista publicado em 1888 e trajado de algumas das mesmas semelhanças presentes no romance *Mana Silvéria*. O romance acompanha a trajetória de vida da personagem Helena Matoso, conhecida como Lenita, criada pelo seu viúvo pai, Lopes Matoso. Como era rica, Lenita obteve os melhores desempenhos nos campos das línguas, ciências e até mesmo nos campos das ciências sociológicas. A criação de seu amoroso pai sempre possibilitou com que a filha escolhesse se desejava ou não se casar, sendo sempre consultada quando os pedidos aconteciam e negando-os em seguida.

Com a morte do pai e procurando diminuir sua dor, Lenita partiu para a casa do antigo tutor de seu pai, o coronel Barbosa. Na fazenda, em meio à dor e à tristeza da perda, Lenita começou a apresentar estados de irritações e de abatimento, sendo necessária a vinda de um médico que atribuiu os sintomas fisiológicos pertinentes à sua idade, em que um marido era necessário para que a languidez corporal e a histeria apresentadas por ela tivessem um fim. Lenita passou a sofrer de delírios carnaais e a convulsões, levando a desmaios. O desejo fisiológico pelo contato carnal de um homem deixava cada vez mais Lenita debilitada e propensa a ações consideradas impróprias para moças puras e honrosas, como nadar nua em um lago para satisfazer seus desejos carnaais.

Com o passar do tempo, Lenita aprendia cada vez mais sobre o filho do coronel,

Manuel Barbosa, que viveu no estrangeiro na juventude. Casado, mas separado da mulher e conhecedor das ciências como Lenita, o homem fazia a imaginação da moça se aflorar, e passou a pensar nele como detentor de uma “virilidade robusta”, ansiando cada vez mais a sua vinda para a fazenda como a solução de seus problemas fisiológicos:

O que ela sentia era o agulhão genésico, era o mando imperioso da sexualidade, era a voz da carne a exigir dela o seu tributo de amor, a reclamar o seu contingente de fecundidade para a grande obra da perpetuação da espécie. (RIBEIRO, 1972, p. 54).

Outra solução plausível para lidar com as suas questões fisiológicas era a de arrumar um amante. A criação de Lenita e sua condição financeira possibilitavam que ela, mesmo sendo uma mulher solteira, visse relações sexuais fora do matrimônio como ações plausíveis de serem realizadas e com consequências que poderia ignorar com o auxílio do dinheiro.

Lenita se enquadra perfeitamente na personificação da mulher liberada no romance. Ela representa uma mulher que é sexualmente ativa e não reprime seus desejos fisiológicos, mesmo em uma sociedade que reprimia a sexualidade e o comportamento das mulheres:

Terá amantes, por que não? Que lhe importava a ela as murmurações, os diz-que-diz-ques da sociedade brasileira, hipócrita, maldizente. Era moça, sensual, rica – gozava. Escandalizavam-se, pois que se escandalizassem. Depois, quando ficasse velha, quando se quisesse aburguesar, viver como toda a gente, casar-se-ia. Era tão fácil, tinha dinheiro, não lhe haviam de faltar titulares, homens formados que se submetessem ao jugo uxório que lhe aprouvesse a ela impor-lhes. Era pedir por boca, era só escolher (RIBEIRO, 1972, p. 60).

A chegada do filho do coronel à fazenda, Manuel Barbosa, mudou toda a dinâmica da casa e o espírito de Lenita, que se sentia mais feliz e o luto por seu pai ia se dissipando cada vez mais. A união com o filho do coronel logo se tornou impossível de ser abalada, pois não podiam mais estar longe um do outro. A união do casal se fazia por meio de estudos ou conversas sobre estudos e passeios na fazenda.

Lenita e Barbosa começaram um relacionamento amoroso que se iniciou com a ida da mulher ao quarto dele de madrugada e a consumação do ato sexual. Seu

envolvimento com Barbosa e sua atitude diante de sua relação com ele mostram que Lenita buscava o prazer e a satisfação pessoal, mesmo que isso significasse desafiar as convenções sociais da época. As ações de Lenita se assemelham com as de Silvéria, como quando Lenita decidiu se relacionar sexualmente com um homem casado e foi a responsável por tomar a primeira iniciativa para que os encontros sexuais com o seu amado comesçassem a ocorrer.

Apesar de separado fisicamente da mulher, Barbosa não era um homem disponível aos olhos da sociedade da época, culminando assim em um adultério por sua parte, assim como Isidorinho, que havia acabado de ficar noivo, mas mesmo assim se relacionou sexualmente com a prima Silvéria. Outra semelhança com Silvéria é o fato de que ambas eram solteiras e decidiram se entregar a homens que não eram seus maridos e eram casados com outras mulheres, sem serem seduzidas ou coagidas a se entregarem através de promessas vazias de amor. As duas mulheres sabiam que estavam saciando as suas vontades carnis quando se deitaram com os seus amantes e conseqüentemente engravidaram.

A gravidez foi um acontecimento que mudaria a vida das duas mulheres solteiras para sempre, porém de maneiras distintas. Enquanto Lenita possuía a segurança que o dinheiro podia lhe dar, Silvéria não possuía dinheiro algum e tinha somente a sua beleza e pureza como moeda de troca para conseguir um casamento no futuro. Lenita, com o auxílio do dinheiro, conseguiu viajar para a capital para aceitar uma proposta de casamento que havia sido feita há muito tempo, contando com o conhecimento de seu futuro marido de que estava grávida de outro homem, tendo assim apenas a sua fortuna. Silvéria, por outro lado, foi tomada pelo desespero de ser desonrada e incapaz de prover para si e seu futuro filho, que haveria de ser criado como um bastardo, por ser filho de um homem casado.

A tomada de decisão das duas personagens ocorreu também pelo estímulo negativo causado por seus respectivos parceiros. A descoberta de Lenita sobre as várias amantes de Barbosa fez com que ela descobrisse que não o amava e apenas havia cedido aos seus desejos carnis. A falta de imposição de Isidorinho culminou para que ele não deixasse claro a seus pais que queria se casar com Silvéria e após o convite da amante para se matarem juntos, o acovardamento de sua alma apareceu novamente

quando ele se negou a morrer e culpou a sedução de Silvéria como a causadora de sua própria miséria. A decepção de Silvéria e o conhecimento de que Isidorinho não a amava como gostaria resultaram em uma explosão de sentimentos que a levaram a empurrar o amante penhasco abaixo e logo depois se suicidar.

Canto e Melo seguiu a tendência naturalista de determinar um fim trágico para a mulher liberada e dona de suas ideias, sendo a morte o único meio de redenção e fim das impurezas cometida por Silvéria, contribuindo assim para um apaziguamento da opinião dos leitores. Silvéria foi uma personagem que, mesmo tendo escolhido a morte como o seu destino, só o fez porque estava presa às convenções patriarcais da época e a predestinação fatal que envolvia a sua família, causada pelo fator hereditário de serem descendentes do pecado entre uma prostituta e um padre.

Distintamente de Canto e Melo, Júlio Ribeiro contribuiu para uma ruptura no quesito punição das mulheres sexualmente ativas, as mulheres liberadas, quando concedeu a Lenita um futuro sem fatalidades e respeitável, mesmo tendo que ceder às pressões sociais da época e se casar com um homem que decidiu assumir o seu filho. Distanciando-se ainda mais do modelo naturalista patriarcal em que as mulheres são punidas por sentirem e se entregarem a seus desejos canais, Ribeiro atribuiu ao personagem Barbosa um destino trágico e fatal, semelhante ao final mortal de Isidorinho, acarretado por sua herança genética pecaminosa.

4.2 Comparação entre *Mana Silvéria* e *O aborto*, de Figueiredo Pimentel

O aborto é um romance de Figueiredo Pimentel, originalmente publicado sob o nome de *O artigo 200*, entre os dias 16 e 25 de junho de 1889, em formato de folhetim, no periódico *Província do Rio*. Devido às censuras sofridas na época, Pimentel teve que encurtar e modificar as suas publicações no periódico, buscando posteriormente publicar *O artigo 200* como um volume aumentado e escrito de modo correto. Publicado originalmente em 1893, o romance foi republicado no ano de 2015, e posteriormente, em terceira edição, em 2023, com o intuito de trazê-lo de volta à cena literária brasileira. Sem se importar com o que falassem dele, Pimentel afirmou que seu romance não era

fantasia, mas baseado em um fato que havia acontecido na cidade de Niterói, conhecido por muitos.

O enredo do romance acompanha a trajetória de vida da família Rodrigues, constituída pelo senhor Joaquim Pinheiro Rodrigues, D. Guilhermina Pinheiro Cardoso e a filha do casal, Maricota:

Aos quatorze anos, era moça feita, muito crescida, desenvolvidas as formas, alta, cheia de corpo e bonita. Tipo genuíno da mulher brasileira, tinha os cabelos negros, em tranças fartas, ligeiramente anelados; morena a pele, meio amulatada, talvez com uma sexta parte de sangue africano. Ninguém lhe dava tão pouca idade, parecendo ter mais, muito mais – dezoito, pelo menos. (PIMENTEL, 2015, p. 29).

Por conta de seu corpo desenvolvido, a jovem era requisitada pelos rapazes da região e era:

Leviana em excesso, namoradeira, dava corda a todos aqueles que a procuravam, sem distinção, quem quer que fosse, desde os chefes de trem e bagageiros até o promotor público – muitas vezes a quatro e cinco ao mesmo tempo. (PIMENTEL, 2015, p. 30).

A família era dona de um hotel em Rio Bonito, mas visando a um futuro melhor, decidiu ir morar em Niterói, capital da província do Rio de Janeiro. Ao se situar em Icaraí, a família seguiu com um novo negócio, um armazinho, que foi reformado e passou a ser o ganha pão da família. Com amigos no local, a família logo se estabeleceu, e Maricota passou a frequentar os passeios com as filhas de seu padrinho Sebastião Almeida: Anita, Lulu e Carola. As irmãs frequentavam a Escola Normal e Maricota logo passou a frequentar as mesmas programações que as alunas, como “passeios, visitas, soirées e festas de igreja.”

A monotonia da vida familiar dos Rodrigues logo foi alterada com a chegada do Mário, o filho do irmão mais velho do senhor Joaquim Pinheiro Rodrigues. Sobrinho de Joaquim e primo de Maricota, Mário era ainda desconhecido pela família, mas foi recebido de braços abertos pela família, que ficaram felizes pela presença de mais um parente na cidade. Mário era um estudante de Farmácia, sendo descrito como “um bonito moço, com vinte e três anos de idade, alto e esbelto, magro e elegante”, do “tipo *chic*, bom para impressionar as meninas românticas.” (PIMENTEL, 2015, p. 41).

Maricota passou a frequentar a Escola Normal, mas sem aspirações ao magistério. Ela queria ter a vida boa de uma normalista, em que as aulas eram poucas e os estudos quase inexistentes, mas os passeios eram abundantes, e a liberdade de sair de casa todos os dias para passear de bonde motivaram-na a continuar nos estudos. Alguns ajustes aconteceram no cotidiano familiar com a doença da mãe de Maricota e a vinda de Mário para morar com a família, a fim de economizar tempo e dinheiro. Como pagamento à família, o jovem passou a lecionar francês e inglês para a prima. Em pouco tempo, Mário conheceu a verdadeira índole de Maricota, que julgava “leviana, estouvada, namorando sem conta todos os rapazes, tendo herdado do pai todas as fraquezas e o mesmo gênio volúvel” (PIMENTEL, 2015, p. 55).

Mário conseguia perceber as investidas de Maricota, que o provocava com sua sensualidade e beleza, deixando-o excitado com as possibilidades de prazer que poderia ter com a prima. Algumas vezes, vinham-lhe instintos animais que o faziam querer devorá-la e possuí-la ali mesmo, durante as sessões de estudo.

A chegada de um novo vizinho, o doutor Leopoldo Cordeiro, também modificou a dinâmica da família Rodrigues. Era um homem rico de cinquenta e quatro anos, conhecido por seu comportamento libertino, em que pagava por amores, desonrava mulheres casadas e deflorava jovens virgens e pobres, enquanto era casado com uma velha mulher doente. O vizinho logo passou a frequentar o negócio dos Rodrigues e conquistar todos da família. Maricota passou a apreciá-lo e Mário gostava de sua presença, pois fazia a prima redirecionar suas atenções. As intenções do doutor Cordeiro eram as de possuir Maricota:

Toda a sua voluptuosidade de mestiço, o seu sangue ardente e impetuoso de nortista, a sua concupiscência lúbrica de velho devasso explodiram ante a beleza fascinante de Maria Rodrigues, na floração esplêndida dos seus dezessete anos, exuberantes de viço e frescur. (PIMENTEL, 2015, p. 61).

Apaixonado pela jovem, desejava “gozá-la por todo o preço”. Depois, o doutor Cordeiro planejava casá-la com o primo, por quem ela era visivelmente apaixonada. Porém, as investidas do homem não pareciam surtir efeito na ansiedade de Maricota, que continuava desejando Mário. Os desejos de Mário por Maricota estavam cada vez mais perceptíveis, entretanto o jovem relutava contra seus impulsos e tentava evitar a

prima de todos os modos, até terminar o seu curso e poder sair da casa de seus tios. Em uma noite, em que Maricota esperava o primo chegar em casa, a jovem foi tratada com rispidez pelo primo que logo depois, arrependido, resolveu confortá-la. Todas as células do corpo do rapaz se manifestaram com o estímulo de tocar a prima. Com receio do que poderia acontecer com sua prima, Mário foi para seu quarto a fim de pensar e se distrair lendo o romance de Júlio Ribeiro, *A carne*, porém tendo um efeito contrário ao desejado, visto que o romance o excitou e incomodou, fazendo-o ir dormir.

Da mesma forma que algumas das personagens já analisadas aqui, Maricota também foi a responsável por tomar a primeira atitude para que as relações sexuais com o seu amado começassem a acontecer. Conhecedora de seus desejos e vontades, a jovem foi para o quarto do primo no meio da noite, vestida somente com uma camisa e, desejando estimular ainda mais os desejos de seu primo, acordou-o com um beijo na testa. A carícia foi o suficiente para que o jovem não pudesse mais suprimir os seus desejos, resultando na prática sexual dos dois:

Em nada pensou. Desvairado, alucinado, louco, agarrou-a pela cintura, arremessou-a brutalmente sobre a cama, forçou-lhe as pernas resistentes, separando-as, e, deitado por cima, beijando-a, mordendo-a, enterrando-lhe a língua na boca até quase a garganta, abraçando-a com frenesi, num longo e estreitado aperto, gozou-a uma vez... duas vezes... três vezes. (PIMENTEL, 2015, p. 67).

Após a noite de prazer dos primos, Mário sentiu a culpa por deflorar a prima enquanto se beneficiava da hospitalidade do tio. Por isso passou a evitar a casa dos tios, focando em seus estudos. A solução para os problemas de Mário se apresentou através da proposta do doutor Leopoldo Cordeiro, que havia prometido auxiliar Mário na formação de seu próprio negócio e, após tornarem-se sócios, o jovem abriria uma farmácia com o auxílio financeiro do doutor. Com a inauguração de sua farmácia Mário passou a residir no local, estando assim longe das tentações de sua prima.

Tal qual Isidorinho com Silvéria, Mário culpou as ações da prima como a razão para que ele perdesse a cabeça e dormisse com a moça, com a qual não planejava casar e constituir uma família. Todavia, a similaridade de Mário com Isidorinho é perceptivelmente mínima, isto é, apesar de ter dormido com sua prima, o jovem Mário depois do encontro buscou formas de se manter afastado e jamais tocava no assunto

com Maricota, enquanto Isidorinho manteve relações com Silvéria por algum tempo até correr risco de morte e decidir culpá-la por suas próprias ações.

A vida de Maricota passou por mudanças significativas, como a relação sexual com seu primo, a mudança dele para a farmácia, a piora no quadro de saúde de sua mãe que, em pouco tempo, veio a falecer e a falência de sua família. A falência contribuiu para que cada vez mais aceitassem a permanência do doutor Leopoldo Cordeiro em suas vidas; o homem passou a ensinar Maricota, passando bastante tempo sozinho com ela. A aproximação dos dois causou ciúmes em Mário que, conhecendo a prima, sabia que ela não iria resistir às investidas de um homem rico por muito tempo.

Maricota enxergava o homem como um meio de se sentir segura e estabilizada, pois com a falência de sua família, o seu pai adoeceu e logo partiria como a sua mãe. Por ter aulas com o doutor Cordeiro, Maricota passou a ser considerada a amante do velho, que deixava cada vez mais explícito o seu desejo pela jovem. Deslumbrada com o que o dinheiro poderia lhe dar, Maricota escolheu aceitar a proposta do velho e ser a sua amante. A novidade foi primeiramente compartilhada com Mário, que foi convidado ao quarto da prima no tardar da noite; com ciúmes da prima e com a proximidade dela em roupas de dormir, não resistiu e dormiu com a moça novamente.

Os encontros entre os primos se tornaram um hábito que se repetia toda a noite e nesses encontros, além dos atos sexuais, os amantes liam e imitavam as ações presentes em livros pornográficos.

O doutor Cordeiro providenciou uma casa para a amante viver, tirando-a da casa de seu pai. Após a instalação da jovem, o doutor tentou iniciar os encontros sexuais com ela, mas não foi bem-sucedido. Maricota sempre lhe pedia tempo enquanto continuava os seus encontros sexuais com seu primo Mário, que ainda mantinha as visitas noturnas ao quarto da prima. O convívio entre o velho e a jovem passou a ser cordial, e em trocas de carícias e promessas de um encontro sexual futuro, o doutor se encontrava satisfeito com o arranjo feito com Maricota.

A vida de Maricota se tornou solitária e melancólica, sempre se lembrava do passado com profunda tristeza e saudades. As emoções sentidas por se relembrar de tempos passados fizeram com que a jovem passasse mal e logo suspeitasse que poderia estar grávida. Solicitando a ajuda de Mário, a jovem pediu algum remédio que pudesse

interromper a gravidez do filho que esperava, pois, como sugerido pelo próprio primo anteriormente, ela não havia se deitado com o doutor, tornando impossível enganá-lo.

O remédio, entretanto, lhe causou efeitos colaterais fortíssimos, mascarados por ela como uma indisposição logo compreendida pelo doutor Cordeiro, que logo percebeu que foi enganado pela moça e por seu primo. Com ímpeto de matá-la por sua traição, o doutor entrou em seu quarto e a encontrou em uma poça de sangue, dando o seu último suspiro, terminando assim a narrativa do romance.

Semelhante aos romances já mencionados aqui, o fim trágico é um elemento bastante utilizado nas literaturas naturalistas e teve a sua presença no desfecho do romance de Figueiredo Pimentel. A gravidez fora de um matrimônio foi o catalisador das mudanças que ocorreram na narrativa e que precisavam de uma solução. A solução de Silvéria tinha sido a morte, por não assumir o que considerava uma vergonha, enquanto a de Maricota tinha sido o uso de um método abortivo em que os efeitos colaterais lhe causaram a morte. Independente de qual método foi utilizado para lidar com a gravidez indesejada, as duas jovens não possuíam dinheiro para contrair um casamento favorável às suas condições físicas do momento e acabaram por ter os seus destinos vinculados a morte prematura.

Do mesmo modo que Lenita e Silvéria eram consideradas mulher liberadas, Maricota também se enquadrava nesse estereótipo, como uma mulher que não reprimia os seus desejos sexuais e vivia sua sexualidade de forma livre e sem tabu, mas encontrando, no contexto da literatura naturalista, o desfecho trágico, em que a morte pode ser lida como consequência de seus atos libertinos e sexuais. Essa abordagem de condenação, mostrava aos leitores que a prática sexual fora do casamento era uma transgressão punível com a morte por aqueles dispostos a exercê-la.

4.3 A presença da figura da mulher histérica nos romances *Mana Silvéria* de Canto e Melo, *A Carne* de Júlio Ribeiro e *O aborto* de Figueiredo Pimentel:

As personalidades das personagens femininas Lenita e Maricota possuem certo

grau de similaridades e diferenças com a personagem de Canto e Melo, Mana Silvéria. Acredita-se que essas personagens tenham servido como inspiração para moldar a identidade de Silvéria e seu caráter. A construção dessas mulheres na literatura naturalista utiliza-se do princípio que a mulher que atinge certa idade e não se casa acaba propensa a se tornar uma mulher histérica, isto é, aquela que, sem um marido para lhe satisfazer os desejos carnaís, se transforma numa mulher histérica e desequilibrada.

Portanto, a solução mais plausível para o fim da histeria feminina seria a consumação do ato sexual contraído através do matrimônio. Até mesmo recomendações médicas eram dadas respaldadas nessa crença de que a mulher em certa idade deveria procurar um marido a fim de evitar a histeria, como ocorre com Lenita em *A carne*, “Sei o que isto é, disse o médico; tenho pela frente um conhecido velho, não me dá cuidado.” (1972, p. 29).

A devoção da mulher ao matrimônio como seu único salvador encontrou um fim diferente nas personagens, Lenita, Maricota e Silvéria, que fisiologicamente mulheres e “cientificamente” sedentas pelo contato carnal, encontraram formas distintas ao casamento para saciarem seus desejos sexuais. As personagens contrariaram essa crença ao consumarem atos carnaís sem estarem casadas ou assumindo relações extraconjugais.

Apesar de os desejos sexuais das personagens serem explicados como fisiológicos à luz da ciência, os romances ainda apresentavam uma consequência punitiva para tamanha rebeldia e comportamentos inesperados vindos da mulher. A suposta liberdade sexual das mulheres apresentadas nos romances, consequentemente as caracterizavam como impuras e desmoralizadas e, por essa razão, merecedoras de um destino punitivo e muitas das vezes mortal. Tanto Silvéria, Maricota e Amélia de *O crime do padre Amaro* de Eça de Queirós: tiveram a gravidez como uma consequência biológica de seus atos e a morte como um resultado colateral de seus atos sexuais, influenciados pelos costumes tradicionais da época ou pelas questões físicas de optarem por um aborto no caso de Maricota, pelo suicídio no caso de Silvéria ou pela escolha de prosseguir com a gravidez de risco em *O crime do padre Amaro*.

Júlio Ribeiro foi o verdadeiro revolucionário ao apresentar a figura da mulher considerada histérica por seus desejos sexuais, sem consequências malignas por seus

respectivos atos. Lenita foi a figura discrepante de todas as personagens analisadas aqui, seja por conta do seu poder aquisitivo e intelectual ou pelas opiniões de Ribeiro, Lenita teve o seu destino poupado das consequências punitivas já enraizadas na literatura para definir e delimitar o espaço e papel da mulher na sociedade patriarcal do século XIX.

4.4 A presença das fazendas escravistas em *Mana Silvéria* e *A carne*, de Júlio Ribeiro:

A questão escravista permeia todo o período em que os romances naturalistas tiveram a sua expansão pelo Brasil, tornando-se uma temática fundamental para a maioria desses romances. A crítica ao sistema da escravidão caminhava ao lado do movimento abolicionista nos enredos naturalistas e se vigorava mediante a existência das fazendas escravagistas ou das marcas da escravidão que se enraizaram na sociedade. Esses aspectos são observáveis em *A carne*, de Júlio Ribeiro, e em *Mana Silvéria*, de Canto e Melo.

Em *A carne*, a personagem Lenita, após a morte de seu pai passa a viver na fazenda do antigo tutor de seu pai, o Coronel Barbosa. A fazenda era administrada por um caboclo considerado amável, mas ignorante, e através de passeios onde caçava, colhia frutas e subia em árvores, Lenita se familiarizou com o espaço físico, encarregando-se de saber de todos os detalhes sobre a lavoura de cana da fazenda.

Em uma ocasião, a presença de Lenita chamou a atenção de um escravizado que lhe pediu a liberdade de um castigo que estava sofrendo. Compadecendo-se, Lenita procurou o coronel para que pudessem livrar o homem dos ferros que lhe envolviam o tornozelo: “aquilo não tinha razão de ser, que era barbaridade, uma vergonha, uma coisa sem nome” (1972, p. 45). Mesmo com as advertências do coronel, que sabia que o homem tornaria a fugir, autorizou que a vontade de Lenita fosse atendida. Entretanto, não tardou para que Lenita apresentasse uma mudança de atitude em relação aos escravizados e começasse a tratá-los de modo cruel e sádico, sentindo prazer em seu

sofrimento, principalmente ao afligido homem a quem havia tido piedade antes, mas que tinha tornado a fugir:

Sentia uma curiosidade mordente de ver a aplicação do bacalhau, de conhecer de vista esse suplício legendário, aviltante, atrozmente ridículo. Folgava imenso com a ocasião talvez única que se lhe apresentava, comprazia-se com volúpia estranha, mórbida na idéia das contrações de dor, dos gritos lastimados do negro misérrimo que não, havia muito lhe despertara a compaixão. (RIBEIRO, 1972, p. 49).

A cena em que Lenita se esconde para poder observar e se deleitar com o castigo do fugitivo demonstra como a crueldade e o prazer se mesclaram na essência da jovem, dissipando assim com qualquer senso de justiça remanescente. A posição do homem totalmente desumanizada e o seu posterior desmaio alegraram profundamente a jovem:

Lenita sentia um como espasmo de prazer, sacudido, vibrante; estava pálida, seus olhos relampejavam, seus membros tremiam. Um sorriso cruel, gelado, arregaçava-lhe os lábios, deixando ver os dentes muito brancos e as gengivas rosadas. O silvar do azorrague, as contrações os gritos do padecente, os fiar de sangue que ela via correr embriagavam-na, dementavam-na, punham-na em frenesi: torcia as mãos, batia os pés em ritmo nervoso. Queria, como as vestais romanas no ludo gladiatório, ter direito de vida e de morte; queria poder fazer prolongar aquele suplício até à exaustão da vítima; queria dar o sinal, pollice verso, para que o executor consumasse a obra. E tremia, agitada por estranha sensação, por dolorosa volúpia. (RIBEIRO, 1972, p. 52).

A permanência de Lenita na fazenda escravista foi moldando o caráter da personagem e revelando sua verdadeira índole, mostrando que ao ajudar um escravizado, ela o fez pelo puro capricho de poder interferir na vida de outro ser humano. Da mesma maneira, a resposta do coronel para soltar o escravo da corrente não se deu por conta de arrependimento ou repulsa à violência, mas sim pela vontade de agradar Lenita, confirmando que a vida dos escravizados era considerada inferior e indiferente para os senhores.

A desumanização dos escravizados é igualmente representada no romance de Canto e Melo, *Mana Silvéria*. O romance teve grande parte de seu enredo ambientado na fazenda escravocrata de Júlio Belisário e de suas filhas, Joaquina e Silvéria, que cresceram em um ambiente em que a prática da escravidão era normalizada.

A história do personagem escravizado Barnabé também perpassa pelas

crueldades da escravidão. Pertencente à família do Comendador Bernardo Siqueira, durante a festa de casamento de Joaquininha e Belisário, Barnabé recebe a liberdade como um presente à saúde e felicidade dos noivos, e não como uma ação benevolente oriunda do reconhecimento da humanidade do homem: “Bebe a saúde ali da minha querida filha e do meu querido genro, que tu, de hoje para sempre, és forro, bandido!” (CANTO E MELO, 1961, p. 81).

Entretanto, Barnabé não conseguiu reconhecer no ato uma possibilidade para ser livre e poder construir um futuro para si, pois se encontrava em um estado de total incapacidade de se afastar ou de reagir contra os seus próprios agressores. Chegando a considerar o presente como uma desfeita por todos os anos que havia servido à família, Barnabé questionou a noiva se ela também queria se livrar dele, e recebendo uma recusa, ficou claro que a liberdade do homem não passou de uma mera formalidade, pois seu lugar continuaria a ser o de lhe servir, agora por livre e espontânea vontade, comprovando, dessa maneira, o seu amor e a sua gratidão à família Siqueira.

A incapacitação negra e a falta de dignidade encontradas no personagem Barnabé atravessam o romance, evidenciadas nos próprios pensamentos do homem, que acreditava não servir para nada além de servir a sua dona, perpetuando assim o não reconhecimento do negro como ser humano e digno de valorização, “- Que iria ser do pobre negro na rua?... Ele que não sabe fazer nada e que só aprendeu na vida a querer bem a sinhazinha...” (CANTO E MELO, 1961, p. 83).

A brutalidade da escravidão possibilitou que mais um episódio de pura crueldade fosse retratado no romance de Canto e Melo, que mencionamos anteriormente. Durante um passeio dos primos Isidorinho, Silvéria e Joaninha, eles se deparam com uma cena chocante: uma escravizada de uma fazenda vizinha mutilada pelas mãos de sua patroa, amarrada sobre um formigueiro à espera da morte. Esse terrível acontecimento provocou nos jovens a necessidade de lutarem para que a justiça fosse feita para a mulher que acabou morrendo por conta dos ferimentos. E mesmo indo contra as ordens de seu tio Belisário, que queria ignorar o ato criminoso, Silvéria lutou para que a mulher tivesse, pelo menos, sua dignidade recuperada após sua morte.

O romance evidencia uma atitude abolicionista por parte de Silvéria e seus primos, e retrata, como faz Júlio Ribeiro em *A carne*, o modo bárbaro e hediondo com que os

escravizados eram tratados cotidianamente nas fazendas de açúcar e café do século XIX, ainda que alguma justiça tenha sido feita posteriormente pelas mãos de Silvéria ao denunciar e levar o caso aos tribunais de justiça.

4.5 O anticlericalismo em *Mana Silvéria* e n' *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós

Como vimos anteriormente, o anticlericalismo é uma temática recorrente na literatura naturalista do século XIX e XX. A presença do tema tinha como principal objetivo questionar a influência da religião na sociedade, ao criticar e evidenciar o abuso de poder, a corrupção e a hipocrisia de membros do clero. Os personagens religiosos eram normalmente retratados como frios, manipuladores, egoístas e apresentavam comportamentos considerados imorais, devido à sexualidade reprimida.

No romance *O crime do padre Amaro* de Eça de Queirós, lançado em 1875, a temática anticlerical se faz presente através do uso da figura do “padre sem fé”. O órfão Amaro, por meio de “uma adoção tácita” por parte da Marquesa de Alegros, antiga patroa de sua mãe, teve seu futuro e da educação resolvidos pela autoridade. A vida eclesiástica foi escolhida para o jovem devido à sua personalidade e à estabilidade que o título poderia lhe conceder:

A senhora marquesa resolvera desde logo fazer entrar Amaro na vida eclesiástica. A sua figura amarelada e magrita pedia aquele destino recolhido: era já afeiçoado às coisas de capela, e o seu encanto era estar aninhado ao pé das mulheres, no calor das saias unidas, ouvindo falar de santas (QUEIRÓS, 1998, p. 18).

Após a morte da Marquesa, Amaro foi morar com um tio e passou a enxergar o seminário como um modo de se livrar da vida miserável que estava vivendo na casa dos parentes: “Pesava-lhes até o magro pedaço de vaca que ele comia ao jantar. Amaro emagrecia, e todas as noites chorava” (QUEIRÓS, 1998, p. 20). Nesse momento, mesmo não possuindo a vocação necessária para se ordenar padre, Amaro se contentou com o

que a vida religiosa podia lhe livrar. A natureza de Amaro não lhe permitia aspirar por grandes coisas em seu futuro e logo foi se moldando às regras do seminário, “Decorava com regularidade os seus compêndios; tinha uma exatidão prudente nos serviços eclesiásticos; e calado, encolhido, curvando-se muito baixo diante dos lentes - chegou a ter boas notas” (QUEIRÓS, 1998, p. 22).

Entretanto, a falta de vocação e os desejos carnis de Amaro são notados e manifestados durante os seus anos de seminário, questionando até mesmo o desejo de seus colegas por aquela vida, “Nunca pudera compreender os que pareciam gozar o seminário com beatitude”; “Não compreendia também os ambiciosos” (QUEIRÓS, 1998, p. 22). Amaro se constituía em um personagem apático que nada desejava e nunca reagia a suas próprias vontades, mesmo que elas estivessem se manifestando em seu mais profundo ser.

Amaro não desejava nada:

- Eu nem sei, dizia ele melancolicamente.

No entretanto, escutando por simpatia aqueles para quem o seminário era o “tempo das galés”, saía muito perturbado daquelas conversas cheias de impaciente ambição da vida livre. Às vezes falavam de fugir. Faziam planos, calculando a altura das janelas, as peripécias da noite negra pelos negros caminhos: anteviam balcões de tabernas onde se bebe, salas de bilhar, alcovas quentes de mulheres. Amaro ficava todo nervoso: sobre o seu catre, alta noite, revolvava-se sem dormir, e, no fundo das suas imaginações e dos seus sonhos, ardia como uma brasa silenciosa o desejo da Mulher (QUEIRÓS, 1998, p. 23).

Os verdadeiros desejos e ações de Amaro foram sendo manifestados ativamente quando, já formado padre, se mudou para a cidade de Leiria, em Portugal. A cidade que fica de repente sem um pároco é logo contemplada com a presença do padre Amaro, que é hospedado na casa de uma das famílias da região. Na pensão da D. Joaneira, Amaro, que já não era muito inclinado as suas obrigações religiosas, começa a se envolver amorosamente com a filha da dona da casa, Amélia, e, conseqüentemente, descobre que outro membro da igreja e seu superior, o cônego Dias, era amante de D. Joaneira.

A jovem Amélia era noiva do senhor João Eduardo e, ao passar a conviver com Amaro em sua casa, começou a apresentar um comportamento frio com o noivo. Como religiosa fervorosa, se mostrava encantada pelo padre até que o envolvimento dos dois se tornou inevitável. A moça se apaixonou perdidamente por Amaro, enquanto ele

buscava justificativas para explicar seu comportamento anticlerical e carnal.

E diante daquelas dificuldades que se erguiam como as muralhas sucessivas duma cidadela, voltavam as antigas lamentações: não ser livre! não poder entrar claramente naquela casa, pedi-la à mãe, possuí-la sem pecado, comodamente! Por que o tinham feito padre? Fora "a velha pega" da marquesa de Alegros! Ele não abdicava voluntariamente a virilidade do seu peito! Tinham-no impelido para o sacerdócio como um boi para o curral! (QUEIRÓS, 1998, p. 101).

[...] levava as suas acusações mais longe, contra o Celibato e a Igreja: por que proibia ela aos seus sacerdotes, homens vivendo entre homens, a satisfação mais natural, que até têm os animais? Quem imagina que desde que um velho bispo diz - serás casto - a um homem novo e forte, o seu sangue vai subitamente esfriar-se? e que uma palavra latina - accedo - dita a tremer pelo seminarista assustado, será o bastante para conter para sempre a rebelião formidável do corpo? E quem inventou isto? Um concílio de bispos decrepitos, vindos do fundo dos seus claustros, da paz das suas escolas, mirrados como pergaminhos, inúteis como eunucos! Que sabiam eles da Natureza e das suas tentações? (QUEIRÓS, 1998, p. 101).

As justificativas do padre o incentivaram a tomar Amélia como amante e, da mesma maneira que outros casais da literatura fizeram, logo providenciaram um espaço para se encontrar sem levantar suspeitas. O envolvimento do casal resultou na gravidez de Amélia, que é abandonada por Amaro e mandada para o interior a fim de esconder a gravidez. Após o nascimento da criança, Amaro contrata uma "tecedeira de anjos", mulher que recebia crianças para assassiná-las, e entrega seu filho. Sem forças para ficar sem a criança, Amélia acabou falecendo logo após o parto.

Um vislumbre de remorso atingiu Amaro, que tentou recuperar o filho, mas apenas para descobrir que já era tarde demais; seu filho já havia sido assassinado. Abalado com o ocorrido, Amaro deixou Leiria e foi transferido para outra cidade. Posteriormente, em uma conversa com o cônego Dias, é possível observar que o remorso de Amaro já havia se dissipado e a tragédia era um acaso que ele havia superado.

A narrativa de *Mana Silvéria* possui algumas similaridades com *O crime do padre Amaro*, como a presença do anticlericalismo. Os dois homens eram órfãos, mas não tendo o seu destino decidido como Amaro teve, Isidoro já demonstrava a vocação para a vida eclesiástica desde jovem e quando seus pais faleceram, o jovem já se encontrava no seminário. Isidoro era um "trabalhador e estudioso por índole" e, mesmo ocupando o cargo de coadjutor e exercendo suas obrigações de modo empenhado, vivia em uma

espécie de monotonia solitária em que “sentia constantemente uma sensação de vazio por dentro de si e em torno de si” (CANTO E MELO, 1961, p. 15).

A indiferença de Isidoro pela vida modificou-se após o início de sua relação amorosa com Joaquina e a chegada de seus filhos. Entretanto, a quebra do voto de celibato clerical não foi o suficiente para que ele abandonasse o sacerdócio, propagando assim o comportamento imoral e a hipocrisia dentro da igreja. Embora Isidoro não apresentasse um comportamento íntegro e virtuoso esperados dos membros da Igreja Católica, em contraste com o caráter de Amaro, ele foi um homem mais honesto e humano que o outro.

Visto que, mesmo Isidoro tendo se rendido ao pecado carnal e não buscado o perdão ou a punição por seu ato, ele ainda demonstrou afeição e compaixão com a mulher com quem se deitara e tivera filhos, passando a vida ao lado da família, como um devoto benevolente. Embora a reputação da mãe e de seus filhos estivesse propensa a eventuais escândalos, o padre providenciou moradia e documentos que comprovassem a suposta viuvez da mulher. Além disso, criou e educou os filhos ao lado de Joaquina, sem em momento algum lhes esconder a verdade de suas origens.

A possibilidade de uma desonra para a família e a necessidade de proteger os gêmeos foram motivos de preocupações para o padre, que em um último ato de cuidado com seus filhos, os mandou para o Brasil, enquanto permaneceu junto com Joaquina nas terras de Portugal até suas respectivas mortes. Essas ações contraditórias com as do Padre Amaro que, temendo um futuro de desonra e escândalo para si, tentou com que Amélia se casasse grávida com outro homem e posteriormente tentou se livrar do filho, o entregando a tecedeira de anjos e ceifando assim o seu destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalização de mais uma etapa desta pesquisa, que vem sendo desenvolvida nos últimos cinco anos, foi possível chegar a algumas conclusões sobre como e por que o escritor e jornalista Pedro de Castro do Canto e Melo acabou sendo erradicado da memória dos leitores e da literatura brasileira.

O termo “retardatário”, atribuído ao escritor por Lúcia Miguel-Pereira em 1950, atuou como uma mancha sobre a figura de Canto e Melo, contribuindo para o desprezo posterior de críticos e estudiosos que se basearam nas ideias da historiadora para retratar Canto e Melo e a literatura naturalista, já propensa a rebaixamentos por parte de literatos conservadores e tradicionalistas desde o século XIX.

A sombra de “escritor retardatário” perseguiu Canto e Melo até a reedição de *Mana Silvéria*, em 1961, quando nem os melhores esforços de Ênio Silveira, de articulistas na imprensa literária, e da editora Civilização Brasileira, conseguiram romper com a imagem negativa do escritor. Vimos que o próprio editor e articulistas reproduziam lugares-comuns da historiografia do naturalismo, como ver as influências de Zola como um problema e destacar o sexo como um excesso, ou mero chamariz para atrair leitores. Isso resultou no fracasso da reedição de 1961 e contribuiu para o esquecimento do escritor e, conseqüentemente, de suas obras.

A caracterização de Miguel-Pereira de Canto e Melo como um escritor atrasado em seu próprio tempo, incapaz de fazer seu nome em vida e no momento da reedição de *Mana Silvéria* em 1961, também é sustentada na dissertação de Rodrigo Mingotti (2021). Mingotti mantém as opiniões conhecidas sobre o escritor, ajudando pouco a redescobrir Canto e Melo e redimensionar sua obra, embora seu esforço em estudar o naturalismo deva ser aplaudido.

Ademais, as críticas apresentadas nesta pesquisa mostram que os julgamentos negativos da revista *O Pirralho*, dirigida por Oswald de Andrade, podem ter influenciado a opinião do público leitor e crítico da época, assim como a do futuro, devido ao grande peso e importância que o nome de Oswald passou a ter na literatura brasileira pós- Semana de 1922.

A tentativa de menosprezar Canto e Melo foi uma ação de escritores modernistas que posteriormente se tornariam importantes na tradição literária brasileira, como Oswald de Andrade, e cuja principal função seria acusar e apontar a imoralidade de certas obras que acabaram sendo julgadas como pornográficas. Este julgamento foi comum a alguns escritores naturalistas como Émile Zola, Aluísio Azevedo, Adolfo Caminha, Eça de Queirós e Figueiredo Pimentel, que ousaram romper com os moldes culturais e sociais da época e escreveram sobre o real e o físico através de uma literatura verdadeira e crua. Os efeitos por escrever sobre assuntos considerados “ímorais” continuaram a ser perpetuados até os dias da reedição de *Mana Silvéria* em 1961.

As fontes sugerem, portanto, que, como Bilac e Coelho Neto, Canto e Melo foi uma das baixas do movimento modernista, mesmo que escrevesse literatura enxuta e realista, longe da “prosa parnasiana” deplorada pelos modernistas. Seja como for, o naturalismo também era visto pelos modernistas como uma “literatura do passado”, obscena e antiartística, que devia ser superada.

Além dos motivos mencionados acima, Canto e Melo teve que lidar com a rejeição ao seu romance por parte da sociedade patriarcal e tradicionalista, cujos preconceitos estavam enraizados no início do século XIX. O naturalismo sempre caminhou por temáticas divergentes das esperadas pela sociedade conservadora e, por isso, encontrou muitos empecilhos para conseguir se estabelecer na sociedade como uma literatura estimada e respeitável.

Tanto no seu lançamento em 1913 quanto na reedição de 1961, *Mana Silvéria* dispôs em suas páginas temáticas repudiadas pela crítica conservadora, contribuindo, dessa forma, para a rejeição do romance e do naturalismo. Acreditamos que as temáticas anticlerical, abolicionista e a presença da mulher liberada e dona de suas próprias ideias e vontades podem ter contribuído para o surgimento de uma barreira na crítica tradicional, apesar de as segundas edições de *Alma em delírio* e *Mana Silvéria* serem provas irrefutáveis de sucesso de público e vendas.

Ao finalizar este estágio da pesquisa, esperamos que esta dissertação contribua para a redescoberta e valorização de Pedro de Castro do Canto e Melo e sua obra naturalista, assim como auxilie no desenvolvimento de uma nova historiografia do naturalismo no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 17 jul. 1919, p. 6.
- ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1936, p. 15.
- ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1936, p. 8.
- AGUDO, José. São Paulo Intelectual. *O Pirralho*. São Paulo, 15 nov. 1913, p. 7, nº 117, ANNO II.
- ALGUNS LIVROS DE 1913. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 28 e 29 maio 1955, p. 10.
- ALMA EM DELÍRIO. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 16 jun. 1914, p. 4.
- ALMEIDA, Julia Lopes de. Dois Dedos de Prosa. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 09 jul. 1912, p. 1.
- ALMEIDA, Silvio de. A Galatéia. *O Almanaque do Garnier*. Rio de Janeiro, 1904, p. 303.
- ALMOÇAÇÃO. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, 15 dez. 1920, p. 23, nº 188, Anno 4.
- ANNUNCIOS. *Correio Paulistano*. São Paulo, 5 out. 1892, p. 3.
- ARTES E LETRAS. *Careta*. Rio de Janeiro, 2 de maio 1914a, p. 44, nº 306, Anno VII.
- ARTES E LETRAS. *Careta*. Rio de Janeiro, 30 maio 1914b, p. 10, nº 310, Anno VII.
- AS ATIVIDADES DA ACADEMIA RIOGRANDENSE DE LETRAS DO ANO DE 1936. *A Nação*. Rio de Janeiro, 3 fev. 1937, p. 4.
- ASSALTO DE ARMAS. *Diario do Brazil*. Rio de Janeiro, 8 dez. 1883, p. 1.
- ATHOS. Redacções na intimidade. *Jornal do Commercio*. Vida Paulista. São Paulo, 16 set. 1922, p. 19 e 20, nº 24, Anno III.
- AUTOBIOGRAPHIA. *O Pirralho*. São Paulo, 2 out. 1915, p. 3, nº 203.
- BAGULEY, David. *Naturalist fiction. The entropic vision*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BENJAMIN Constant. *Correio Paulistano*. São Paulo, 18 out. 1890, p. 2.

BERTOLLI FILHO, C. *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

BIANCHETTI, Stefano. Bridgeman Images. The death of queen Brunhilda of Austrasia, a Visigothic princess, married to king Sigebert I of Austrasia - Death of Brunehaut (or Brunehilde) ordered by Clotaire (Clothaire) II (613). *Draws and grave by Ambroise Tardieu in 1825.*

BIBLIOGRAPHIA. *Correio Paulistano*. São Paulo, 27 de dez. 1920, p. 1.

BIBLIOTHECA DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO. *Correio Paulistano*. São Paulo, 13 jun. 1914, p. 4.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2015. p. 170

BRITO, J. Às segundas. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 12 e 13 maio 1913, p. 3.

BUCÓLICA. *Fon Fon: Semanario Alegre, Político, Crítico e Espusiente*. Rio de Janeiro, 31 jan. 1914, p. 36, nº 5, Anno VIII.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. CANTO E MELO. *A Vida Moderna*. São Paulo, 9 dez. 1920, p. 25, nº 396, Anno XVI.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. *Alma em delírio*. São Paulo: Editora O Pensamento, 1912.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. *Bucólica*. São Paulo: Editora O Pensamento, 1914.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. *Mana Silvéria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. *Recordações*. São Paulo: Editora O Pensamento, 1923.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. *Relíquias da memória*. São Paulo: Editora O Pensamento, 1920.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Ao Meio-Dia. *A Província do Espírito-Santo: Jornal*. Espírito Santo, 17 nov. 1889, p. 1.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Cantilenas. *A União: Orgão do Partido Republicano do estado da Parahyba*. Paraíba, 4 jun. 1898, p. 2.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Ciganos. *Pharol*. Minas Gerais, 27 mar. 1890, p. 2.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Estudando. *Pacotilha*. Maranhão, 22 nov. 1889, p. 2.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Manhã. *A Notícia*. Paraná, 1 mar. 1908, p. 2.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Morta. *A República: órgão do Partido Republicano*. Paraná, 13 fev. 1891, p. 2.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Na vida. *Diário de Notícias*. Pará, 7 nov. 1888, p. 3.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Primavera. *A Província: Órgão do Partido Liberal*. Pernambuco, 18 fev. 1891, p. 2.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Quatro Sonetos. *Pacotilha*. Maranhão, 19 nov. 1889, p. 2.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Saudade. *Pacotilha*. Maranhão, 21 ago. 1908, p. 1.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Scimas – O Poeta. *Cruzada: Publicação quinzenal*. Rio de Janeiro, 8 set. 1883, p. 3.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Serenata. *A Província do Espírito-Santo: Jornal consagrado aos interesses provinciaes, filiado à escola liberal*. Espírito Santos, 28 de out. 1888, p. 3.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Sonhos Loucos. *Pharol*. Minas Gerais, 22 ago. 1916, p. 2.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Um caso cirúrgico em S. Paulo. *A Federação: Órgão do Partido Republicano*. Rio Grande do Sul, 6 set. 1902, p. 1.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Um bonito caso cirúrgico em São Paulo. *Jornal de Caxias: Orgão Commercial e Noticioso*. Maranhão, 10 jan. 1903, p. 2.

CANTO E MELO, Pedro de Castro do. Uma homenagem ao autor das “Relíquias da Memória”. *A Gazeta*. São Paulo, 19 nov. 1920, p. 2.

CARVALHO, J. J de. *O Pirralho*. São Paulo, 13 dez. 1913, p. 5, nº 121, ANNO II.

CARVALHO, Vicente de. *Poemas e canções*. 17.ed. São Paulo: Saraiva, 1965.

CARVALHO, Vicente de. As Letras de S. Paulo. *Commercio de São Paulo*. São Paulo, 5 abr. 1905, p. 1 e 2.

CASAMENTO CIVIL. *O Mercantil*. São Paulo, 12 mar. 1891 p. 1.

CAVALCANTI, Valdemar. Fatos, temas e ideias: ano editorial de 61 será mais intenso. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 28 jan. 1961a, p. 8.

CAVALCANTI, Valdemar. Jornal Literário. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 19 set. 1961b, p. 10.

CAVALCANTI, Valdemar. Jornal Literário. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 21 jan. 1961c, p. 6.

CAVALCANTI, Valdemar. Nomes, fatos, livros, notícias. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 17 set. 1961d, p. 14.

CAVALCANTI, Valdemar. Notícias em Poucas Linhas. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 27 ago. 1961e, p. 10.

CHRONICA SOCIAL. Almoço. *Correio Paulistano*. São Paulo, 6 dez. 1920, p. 4.

CHRONICA SOCIAL. Aniversários. *Correio Paulistano*. São Paulo, 6 abr. 1909, p. 3.

CHRONICA SOCIAL. Falecimentos. *O Commercio de São Paulo*. São Paulo, 7 jan. 1906, p. 2.

CONDÉ, José. Escritores e livros. Os melhores de 1961. *Correio da Manhã*, Segundo Caderno, Rio de Janeiro, 31 dez. 1961, p. 2.

CONSORCIO. *Correio Paulistano*. São Paulo, 1 abr. 1891a, p. 1. CONSORCIO. *O Mercantil*. São Paulo, 31 mar. 1891b p. 1.

CORRÊA, Joanna Silveira. Naturalismo e esquecimento: recepção crítica da reedição do romance *Mana Silvéria*, em 1961, de Pedro de Castro do Canto e Melo. *Da Gaveta*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 23-30, jun. 2022.

CORRÊA, Patrícia Alves Carvalho. *O naturalismo em perspectiva comparada: de Émile Zola a Aluísio Azevedo*. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras. 2011, 297f.

CORREIA, Leoncio. Os livros da semana. *Para Todos*. Rio de Janeiro, 12 jan. 1924, p. 2, nº 38.

D. PAULO EM S. QUIXOTE. *D. Quixote*. Rio de Janeiro, 16 fev. 1921, p. 19, nº 197, Anno 5.

D'ALÉM, Silvano. Última Prece. *Folha do Norte*. Pará, 29 nov. 1896, p. 1.

DAMACENO, Fernanda Alves; OHMAYE, Helio; GALVÃO, José Renato Margarido. A Civilização Brasileira nas Capas de Eugênio Hirsch: política e transgressão. *CJE0625 - História do Livro no Brasil*, São Paulo. Universidade De São Paulo – Eca – Depto. De Jornalismo E Editoração. 2019, p. 1 a 46.

CONCEDEU-SE AO PAISANO PEDRO DE CASTRO DO CANTO E MELO. *Diario do Brazil*. Rio de Janeiro, 26 jul. 1881, p. 3.

DEL PICCHIA, Menotti. O romance paulista. *Diário de Pernambuco*. 12 out. 1937, p. 4.

DEL PICCHIA, Menotti. Romance nacional. *Correio Paulistano*. São Paulo, 02 dez. 1919, p. 1.

DIÁRIO DO COMMERCIO DE S. PAULO. *A Provincia: Órgão do Partido Liberal*. Pernambuco, 15 jul. 1890, p. 2.

DIARIO OFFICIAL. *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*. Rio de Janeiro, 1901, p. 1382.

DIVERSAS. *A Opinião Nacional*. Obituários. Rio de Janeiro, 14 jun. 1893, p. 2.

DOMINICAES. *O Fluminense*. Rio de Janeiro, 03 ago. 1902, p. 1.

DUQUE-ESTRADA, Osorio. Registro Literário. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 22 out. 1924, p. 6.

DUQUE-ESTRADA, Osorio. Registro Literário. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 set. 1923, p. 8.

DUQUE-ESTRADA, Osorio. Registro Literário. *Correio da Manhã*, 22 jul. 1912, p. 1.

ENEIDA. Encontro Matinal. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 ago. 1961, p. 12.

ESCOLA MILITAR. *Diario do Brazil*. Rio de Janeiro, 4 nov. 1885, p. 2.

ESTAÇÃO DE PARIS. *Commercio de Portugal*. Portugal, 26 jul. 1896, p. 3. ESTADOS UNIDOS. *O Mercantil*. São Paulo, 05 jul. 1890, p. 1.

EXCURSÃO AO YPANEMA. *Correio Paulistano*. São Paulo, 26 jun. 1890, p. 2. FALA COELHO NETO. *O Jornal*. Maranhão, 11 jan. 1922, p. 2.

FALLECEU O NOTAVEL ESCRITOR CANTO E MELLO. *Correio Paulistano*. São Paulo, 02 nov. 1934, p. 9.

FALLECIMENTOS. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 03 nov. 1934, p. 7.

FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 28 jan. 1937, p. 5.

FEIJÓ, Joaquim. Com ares de chronica. *A Gazeta*. São Paulo, 04 dez. 1920, p. 1.

FERREIRA, J. P. (org.) *Ênio Silveira* (Editando o Editor: vol. 3). São Paulo: Edusp, 1992.

FESTAS ACADEMICAS. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 25 jun. 1890, p. 2.

FRANÇA, Júlio; SENA, Marina. O gótico-naturalismo em Rodolfo Teófilo. *Soletras*, n. 30, 2015, p. 23-38.

FREI JOÃO. Livros. *Careta*. Rio de Janeiro, 15 mar. 1913, p. 33, nº 250, ANNO VI.

FREIRE, Júlio. Chronica Literária. *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte*. São Paulo, 23 mar. 1922, p. 7 e 8, nº 427, Anno XVIII.

FURST, L. R., & SKRINE, P. N. *Naturalism*. [London], Methuen, 1971

GAUCHITA. Colaboração das Leitoras. Do Rio Grande do Sul. *A Cigarra*. São Paulo, 1921, p. 44, nº 157, Anno VIII.

GAZETILHA. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 18 jan. 1902, p. 1.

GUSMÃO, Breno. A nossa enquete literária. *O Pirralho*. São Paulo, 18 jul. 1914, p. 18, nº 151.

HURET, Jules. *Enquête sur l'évolution littéraire: conversations avec MM. Renan, de Goncourt, Émile Zola, Guy de Maupassant, Huysmans, Anatole France, Maurice Barrès... etc.* Paris. L'Écho de Paris, 1891.

HYDROCELE. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 01 abr. 1910, p. 9. IMPRENSA. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 27 jan. 1908, p. 2.

J. L. Notícias Literárias. *Jornal do Commercio Edição da Tarde*. Rio de Janeiro, 11 jun. 1912, p. 3.

JORNAL DOS JORNAES. *Correio Paulistano*. São Paulo, 12 jun. 1890a, p. 2. JORNAL DOS JORNAES. *Correio Paulistano*. São Paulo, 17 maio 1890b, p. 2.

JORNAL DOS JORNAES. *Correio Paulistano*. São Paulo, 02 maio 1890c, p. 2. JORNAL DOS JORNAES. *Correio Paulistano*. São Paulo, 05 jan. 1895, p. 1.

KALIFA, Dominique. Enquête et "culture de l'enquête" au XIXe siècle. *Romantisme*, n. 149, 2010/3, p. 3-23.

KLAXON - MENSARIO DE ARTE MODERNA. São Paulo, 15 set. 1922, p. 20, nº 5.

L'ALA IGNOTA. Livros Novos. *A Cigarra*. São Paulo, 1921, p. 35, nº 163, Anno VIII.

LETRAS E ARTES. *Ilustração Paulista*. São Paulo, 6 jun. 1912, p. 32, nº 71, Anno II.

LETRAS E LETRAS. 'Alma em Delírio' por Canto e Mello. *Correio Paulistano*. São Paulo, 6 abr. 1914a, p. 2.

LETRAS E LETRAS. 'Bucólica' por Canto e Mello. *Correio Paulistano*. São Paulo, 19 jan. 1914b, p. 1 e 2.

LILTI, Antoine. *Figures publiques. L'invention de la célébrité 1750-1850*. Paris: Fayard, 2014

LIMA, Augusto de. Notas Literárias. *O Imparcial. Diário Illustrado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 11 out. 1920, p. 2.

LIMA, Augusto de. Notas Literárias. *O Imparcial. Diário Illustrado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 25 ago. 1923, p. 7.

LIVROS. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 14 dez. 1914, p. 9.

LIVROS DA SEMANA. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 ago. 1961, p. 8. LIVROS.

FOLHETOS E REVISTAS. *O Correio da Manhã*. Lisboa, 25 jul. 1896, p. 4.

LIVROS NOVOS. *Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Esfuziante*. Rio de Janeiro, 22 fev. 1913, p. 40, nº 8, ANNO VII.

LIVROS NOVOS. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 4 maio 1913, p. 3.

LIVROS NOVOS. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 6 jun. 1912, p. 4.

LIVROS NOVOS. *Recordações*, por Canto e Melo. *A Noite*. Rio de Janeiro, 20 ago. 1923, p. 5.

LIVROS NOVOS. *S. Paulo Illustrado*. São Paulo, nº 40, 1920, Anno I, p. 11.

LIVROS RECEBIDOS NA QUINZENA. *Ilustração Pelotense*. Rio Grande do Sul, nº 3, 4, 6, 7, 8 e 10, Anno V, 1923.

LOBATO, Monteiro. *Correio Paulistano*. São Paulo, 31 out. 1948, p. 6. LOPES, Oscar. A Semana. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 22 jun. 1913, p. 1.

LUZ, Maria da. Da Minha Janella. *Ilustração Paulista*. São Paulo, 13 jul. 1912, p. 12, nº 75, Anno II.

MALA DA NOITE. *Diario do Commercio*. Rio de Janeiro, 7 set. de 1891, p. 3.

MANA SILVÉRIA. *A Federação: Órgão do Partido Republicano*. Rio Grande do Sul, 29 jan. 1913, p. 5.

MANTO DE ARLEQUIM. *Diário da Noite*. São Paulo, 4 fev. 1928, p. 5.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1971, v. 5

MARTINS, Wilson. Estilo e Assunto. *Suplemento Literário*. São Paulo, 11 nov. 1961, p. 2.

MAIA, Alcides. Literaturas. *A Federação: Orgam do Partido Republicano*. Rio Grande do Sul, 8 dez. 1920, p. 1 e 2.

MEIRA, Mauritônio. Vida Literária. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 7 set. 1960, p. 6.

MEIRA, Mauritônio. Vida Literária. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 20 jan. 1961, p. 12.

MELO, Mário. Livros e Folhetos. *O Diário de Pernambuco*. Pernambuco, 25 fev. 1916, p. 2.

MELO, Mário. *Recordações*. *Pequeno Jornal: Jornal Pequeno*. Pernambuco, 01 out. 1923, p. 1.

MENDES, Leonardo & CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. Naturalismo aqui e lá-bas. *O eixo e a roda*, v. 18, n. 1, 2009, p. 109-127.

MENDES, Leonardo; VIEIRA, Renata Ferreira. Epopeia da impotência humana: naturalismo, desilusão e banalidade no romance brasileiro do final do século XIX. *Revista E-scrita*, n. 3, p. 139-152, set.-dez. 2012.

MENDES, Leonardo. *Histórias para sorumbáticos: Pedro Rabelo e a literatura licenciada na Belle Époque*. In: NEGREIROS, Carmem; OLIVEIRA, Fátima; CHAUVIN, Jean Pierre;

GENS, Rosa (Org.). *Belle Époque: efeitos e significações*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2018, p. 90-109.

MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Prosa de ficção (De 1870 a 1920)*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio: 1957.

MINGOTTI, Rodrigo Donizeti. *Heranças do romance naturalista: alcoolismo e distúrbios psicológicos em Alma em delírio, de Canto e Mello*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras), UNESP, São José do Rio Preto, 2021.

MINISTÉRIO DA GUERRA. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 31 jul. 1881, p. 2.

MOVIMENTO FORENSE. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17 jul. 1904, p. 2.

MORAES, Santos. Gazetilha Literária. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 13 set. 1961a, p. 6.

MORAES, Santos. Gazetilha Literária. Notícias. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 24 ago. 1961b, p. 6.

MORTE DE UM CONHECIDO ESCRITOR PAULISTA. *O Radical*. Rio de Janeiro, 2 nov. 1934, p. 5.

NOGUEIRA, C. Asperti. *Revista Careta (1908-1922): Símbolo Da Modernização Da Imprensa No Século XX*. Miscelânea: Revista De Literatura E Vida Social, v. 8, 60–80. São Paulo, 2010.

NOGUEIRA, Júlio Cesar Giacomelli. *Letra e imagem: a tipografia nas capas de livros desenhadas por Eugênio Hirsch*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

NOTAS & NOTÍCIAS. *O Commercio de São Paulo*. São Paulo, 10 nov. 1907, p. 3.

NOTAS. *Correio Paulistano*. São Paulo, 19 jan. 1916, p. 3.

NOTAS. *Correio Paulistano*. São Paulo, 29 jan. 1916, p. 2.

NOTAS. *Vida Moderna. A Imprensa*. Rio de Janeiro, 30 ago. 1912, p. 2.

NOTÍCIAS DE S. PAULO E RIO GRANDE DO SUL. *Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 9 jan. 1914, p. 4.

NOTÍCIAS DE S. PAULO. *A imprensa*. Rio de Janeiro, 14 jan. 1912, p. 3. NOTINHAS AOS SÁBADOS. *O Fluminense*. Niterói, 2 de ago. 1902, p. 1.

NOVIDADES NA ESTANTE. *Diário do Paraná: Órgão dos Diários Associados*. Curitiba, 16 maio 1962, p. 9.

NUNES, Gabriela Krugel dos Santos. *Vida amorfa: Pardal Mallet e o naturalismo da desilusão*. Dissertação de Mestrado (em Estudos Literários), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

O FATO LITERÁRIO. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 set. 1961, p. 9.

O FATO LITERÁRIO. *Escritores e Livros. Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 31 dez. 1961, p. 16.

O GOSTO LITERÁRIO DO DR. SILVIO D'ALMEIDA. *O Pirralho*. São Paulo, 22 jun. 1912, p. 5, nº 46.

O LIVRO DO DIA. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 8 out. 1920, p. 2.

O NOSSO CORREIO. *Tribuna Militar*. Rio de Janeiro, 29 set. 1881, p. 1. O “PAIZ” EM S. PAULO. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 20 maio 1912, p. 2.

OS MUNICIPIOS. *A Capital*. Rio de Janeiro, 25 set. de 1902, p. 2.

OS RATOS. *Mana Silvéria* ou Um romance que demoliu o romancista. *O Pirralho*. São Paulo, 8 mar. 1913a, p. 14 e 15, nº 81, ANNO II.

OS RATOS. *Mana Silvéria* ou Um romance que demoliu o romancista. *O Pirralho*. São Paulo, 15 mar. 1913b, p. 14 e 15, nº 82, ANNO II.

OS RATOS. O “fundo científico” de um romance. *O Pirralho*. São Paulo, 22 mar. 1913c, p. 12, nº 83, ANNO II.

O SR. CANTO E MELO. *O Pirralho*, n. 90, 10 maio 1913, p. 23.

PACHOLA. Banco de Portugal e do Brasil. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, 2 maio 1892, p. 3.

PARAHYBA. *Correio Paulistano*. São Paulo, 27 fev. 1918, p. 6. PESAMES. *A Gazeta*. São Paulo, 25 set. 1933, p. 2.

PIERRE, Arnaud. Um livro e um autor exumado. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 16 set. 1961, p. 9.

PIMENTEL, Figueiredo. *O aborto*: organização Leonardo Mendes, Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. – 1. ed. - Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

PINGOS DE ARTE. *Vida Paulista*. São Paulo, 1 jan. 1922, p. 5 e 6, nº 7, Anno III.

PINTO, Simões. São Paulo Intelectual. *O Pirralho*. São Paulo, 22 de nov. 1913, p. 10, nº 118, ANNO II.

PINTO, Simões. São Paulo Intelectual. *O Pirralho*. São Paulo, 16 de mai. 1914, p. 8 e 9, nº 143, ANNO III.

PIRES, Herculano. Sabatinas Literárias. *Diário da Noite*. São Paulo, 10 fev. 1962, p. 6.

PROTOCOLLO. *O Malho*. Rio de Janeiro, São Paulo, 6 nov. 1920, p. 7, nº 947, Anno XIX.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS. *O Imparcial*. Rio de Janeiro, 10 out. 1920, p. 6.

PUBLICAÇÕES. *Correio Paulistano*. São Paulo, 26 jan. 1918, p. 3.

PUBLICAÇÕES. *Correio Paulistano*. São Paulo, 28 maio 1912, p. 5. QUATRO ANNOS. *O Pirralho*. São Paulo, 4 set. 1915, p. 3, nº 201.

QUEIRÓS, Eça de. *O Crime do Padre Amaro*. 12ª ed., São Paulo: Ática, 1998.

RELÍQUIAS DA MEMÓRIA, POR CANTO E MELLO. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 nov. 1920, p. 3.

RELÍQUIAS DA MEMÓRIA. Um almoço a Canto e Mello. *A Gazeta*. São Paulo, 8 nov. 1920, p. 4.

RECORDAÇÕES. *Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico e Espusiente*. Rio de Janeiro, 22 set. 1923, p. 4, nº 38, Anno XVII.

RECORDANDO-SE DOS BONS TEMPOS. *A Gazeta*. São Paulo, 18 dez. 1916, p. 5.

REGISTRO DE ARTE. Cultura Artística. *Correio Paulistano*. São Paulo, 15 fev. 1912, p. 4.

REGISTRO LITERÁRIO. Bucólica, versos de Canto e Mello. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1914, p. 1.

RELÍQUIAS DA MEMÓRIA – Romance de Canto e Mello. *A Vida Moderna*. São Paulo, 3 nov. 1920, p. 34, nº 394, Anno XVI.

REMINISCÊNCIAS ACADÊMICAS 1887- 1891. *Autores e Livros: suplemento literário de A Manhã*. 1 ago. 1943, p. 11.

REPORTAGEM CARNAVALESCAS. *A Cigarra*. São Paulo, p. 29 e 30, nº 202 e 203, Anno X.

REQUERIMENTOS DESPACHADOS. *A Vanguarda*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1886, p. 1.

RIBEIRO, Júlio. *A Carne*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1972.

RIO GRANDE DO SUL. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 10 dez. 1920, p. 5.

ROCHA, Franco da. *A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte*. São Paulo, 17 maio 1923, p. 29, nº 452, Anno XIX.

ROSA, ROSA DE AMOR. *O Commercio de São Paulo*. São Paulo, 28 ago. 1901, p. 1.

ROTEIRO. *A Luta Democrática: Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar*. Rio de Janeiro, 19 fev. 1962, p. 7.

S. Algumas Notas Literárias. *O Imparcial: Diário Ilustrado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 25 fev. 1913, p. 4.

S. PAULO. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 9 jan. 1914, p. 5.

SALES, Fernandes. Livros Novos de 1920. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, 1970, p. 48, nº 41, ANNO XIII.

SANTANA, Maria Helena. *Literatura e ciência na ficção do século XIX. A narrativa naturalista e pós-naturalista portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2007.

SANT'ANNA, Nuto. Academia Paulista. *A Gazeta*. São Paulo, 15 maio 1915, p. 2.

SANT'ANNA, Nuto. Letras e Letras. *Correio Paulistano*. São Paulo, 6 abr. 1914, p. 1.

SÃO PAULO INTELECTUAL. *O Pirralho*. São Paulo, 13 set. 1913a, p. 15, nº 108, ANNO II.

SÃO PAULO INTELECTUAL. *O Pirralho*. São Paulo, 8 nov. 1913b, p. 11, nº 116, ANNO II.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES. *Correio Paulistano*. São Paulo, 18 nov. 1915, p. 8.

SECÇÃO DE INFORMAÇÕES. *Correio Paulistano*. São Paulo, 24 nov. 1915, p. 7.

SECÇÃO JUDICIARIA. *Correio Paulistano*. São Paulo, 17 jul. 1904, p. 2.

SECÇÃO JUDICIARIA. *Correio Paulistano*. São Paulo, 19 jan. 1902, p. 2.

SEIXAS, Aristeu. A Literatura Paulista. *Correio Paulistano*. São Paulo, 26 jun. 1913a, p. 2.

SEIXAS, Aristeu. Da Tribuna e da Imprensa. *Correio Paulistano*. São Paulo, 29 dez. 1913b, p. 1.

SEIXAS, Aristeu. Homens e Livros. *Correio Paulistano*. São Paulo, 16 jan. 1916, p. 2.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. *O naturalismo e o naturalismo no Brasil. Questões de forma, classe, raça e gênero no romance brasileiro do século 19*. São Paulo: Alameda Editorial, 2022.

SILVA, J. P. da. *História literária do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2013.

SINZIG, Pedro. *Através dos romances: guia para as consciências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes de Petrópolis, 1915.

SOCIEDADE BRASILEIRA DOS HOMENS DE LETRAS. *Correio Paulistano*. São Paulo, 11 out. 1915, p. 5.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA. Ilustração Paulista. *A Vida Moderna*. São Paulo, 3 de out. 1912, p. 19, nº 197, Anno VII.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SUCCURSAL DO PAIZ. *Correio Paulistano*. São Paulo, 20 maio 1912, p. 4.

TELEGRAMMAS. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1888a, p. 1.

TELEGRAMMAS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28 nov. 1888b, p. 2.

TELEGRAMMAS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 dez. 1891, p. 1.

TELEGRAMMAS. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1900a, p. 1.

TELEGRAMMAS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 jul. 1890, p. 1

TELEGRAMMAS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1900b, p. 1.

TERRA, Joachim da. Redenção. *O Pirralho*, São Paulo, 6 dez. 1913, p. 3, 4 e 5, nº 120.

TELEGRAMMAS DE S. PAULO. *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 9 jan. 1914, p. 3.

THEATROS E FESTAS. *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 7 jul. 1890, p. 1.

TINOCO, Aguiar. A nossa enquete literária. *O Pirralho*. São Paulo, 4 jul. 1914, p. 18, nº 149.

ÚLTIMOS LIVROS. *Ilustração Pelotense*, Pelotas, 16 maio 1923, p. 25.

VÁRIAS. *A Federação: Orgam do Partido Republicano*, Rio Grande do Sul, 12 jun. 1936, p. 2.

VÉRILHAC, Yoan. Un moment républicain de l'histoire littéraire. L'Enquête sur l'évolution littéraire de Jules Huret, in COUSSON (Agnès) (dir.), *L'Entretien du XVIII siècle à nos jours*. Paris: Classiques Garnier, 2021, p. 261-273.

VERÍSSIMO, José. A literatura do dia. *A Imprensa*. Rio de Janeiro, 10 dez. 1913, p. 1 e 2.

VICTOR, Manoel. Sobre Literatura. *Recordações. A Vida Moderna: Literatura Actualidades Arte*. São Paulo, 28 set. 1923, p. 27 e 28, nº 460, Anno XIX.

VIEIRA, Cléber Santos. Civismo, República e manuais escolares. *Revista Brasileira de História*, n. 32 (63), 2012.

YORICK. Boletim Literário. *Gazeta Artística*. São Paulo, jun. e jul. 1912, p. 10, nº 11, Anno III.